

MEU PRIMO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

Aportes biográficos
de Adolpho Lindenberg

Meu primo

PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA



Meu primo Plínio Corrêa de Oliveira

Aportes biográficos
de Adolpho Lindenberg



São Paulo, junho de 2016



Responsabilidade editorial:

Associação Instituto Plínio Corrêa de Oliveira
Rua Maranhão, 341
Bairro Higienópolis
São Paulo-SP
CEP 01240-001
<http://www.ipco.org.br>

Editora

Artpress – Indústria Gráfica e Editora Ltda.
Rua Visconde de Taunay, 364 – Bom Retiro
01132-000 – São Paulo – SP
Fone: (011) 3331-4522 / Fax: (011) 3331-5631
www.livrariapetrus.com.br
petrus@livrariapetrus.com.br

Projeto gráfico e arte final

Luis Guillermo Arroyave

© Copyright 2016

ASSOCIAÇÃO INSTITUTO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão deste livro, no todo ou em partes, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito da Associação Instituto Plínio Corrêa de Oliveira.

Nota:

As siglas que figuram como fontes dos textos apresentados neste livro seguem a nomenclatura empregada pela Comissão Plínio Corrêa de Oliveira, responsável pela transcrição, digitalização e conservação de tais exposições no *Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO)*.

A seguir, é exposto o significado das mencionadas siglas.

CSN: *Conversa de Sábado à Noite*, conversa informal na casa de Dr. Plínio aos sábados à noite.

MNF: Conversas com um grupo de pessoas sobre temas sócio-filosóficos.

RR: *Reunião de Recortes*. Reunião comentando recortes de jornais e revistas.

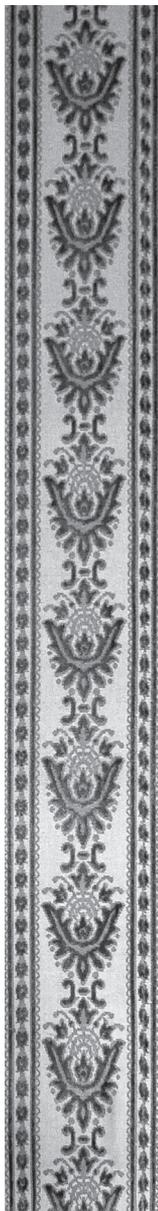
* * *

Heresia branca: Com esta expressão, Plínio Corrêa de Oliveira se referia a certa forma de piedade que se disseminou a partir do início do século passado. A piedade cristã, varonil, combativa, afirmativa, começou então a ser contaminada por um sentimentalismo, não raras vezes romântico, piegas, dulçuroso e minimalista.



Índice

Apresentação.....	7
Plínio Corrêa de Oliveira	
– Mentalidade, gostos, trato, conversa, relacionamento social.....	9
Plínio Corrêa de Oliveira (entrevista para “Catolicismo”).....	33
O mundo de Dr. Plínio.....	49
Reuniões na rua Imaculada Conceição.....	57
Aspectos da espiritualidade de Dr. Plínio – O revide da honra de Deus....	61
I – <i>A visão de Deus como Criador, majestático, magnificente, ápice de todos os ápices. O centro monárquico de seu pensamento</i>	64
II – <i>Devoção a Nossa Senhora</i>	69
III – <i>Amor à ordem hierárquica e sacral do Universo</i>	72
IV – <i>O amor à Igreja – sua cruz</i>	85
V – <i>Radicalidade e combatividade</i>	86
VI – <i>Porte senhorial e o conceito de “geração velha”</i>	92
VII – <i>Patriarcalidade</i>	95



VIII – <i>Discernimento dos espíritos, percepção de imponderáveis, previsões proféticas</i>	101
IX – <i>Vocação de reivindicar a honra e a glória de Deus Todo-Poderoso</i>	103
X – <i>Apreço pela aristocratização</i>	115
Visão simbólica, histórica e artística do mundo, traço marcante e original da personalidade de Plínio Corrêa de Oliveira.....	127
Anexos.....	133
Luís XIV.....	135
Honra, segundo Dr. Plínio.....	137



Apresentação

Muitos livros foram publicados sobre Dr. Plínio — biografias, pensamento, vida pública, e recentemente o Prof. Roberto de Mattei escreveu o mais completo deles — *Plínio Corrêa de Oliveira, Profeta do Reino de Maria*. Esta publicação é mais modesta, visa apenas apresentar alguns artigos e exposições que fiz relatando minha convivência com meu primo ao longo de setenta anos — ele nasceu em 1908, eu em 1924. Esses artigos são esparsos, não possuem uma sequência lógica e contêm repetições de algumas apreciações por mim feitas.

O interesse para o leitor deste pequeno livro consiste no fato de ele relatar a formação de sua personalidade, sua psicologia e sua transformação de jovem líder mariano na portentosa figura de precursor do Reino de Maria.

Comecei a participar de sua companhia diária a partir de fins da década de 30, quando sobre ele desencadeou-se a fúria persecutória movida pelos liturgicistas e progressistas. Diversos membros de nosso grupo incipiente se afasta-

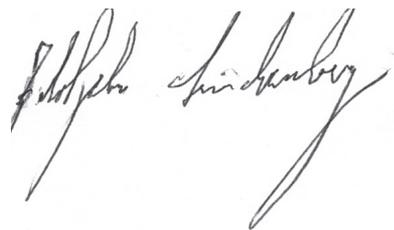




ram, bispos que o apoiavam, bem como amigos de lutas contra o divórcio passaram a hostilizá-lo. Enfrentamos todo tipo de dificuldades, inclusive financeiras, perdemos o “Legionário”, fomos dispensados pelas Faculdades nas quais dávamos aulas.

Apesar disso, Dr. Plínio sempre afirmava que tinha uma verdadeira saudade desses tempos de luta e ostracismo, mas nos quais foi possível formar, com a ajuda de seis ou sete amigos e seguidores, o núcleo da futura *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*.

Agradeço ao nosso primo, Marcelo Uchôa da Veiga, o empréstimo de fotografias de personagens com os quais Dr. Plínio conviveu em sua juventude, em especial de “seus queridos primos”.

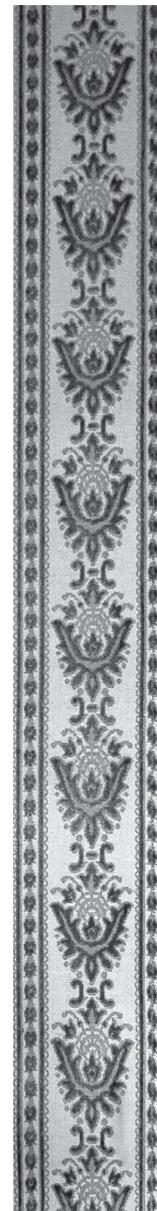




PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

Mentalidade, gostos, trato, conversa, relacionamento social

Convivi com Plínio Corrêa de Oliveira durante toda a minha vida, mas as lembranças que guardei dos bons tempos em que vivemos na casa de nossa avó, Gabriela Ribeiro dos Santos — lá pelos anos 1930, quando ele tinha vinte e poucos anos, e eu seis ou oito — são, a meu ver, as que podem fornecer os elementos para uma boa compreensão de quem ele foi na sua intimidade: idealista e ainda desconhecedor das grandes batalhas que teria de enfrentar. Qual era o relacionamento que mantinha com seus primos — tão harmonioso, na maioria das vezes, e tão conflitante, vez ou outra? Qual era o ambiente em que ele viveu enquanto jovem e se preparava para iniciar uma carreira política fulgurante, a ponto de ter-se eleito, aos 24 anos de idade, como o deputado federal mais votado na Constituinte de 1933-34? Qual foi a evolução que permitiu ao menino do Colégio São Luís — bom aluno, religioso e monarquista de coração — trans-





formar-se no líder político católico de maior projeção no Brasil, por ocasião do IV Congresso Eucarístico Nacional em 1942?

É curioso como as recordações do tempo de criança, por mais ingênuas, limitadas e fugidias que possam ser, resguardam de modo vivo, marcante, a lembrança das características pessoais dos parentes e amigos com os quais se conviveu. Mais ainda, pelo fato de estarem preservadas das padronizações impostas pelo *establishment*, possuem uma autenticidade de valor inestimável para a fiel reconstrução de quadros do passado.

Baseado, por conseguinte, nas minhas memórias, já antigas de 70 anos, procurarei discorrer sobre os temas sugeridos pelo título deste pequeno testemunho.

*

Vovó Gabriela Ribeiro dos Santos foi uma senhora que marcou época na sociedade paulista do início do século passado. Sociedade formada por famílias tradicionais, cônica de sua influência social e política, aristocrática enquanto ordenativa da cultura, dos costumes e do *savoir-faire* dos paulistanos.

Um quadro que pertencia a Plínio, pintado por um conhecido retratista francês, apresenta Vovó como uma bela senhora, com olhar sobranceiro, vivo, inteligente e maternal. Era monarquista, e no meio republicano em que vivia nunca escondeu de ninguém suas relações com a Princesa Isabel, então exilada na França. Podia-se mesmo dizer que Vovó foi uma expressão do Brasil antigo, tinha hábitos em que se sentia o Império, o Brasil do interior.

Tendo ficado viúva ainda relativamente moça, sempre se preocupou em manter a família



Dr. Antonio e
D. Gabriela com 4 de seus
5 filhos. De esq. à dir.: Iaiá
(Eponina, minha mãe),
Gabriel, Lucilia (mãe de
Plínio) e Antonio; depois
nasceria Zili (Brazilina).

unida, fazendo questão de que seus cinco filhos — Gabriel, Lucilia (mãe de Plínio), Antonio, Iaiá (Eponina, minha mãe), e Zili (Brazilina) — fossem visitá-la com seus consortes, quase todos os dias. O ambiente de sua casa, a partir das cinco horas da tarde, ia se transformando como que numa festa, com tantos parentes e amigos enchendo a espaçosa residência dos Campos



Tio Gabriel, sentado à esquerda, com seus filhos, primos de Plínio, e sua esposa Gabriela Procópio Ribeiro dos Santos, sentada à direita. No centro Vovó.

Elíseos. Esta casa, situada na rua Barão de Limeira, como tantas outras do bairro, possuía traços marcantes da São Paulo de antigamente — patriarcal, interiorana, mas com certo ar senhorial.

Como a família sempre se destacou por sua loquacidade, ditos de espírito e gosto pelas dis-

cussões, as reuniões eram animadíssimas, interessantes, mas a nota dominante era a obediência à hierarquia e às boas regras que devem reger as conversas. As crianças podiam assistir às prosas, desde que ficassem quietas e atentas. Os jovens podiam participar dos debates, mas dando a primazia aos mais velhos. Pairando acima das discussões, mas delas participando, Vovó prestigiava um ou outro dos presentes, principalmente se fosse um visitante atordoado pela exuberância dialética da família.

Desencantado com a falta de graça e de vitalidade das conversas nas minguadas festas de família dos dias de hoje, eu me recriminaria se não dissesse que guardo uma saudade imensa dessas reuniões a que assistia de um canto, silencioso e maravilhado.

Falava-se e se discutia de tudo: a política de Getúlio Vargas, monarquia versus república, divórcio, fatos do dia-a-dia.

Convém abrir um parêntese para assinalar que Plínio sempre detestou o getulismo, por considerá-lo um movimento político igualitário e revolucionário, responsável pelo fim da



“República velha”. Esta, que se caracterizava pela alternância de políticos tradicionais mineiros e paulistas no governo da Nação — o tão conhecido esquema “café com leite” —, tinha laivos aristocráticos, apesar de se proclamar republicana. Os “coronéis” e os “barões do café” governavam então o País, e seu afastamento das lides políticas abriu as portas do Brasil para as ideologias totalitárias, que em menos de dez anos levaram o mundo à maior de suas guerras.

*

Fechando o parêntese, voltemos às recordações caseiras.

Um grande diplomata francês e exímio homem de sociedade, Talleyrand, comentou que não conhecia bem a doçura de viver quem não havia conhecido a sociedade de antes de 1789. Às vezes, respeitadas as proporções, eu penso que quem não conheceu as delícias do bem viver, de uma família patriarcal daquele tempo, tem dificuldade de compreender como um ambiente familiar pode ser tão benquerente, agradável, harmônico e cheio de vida.

Plínio viveu nesse meio, fez parte dele e o analisou cuidadosamente. Foi nesse microcosmo que pôde observar como preconceitos, tendências e mentalidades podem predispor as pessoas a aderir a esta ou àquela ideologia.

Ele também guardava recordações vivas daquele tempo. Três meses antes de sua morte (talvez a pressentisse), estando já doente e enfraquecido, deu-se a última conversa que tive a sós com ele. No fim do encontro, começou a relembrar e a discorrer sobre os antigos tempos, seu convívio com sua irmã Rozenda (Rosée, para os íntimos), primos e amigos, o ambiente tão vivo



Rosée, irmã de Plínio



por um lado, e tão sério por outro, que reinava na casa de Vovó. Fiquei quieto e não o interrompi, compreendendo como ele, ainda muito mais do que eu, sentia saudades da boa ordem, seriedade e bem-estar daquele pequeno microcosmo, tão agradavelmente patriarcal. Terá esse ambiente contribuído para aumentar em Plínio seu amor à tradição? Terá, igualmente, servido de base para sua monumental obra sobre nobreza e elites análogas? Creio que sim. No fim da

conversa, ele agradeceu minha atenção em ouvi-lo discorrer tão longamente sobre velhas lembranças, e se retirou. Pouco tempo depois, em outubro de 1995, já não estava entre nós.

Foi no convívio com sua avó, seus pais, seu tio Gabriel, sua irmã Rosée, seus oito primos e os amigos que freqüentavam regularmente a casa, que ele passou sua juventude, começou a ordenar e estruturar seus pensamentos, formou seu caráter. Foi esse o fundamento que lhe possibilitou depois dedicar sua vida à Igreja e se tornar o “cruzado do século XX”, como tão bem o denominou o prof. Roberto de Mattei ao escrever sua biografia.

Foi lá também que, dos seis aos doze anos de idade, eu comecei a tomar conhecimento, aproximar-me e me dedicar de corpo e alma àquela figura tão próxima, mas também tão rica, diferenciada e superior, que foi meu primo.

Para uma melhor compreensão de sua personalidade, nada mais adequado do que começar por conhecer de perto a figura muito especial, muito próxima a mim, muito querida, que foi sua mãe, tia Lucilia.

Se quiséssemos destacar a nota característica de sua personalidade, eu diria que tia Lucilia encarnava o ideal perfeito da mãe católica, em toda a extensão do termo. Não só de mãe, mas também de esposa, filha e de tia. Sendo ela a mais velha das irmãs, cuidou de Vovó durante o longo período de sua doença, como era o costume daqueles tempos. *“Lucilia se anulou, se afastou de tudo para cuidar de sua mãe, dia e noite, como se*



Tia Lucilia,
em Paris



fosse uma enfermeira” — este era o mais freqüente comentário sobre ela, feito pela parentela, que guardei na memória. Com o correr do tempo, pude avaliar quão penosa deve ter sido essa missão, pois Vovó foi uma pessoa com inúmeras qualidades, mas a paciência certamente não era a maior delas...

A razão de seu “anulamento”, no entanto, conforme foi-me dado observar ao longo dos anos, se deve ao fato de ela, sendo católica *à outrance*, monarquista e tradicionalista, não pactuar de modo algum com o relaxamento dos costumes, com as modas extravagantes nem com a glorificação do progresso, enfim com aquilo que passou a se denominar “mundo moderno”. Vemos, nesta postura, como ela foi a fonte da aversão de Plínio por tudo quanto era modernizante, pouco-cerimonioso e igualitário.

Quem não conheceu tia Lucilia, terá dificuldade de entender o filho. Foram muito próximos a vida inteira, com temperamentos e gostos em perfeita sintonia. Ele fazia de tudo para agradá-la, e ela, por sua vez, tinha a atenção totalmente posta no filho. Lembro-me de que todos os dias Plínio, já homem feito, após o jantar reservava vinte minutos para conversar com ela, hábito esse que manteve mesmo quando estava ocupadíssimo com trabalhos urgentes.

Após ter ele sofrido um revés no seu trabalho apostólico, ela o consolou com uma frase que sintetizava perfeitamente seu modo de sentir as coisas: *“Filhão, o importante na vida é olhar-se, querer-se bem e estar juntos”*. E isso eles tinham. O resto, seja lá o que for — ambições, êxitos, fracassos — para ela contava bem menos. Plínio sempre lembrou essa frase até o fim da vida, edificado e saudoso.

Lembro-me muito bem dela, vindo visitar-me quando eu estava doente, acometido pelas





clássicas doenças de infância. Ela me lia “Os três mosqueteiros” e tantos outros livros que exaltavam o heroísmo, a fidelidade e a união a mais absoluta entre os amigos. Inútil dizer que a leitura era entremeada por conselhos, advertências sobre os perigos que encontraria ao longo de minha vida, além de agrados mil. Terá ela tido consciência de que, assim fazendo, estava me preparando para tornar-me um fiel seguidor de seu filho?

Tia Lucilia nunca tingiu e nem cortou curtos os cabelos, não se pintava, usava vestidos discretíssimos. Em outras palavras, tinha-se a impressão de que era uma senhora de uma geração anterior, cerimoniosa mas acolhedora. Seu maior atributo era o olhar. Tenho certeza de que nunca vi — e creio que poucas pessoas viram — um olhar tão doce, expressivo, acolhedor e profundo. Triste? — poder-se-ia perguntar. Às vezes, sim; melancólico, não. Vou tentar recordar, em algumas palavras, um traço muito fugidio desse olhar, ao qual nunca vi ninguém se referir: ao falar com os sobrinhos ou com os jovens que freqüentavam a casa, via-se nele como que um desafio, um repto, um convite para que enfrentassem as vicissitudes da vida — a cruz, que todos nós temos de carregar — com galhardia, ânimo e alegria; pois não pensássemos que ela, por razões de seu isolamento, doenças e certa carência de recursos materiais, se sentisse menos feliz do que eles.

Para ela, a resignação, a conaturalidade com o sofrimento, a noção de que os valores fundamentais da vida são de ordem moral, faziam parte de seu modo de viver e de ver as coisas. Segundo ela, existe entre o bem e o mal uma oposição radical, infensa a concessões ou a meios termos. Deus existe, Nosso Senhor fundou a Igreja, que é infalível e deve nos guiar. Suas devoções principais foram para com o Sagrado Coração de Jesus e para com Nossa Senhora. O resto lhe era totalmente secundário, e só valia na medida em que fosse virtuoso, belo e consoante com a doutrina católica. O pecado, a feiúra, a sujeira, a anormalidade, se equivalem e devem ser rejeitados com toda a força da alma.

Não tenho dúvidas de que as devoções de tia Lucilia e sua visão do mundo — simples por um lado, plena de certezas por outro — foram transmitidas, pelo leite materno, ao seu “filhão” muito querido.

Já bem antes da eclosão da Primeira Grande Guerra, a rivalidade entre a França e a



Alemanha era forte e crescente. Em nosso País, a opinião pública ficou dividida entre francófilos e germanófilos. Tia Lucilia, que nunca ocultou suas simpatias pelos franceses, assumiu na família, por direito, a liderança daqueles que amavam a França e a consideravam sua segunda pátria. Papai, que chefiava valentemente a ala germanófila, queixava-se — e creio que com alguma razão — de certa unilateralidade francófila.

As discussões cresciam dia a dia e o mundo se preparava psicologicamente para a guerra.

Nessa ocasião, tia Lucilia, dando provas de equilíbrio e isenção de ânimo, resolveu contratar uma governante para aprimorar a educação dos filhos. A quem ela escolheu? A uma *Fräulein*, uma alemã, uma bávara autêntica! Papai, confortado com o reconhecimento de que as governantes alemãs são as melhores do mundo — aliás, não só as governantes, diga-se de passagem — aplaudiu com entusiasmo a escolha.



Adolpho Carlos Lindenberg e Iaiá,
meus pais

Fräulein Mathilde teve um papel importante na formação da personalidade de Plínio, e ele mesmo sempre o reconheceu. Católica, monarquista, culta, europeia a mais não poder, *Fräulein* Mathilde, além de ensinar o senso da ordem e da disciplina, abriu os olhos de Rosée e de seu irmão para os esplendores da Europa cristã,

levou-os a admirar as grandes figuras do passado, dissertou sobre os fins trágicos da maioria das famílias reinantes na Europa.

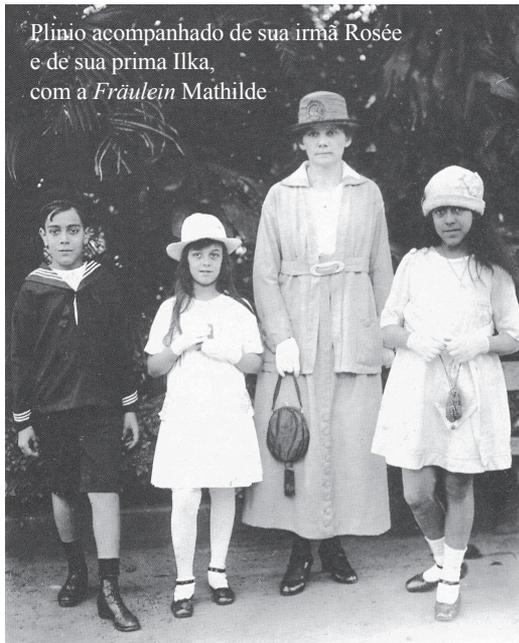
Essa abertura de horizontes permitiu a Plínio discorrer, com frequência e gosto, sobre as qualidades e limitações de cada povo europeu. As comparações que fazia sobre as personalidades dos franceses, alemães, ingleses, italianos e espanhóis, russos etc., de tão interessantes, poderiam perfeitamente ser publicadas em separatas.

Lembro-me perfeitamente de um espanhol, seu seguidor, afirmar que só compreendeu a grandeza de sua terra natal depois de ter assistido a uma conferência na qual Plínio comparava



os catalães com os castelhanos, e estes com os bascos! Brilhantes também foram suas comparações, nada fáceis de fazer, entre prussianos e bávaros. As conclusões a que elas conduzem me levam a acreditar que a *Fräulein* teve uma participação não pequena nessas apreciações...

Ela ensinou-os também a distinguir tudo aquilo que é bom, nobre, verdadeiro, com classe, das coisas ordinárias, falsas, pretensiosas e demagógicas. Numa sociedade voltada para o *american way of life* e materialista, fez com que eles compreendessem o primado da cultura, da finura e do espírito aristocrático.



Plínio acompanhado de sua irmã Rosée e de sua prima Ilka, com a *Fräulein* Mathilde

Nos dias de hoje a imaginação das crianças é povoada por monstros ou por figuras de reinos imaginários e pagãos. Na imaginação dos dois irmãos, porém, habitavam príncipes, cruzados, grandes santos, reis, rainhas, heróis e personagens de realce do *Ancien Régime*. Figuras como Carlos Magno, Roland, Santa Joana d'Arc, Felipe II, Luís XIV, personagens das memórias do Duque de Saint-Simon e tantas outras, ficaram tão próximas a Plínio, ao ponto de a elas se referir com a mesma naturalidade com que seus primos se referiam aos artistas de cinema ou aos jogadores de futebol.

Apesar de criança então, lembro-me muito bem de como as prosas na saleta dos moços, na casa de Vovó, eram pelo menos curiosas: Rodolfo Valentino (ator de cinema) e Friedenreich (jogador de futebol), alternando-se muito harmonicamente com “la Grande Mademoiselle”, Maria Antonieta e Chateaubriand.

Creio que essa *Weltanschauung*, da qual participam e na qual interagem santos, Papas, reis, figuras da sociedade, escritores e pensadores, constitui uma das notas mais características da personalidade de Plínio. Creio mesmo que dela germinou o projeto de seu futuro e magnífico ensaio, *A Chave de Prata*, que desejava publicar



mas não teve tempo de escrever, sobre a sociedade temporal. E esteve também na base de sua obra-mestra, *Revolução e Contra-Revolução*.

Encerrando estas recordações das pessoas que tiveram papel importante na formação da personalidade de Plínio, não posso deixar de evocar seus mestres escolares do Colégio São Luís — os padres jesuítas. Lembro-me de inúmeras vezes ele elogiar o rigor da lógica inaciana, a construção perfeita do raciocínio sóbrio, preciso, esquemático mas poderoso, decisivo em qualquer polêmica. E os elogios não se circunscreviam apenas à dialética, mas se estendiam à diplomacia, discrição e empenho com que os filhos de Santo Inácio tratavam de seus interesses. Nos dias de glória da Companhia de Jesus, esses atributos permitiram que ela se transformasse na mais importante e eficiente Ordem religiosa no combate às heresias. Nos tempos de decadência, serviram de pretexto para que seus numerosos inimigos a alcunhassem de maquiavélica e sofista.



Não é difícil detectar, por conseguinte, nas tão numerosas polêmicas das quais meu primo participou, a presença da marca jesuítica.

*

Plínio nasceu em 1908; 16 anos depois nasci eu, em 1924. Procurando reavivar as primeiras impressões que guardo dele, posso dizer que a força de sua presença era tão grande, tão impositiva, que o ambiente reinante na casa de Vovó antes de sua chegada era um, e depois, outro. Alto, com cerca de 1,80 m de altura, num tempo em que a estatura média dos homens era bem menor, gordo, bem gordo, dono de uma voz forte e de um riso contagiante, loquaz,



bem-humorado, a chegada de Plínio em casa de Vovó, nos fins das tardes, era aguardada por todos com avidez. Em poucos minutos a prosa adquiria vida, as discussões se acaloravam, firmavam-se posições a respeito dos mais variados assuntos.

Digo, sem medo de errar: só conheceu de Plínio sua vitalidade, seu bom humor e irradiação pessoal, quem com ele conviveu nesses primeiros anos de maturidade. Era algo portentoso! Com a idade, os desgostos e as decepções, as enfermidades e o desastre de automóvel acrescentaram a isso um véu de sofrimento, que punha em realce a vulnerabilidade humana. Mas eu o conheci no auge, com sua figura imponente, suas certezas no que dizia, cerimonioso e afável no trato. Era um líder em toda a extensão do termo.

À medida que fui crescendo, comecei a perceber que sua platéia não era monoliticamente entusiasta de suas ideias, mas, pelo contrário, estava dividida entre os que o apoiavam com entusiasmo, outros que apenas o toleravam, e finalmente os que lhe faziam oposição aberta. Nesse microcosmo percebia-se, já de início, aquilo que seria uma constante na sua vida: sua presença, suas idéias, suas certezas principalmente, rachavam o público de alto a baixo. Lembro-me muito bem do superior de um colégio, no qual ele fora fazer uma conferência para os alunos, queixando-se de que, sempre que o convidava, o ambiente ficava alvoroçado com discussões que se prolongavam por um bom tempo após o término da exposição. Eu redargui, elogiando o interesse dos rapazes pelo debate de temas ideológicos, mas ele foi peremptório: *“O Plínio é de uma radicalidade insuportável. Nós devemos procurar o consenso, nunca a controvérsia!”*

Num ponto esse superior tinha razão: Plínio era tão infenso a meios-termos e concessões, no terreno da ortodoxia católica, que transmitia a muitos a impressão de excessiva intransigência. Chegaram a acusá-lo de fanático. Essa impressão era reforçada pela vitalidade, afirmatividade e desassombro com que defendia verdades de há muito esquecidas. Num tempo em que só as senhoras eram católicas praticantes e iam à Missa, em que os homens, no seu meio, em sua imensa maioria eram positivistas, maçons e liberais, em que nos ambientes católicos só se louvava a paciência, a humildade e a conformidade, ele, com sua voz forte, proclamava em alto e bom som que a castidade deveria ser praticada por todos, mulheres e homens; e que todos se



lembrassem de que o inferno está com suas portas abertas, à espera daqueles que cometessem pecado e não se arrependessem. Dizia igualmente que os católicos deveriam afirmar sua fé com desassombro, ser combativos e capazes de vencer os inimigos da Santa Madre Igreja. Mais ainda, que deveriam se arregimentar e formar um movimento que tivesse condições de influir nos destinos do País e alterar o rumo dos acontecimentos.

Inútil dizer que os tios se sentiam atingidos pela exuberância da palavra de Plínio e temerosos sobre seu futuro político. O fato de ele ter sido eleito como o deputado federal mais votado do País levou-os a prognosticar uma carreira brilhante para o sobrinho — senador, ministro, quiçá governador ou presidente. E uma catarata de invectivas contra os monstros sagrados do *establishment* seria a coisa mais contra-indicada no momento, julgavam eles.

Mas seu desagrado não se circunscreveu apenas à envergadura com que ele invectivava o mundo moderno (é realmente inconcebível como Lucília, tão cordata, foi ter um filho tão afirmativo como esse! — conjecturavam). Estendia-se ao fato de



eles começarem a perceber — de um modo subconsciente, é verdade — que uma nova força estava despontando no horizonte. E essa força compunha-se de jovens, milhares de jovens, dezenas de milhares de jovens que, como congregados marianos, queriam reformar o *status quo* vigente, de alto a baixo. E se providências não fossem tomadas, eles, os tios, correriam o risco de se tornarem figuras do passado.

Mas havia em Plínio razão para ser visto como um fanático intransigente e belicoso? Creio ser chegado o momento para discorrer um pouco sobre seu temperamento. Estou certo de que essas recordações irão desapontar a não poucos, pois, ao contrário do que esperaríamos, elas



evocam a figura de um menino afetivo, de temperamento plácido, contemplativo, infenso a correrias, gritarias, brigas domésticas e não domésticas.

Antiga fotografia pertencente à família mostra Rosée aos sete anos de idade, pequena, viva e atenta, andando por uma calçada e arrastando pela mão o irmão, dois anos mais moço, mas de sua altura, que com ar absorto e distraído olhava para algum ponto indefinido do horizonte. *Fräulein* Mathilde sempre comentou como os dois irmãos eram diferentes: Rosée, alerta, desconfiada, pronta para defender suas prerrogativas; Plínio, meditativo, cordato, ainda desarmado ante a futura truculência dos maus colegas de escola, infenso a desordens e discussões, pensando talvez nas delícias de um bom lanche preparado por sua queridíssima mãe...

Quem o conheceu no ocaso de sua vida, na plenitude de sua força de alma, quando seus sofrimentos e a magnitude de sua obra cresciam passo a passo, talvez tenha dificuldade em compreender que seu natural era muito pacífico e cordato, alegre até, poder-se-ia dizer. Nunca o vi contando anedotas, mas ele tinha um gosto todo especial em contar historietas e episódios históricos, com seus personagens pitorescos, paradigmáticos ou mesmo hilariantes. Detestava o espírito caçoísta, cáustico, irônico. Dizia mesmo ter dificuldade em achar graça em subentendidos ou em insinuações malévolas.

A prova de que ele, por seu temperamento natural, detestava debates acalorados reside no horror que tinha para com tudo que fosse explosivo, violento, irracional e destemperado. Lembro-me de que, quando discutiam aos brados dois primos nossos, que não se davam entre si, ele sempre tentava chamá-los à razão, e não o conseguindo, retirava-se. Quando discutia assuntos, mesmo os que o atingiam de perto, mantinha uma bonomia, um distanciamento psíquico, uma fleuma que facilitava muito sua argumentação lógica e compassada. Não poucas vezes, gastava um bom tempo pondo em ordem os argumentos apresentados por seus oponentes, para depois rebatê-los, um a um, com toda a serenidade, como se fosse um jogador de xadrez. Conforme o caso, envolvia suas argumentações com manifestações de afabilidade e compreensão.

Se assim agia com tanta placidez quando discutia com oponentes, o que dizer quando argumentava com amigos e seguidores? Nas conversas conosco, com um cuidado extremo, ia



fazendo-nos ver quão errada ou fora de foco era essa ou aquela opinião por nós expressada. Ele como que caminhava com passos de veludo por entre as estalactites de cristal de nossos amores próprios. Ouvia com atenção nossos “conformes”, nossas justificativas, encorajava-nos, dava direito de cidadania a nossos pontos de vista. Costumava chegar aos “finalmentes” dando a impressão de que o sucesso das conclusões era devido tanto a ele quanto a nós. O resultado era que raríssimas vezes ficávamos ressentidos com suas admoestações, ou com a sensação de não termos sido compreendidos.

Como se transformou ele num paladino da boa causa? Ele mesmo me contou quanto lhe custou — chegou até a dizer que era esta a sua cruz — dominar seu gosto pelo bem-estar caseiro, pela boa prosa com os amigos, pelas amenidades que a vida oferece àqueles que não intentam alterar a ordem vigente das coisas, para se lançar na turbulência política, nas polêmicas ideológicas, nas campanhas contra os progressistas. Em outras palavras, para se tornar um cruzado em ordem de batalha.

*

Quais eram as características do trato de Plínio com seus amigos e com as pessoas em geral? À primeira vista, eu diria, eram a afabilidade e uma nota cerimoniosa que ele imprimia no seu relacionamento com todos, a começar por seus pais, irmã e amigos.

Observei certa vez que, ao cruzar com uma empregada que estava lavando uma escadaria numa das sedes da TFP, ele a cumprimentou tirando o chapéu. O trato cerimonioso era nele





tão natural, tão espontâneo, que gestos como este passavam despercebidos pelas pessoas que o circundavam.

O conceito moderno de trato cerimonioso supõe distanciamentos e artificialismo, mas não era assim que Plínio o entendia. Muito pelo contrário! Ele o considerava a fina ponta da boa educação, como o instrumento ideal para policiar a vivacidade da palavra, firmar hierarquias, enriquecer as conversas. A cerimônia, dizia, nada mais é do que uma linguagem expressa por símbolos reconhecidos como tais pelo corpo social — protocolos, cumprimentos, sorrisos, acenos, olhares, expressões faciais — que sublinham ou temperam o que está sendo dito. Mais ainda, os matizes e os entretons, tão necessários para expressar sentimentos e realidades plenas de nuances, como respeito, cortesia, desagrado, apreço, enlevo, só são viáveis numa interlocução culta e cerimoniosa.

Tanto é assim, que a cerimônia com a qual ele tratava as pessoas, ao invés de criar distâncias, agradava a todos. Aliás, mais de uma vez ouvi comentários do seguinte teor: o Plínio é simpático, simples, sem cerimônia.

*

Tendo procurado descrever algumas características do mundo em que viveu na juventude, e de seu trato social, tentarei dizer algo sobre seu principal instrumento de apostolado — sua capacidade realmente excepcional de conversar. Foi conversando com seus primos, amigos e seguidores, com eclesiásticos de suas relações, que ele explicitou com precisão seu corpo de doutrinas e dele fez grandes sínteses. Foi também nessas longas conversas que ele, noite após noite e pouco a pouco, conseguiu formar um grupo estável de seguidores dispostos a dedicar suas vidas ao apostolado contra-revolucionário que ele tinha em vista.

Ele conversava com prazer sobre tudo que tivesse relação com o mundo cultural ou com questões ideológicas. Suas conversas — com muitas metáforas, ditos de espírito, análises de pessoas, comparações surpreendentes entremeadas de grandes explicitações, mas também, ao mesmo tempo, com características caseiras e despretensiosas — sempre foram consideradas



interessantes e agradáveis, até por pessoas hostis ao seu pensamento. Um beneditino alemão, que ia freqüentemente ao seu escritório de advocacia para tratar de assuntos da Ordem, me confidenciou que discordava de quase tudo que ele dizia, mas julgava sua conversa de tal modo interessante, que nunca perderia a oportunidade de estar com ele.

Foi sempre um ótimo ouvinte. Costumava dizer: *“A gente conversa sobre o que o outro quer, não sobre o que a gente quer”*. Atento, paciente e benquerente para com os tímidos, como que mergulhava no mundo dos pensamentos daqueles com quem conversava, mostrando-se interessadíssimo no que ouvia. Certa ocasião, jantando com uma médica em casa de tia Zili, ouvia com tanta atenção uma longa digressão sobre maternidades, que ao fim da reunião ela quis saber qual era sua especialidade. Ao saber que era advogado e não médico, ficou admirada, pois nunca passou pela sua cabeça que um causídico se interessasse tanto por uma temática hospitalar...

Poder-se-ia perguntar por que ele sempre preferiu a conversa para expor suas idéias e formar seus seguidores, mais do que proferir discursos, dar aulas (atividades estas em que também se sobressaía) ou recomendar a leitura deste ou daquele livro, meios considerados os mais habituais. A resposta parece ser que ele como que necessitasse estar olhando as pessoas com as quais estava conversando, para poder observar suas reações, direcionar as temáticas, insistir nos argumentos, apelar para mais exemplos.

A conversa de Plínio, como acima foi dito, foi o ponto forte de seu apostolado. Lembrome, como se fosse hoje, de meu hábito de ir para um segundo jantar na casa de tia Lucilia, lá pelas oito e meia da noite, para poder participar das conversas que ele mantinha com ela e Paulo Barros de Ulhôa Cintra, seu amigo e primeiro seguidor. Desses jantares participava com freqüência o Padre Mayer, futuro Bispo de Campos. Após o jantar, descíamos a rua Itacolomi em direção à sede do “Legionário”, na rua Imaculada Conceição, onde as conversas continuavam até meia-noite. Mas seu encerramento só se dava após um substancioso lanche na Confeitaria Elite, situada na rua das Palmeiras. Afirmo com toda a segurança que essas conversas, além de terem sido a maior bênção que Deus me proporcionou, não só foram as responsáveis pela minha formação como membro do “Grupo do Legionário”, e de-



pois do “Catolicismo” (nome dado ao movimento, antes da criação da TFP), como também me mostraram que a seriedade e a virtude podem coexistir perfeitamente com o bem-estar, a alegria e o senso de humor.

*

De passagem me referi ao habitual lanche na Confeitaria Elite. Creio não ser perda de tempo dizer algo sobre o apetite realmente notável de Plínio. Em seus almoços e jantares, começava por comer algumas fatias de pão com bastante manteiga, depois servia-se de uma entrada seguida pelo prato principal e, no final, doces, frutas ou sorvetes. O que distinguia suas refeições eram os comentários que fazia — esses, sim, truculentos — sobre as virtudes dos diversos pratos. Quais suas preferências? Do que ele não gostava? Nisso era um fiel seguidor de Eça de Queiroz, para quem todos os pratos, requintados ou simples, são deliciosos, desde que seus ingredientes sejam de primeira ordem, preparados com cuidado e servidos largamente. Restrições? Cito algumas, curiosas e divertidas: “o mel não passa de madeira liquefeita”; “ervilha é comida de passarinho”.

Em São Paulo, na década de 1930, havia poucos restaurantes, mas alguns eram esplêndidos. Ele os conhecia todos, comparava uns com os outros, dava conselhos aos *mâitres*. Comer bem, em companhia de amigos, talvez tenha sido das poucas distrações que ele se permitia.

*

Quais foram suas preferências artísticas?

Nunca manifestou um pendor especial para o canto, escultura ou pintura, embora os apreciasse devidamente. Seu gosto maior (sem mencionar as artes culinárias, realmente dignas de todo louvor) sempre foi para com a literatura e a arquitetura, tanto a externa quanto a de interiores. Discorrer despreocupadamente sobre os ambientes, apontando o valor simbólico de uma ou de outra peça, comentando em que medida a decoração tendia a conduzir os espíritos a



patamares mais elevados ou a tornar a vida de família mais apazível, constituía, além de uma ocasião para divulgação de seus ideais, uma distração.

No que se refere à arquitetura, sua preferência, seu entusiasmo, seu enlevo, sempre foi para com o gótico, estilo que não foi herdado de uma civilização pagã, mas fruto de uma civilização verdadeiramente cristã — a Idade Média. No estilo gótico, Plínio apreciava enormemente as rosáceas multicolores e os vitrais em geral das catedrais. Sempre apreciou as pedras translúcidas, como a opala, a ametista, os diamantes, os cristais dos vitrais, enfim tudo aquilo que desse a impressão de conter ou brincar com luzes.

Mais do que os vitrais, no entanto, ele apreciava a grandiosidade do conjunto, o contraste harmonioso entre elementos tão opostos como o vitral e a pedra, a solenidade, o sacral, expressos tão magnificamente nas pedras das altíssimas colunas, nas torres apontando para o céu, nas ogivas, nas agulhas e na fantasia dos elementos decorativos das venerandas catedrais européias.

A Idade Média as construiu, a Renascença as desprezou — Luís XVI pensou em derrubar a Notre Dame para construir no local uma igreja em estilo clássico! — a arte moderna edifica barracões, verdadeiras antíteses das catedrais.

Sempre que apreciava uma obra de arte, um panorama, um palácio, uma sala, começava por detectar o ponto a que chamava “monárquico” ou o *unum*, para o qual convergem todos os predicados, e em função do qual tudo se explica, vivifica, toma sentido.

Outras preferências em relação às artes? Quais suas cores preferidas? O dourado, o vermelho, todos os tons do vermelho, a mais afirmativa das cores. Alguma rejeição? De modo abso-





luto, não, mas em parte o verde, a cor mestiça, híbrida, sem personalidade... Gostava entretanto de algumas de suas tonalidades, como o verde esmeralda. Apreciava as simetrias, desde que o ponto monárquico não fosse esquecido. Formas esquemáticas, simetrias, proporções clássicas, são fatores de beleza, mas a obra arquitetônica só se completa se a fantasia e algo de inefável estiverem presentes.

*

Creio ser chegada a ocasião para tentar discorrer sobre a figura de meu primo como pensador, dono de uma lógica aguda e grande senso psicológico.

Seu raciocínio era o menos acadêmico possível. Enquanto a regra geral do pensamento é o enunciado de princípios de ordem genérica e abstrata, e daí partir para sua aplicação na ordem concreta, o dele invertia a seqüência. Ele aproveitava, por assim dizer, certas realidades do dia-a-dia, fatos corriqueiros, e principalmente opiniões dadas por seus ouvintes ao longo das conversas, para dissertar sobre seu significado e sua capacidade de evocar princípios de ordem superior. Certa vez, ao contemplar a estátua *O pensador*, de Rodin, comentou que a introversão solitária pode ser magnífica, mas não era do seu feitio.

Amiúde recordava um conselho que havia recebido de seu pai, tio João Paulo. Certo dia, não sei quando, depois de uma magnífica dissertação de um outro tio durante uma reunião de família, tio João Paulo chamou o filho e lhe disse: *“Plínio, preste atenção. Você viu como seu tio é um bom expositor, agradou a todos. Mas ele não foi preciso ao enunciar seu pensamento. Ele é sempre assim, o pensamento não sai com precisão. Meu filho, nunca seja assim. Esforce-se. O enunciado do seu pensamento tem de ser sempre preciso, nítido”*.

Ele tinha a tendência a exprimir o conceito de forma muito adaptada a quem o ouvia ou lia, sem entretanto deturpá-lo em nada; e ainda a relacioná-lo com fatos da atualidade ou com alguma realidade humana, que o tornava mais fácil de ser entendido por quem o ouvia. Esta deve ser, talvez, a razão da crítica infundada que alguns faziam ao seu modo de discutir, afirmando que seu raciocínio era “psicologizado”.



Com efeito, graças ao seu senso psicológico agudo, ele percebia as menores variações dos estados de alma de seus interlocutores. Quando discutia um assunto, ou até em conversas corriqueiras, discernia com facilidade as razões últimas pelas quais seu interlocutor defendia este ou aquele ponto de vista. Constatou que, com certa frequência, as razões últimas pelas quais as pessoas aderem a esta ou àquela ideologia se devem a crenças arbitrárias, ressentimentos, preconceitos ou hábitos mentais adquiridos na juventude. É difícil, por conseguinte, tentar converter no plano teórico uma pessoa com mentalidade socialista sem antes atentar para os antecedentes psicológicos que influenciaram seu modo de pensar.

*

Ele sempre teve seu pensamento voltado para a ordem temporal cristã. Durante a juventude, enquanto ainda vivia em casa de Vovó, com sua prodigiosa capacidade de observar, conseguiu detectar, pesaroso, a progressiva influência das novas ideologias nos modos de pensar de seus primos. Em conversas sem fim, procurou alertá-los, mas seu sucesso foi limitado. Seu caminho foi em sentido inverso. Como autêntico católico ultramontano, manifestou desde o início (muito antes de ter conhecido, já na idade madura, as obras dos grandes pensadores tradicionalistas do século XIX, como Donoso Cortés, de Bonald e Veuillot) rejeição espontânea ao mundo moderno e às novas ideologias.

Professores seus do Colégio São Luís e padres que freqüentavam a casa de Vovó pactuavam pachorrentamente — para grande desgosto do futuro congregado mariano, então ingênuo e respeitador do clero — com o *status quo* vigente e com a decadência progressiva dos costumes. Não poucos deles, talvez por serem italianos e espanhóis, manifestavam simpatias pelos regimes fascistas que, a cada dia, ganhavam mais adeptos na Europa.

Esse desapontamento com a conduta de padres conhecidos e amigos precedeu de alguns anos o que se tornou uma característica de sua vida pública — as polêmicas com o clero progressista ao longo de dezenas de anos. Conversas, livros, artigos, conferências — usou de to-



dos os recursos à sua disposição para alertar bispos, padres, membros de associações religiosas e a opinião pública em geral para os perigos do *progressismo*, movimento de idéias herdeiro do *modernismo*, qualificado por São Pio X de “*síntese de todas as heresias*”. Alertou-os também para a crescente infiltração do pensamento esquerdista nos meios católicos, apontando por exemplo a atuação no Brasil das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Denunciou igualmente a participação de bispos nos movimentos a favor de reformas agrárias confiscatórias e de caráter nitidamente socialista. Seu livro *Reforma Agrária — Questão de Consciência* teve grande repercussão nos meios agrários, e pode ser considerado o principal responsável pela reação dos fazendeiros aos projetos governamentais agro-reformistas.

*

Um grande e profundo trabalho intelectual que realizou durante décadas foi a constituição de um corpo doutrinário que inicialmente tinha em vista fundamentar a redação de um futuro manifesto. Pouco a pouco, o âmbito do trabalho foi-se ampliando muito além do projeto inicial, abrangendo especulações sobre o que poderia ser uma ordem temporal cristã ideal, além de considerações colaterais de ordem filosófica, teológica e artística.

Para tanto convidou alguns seguidores, que passaram a se reunir três vezes por semana para conversar e trocar idéias. A receptividade dos participantes para com essa ou aquela afirmativa, os limites de sua compreensão sugerindo explicitações mais detalhadas, a procura pela síntese das opiniões dadas, permitiam que ele fosse delineando, pouco a pouco, a figura ideal de uma sociedade sacral, orgânica, hierárquica, católica em toda a extensão do termo.

*

O desagrado visceral de Plínio em relação a tudo que fosse “moderno” e revolucionário, seu enlevo por tudo que lembrasse a Cristandade Medieval e o *Ancien Régime* — época que, embora decadente em relação à Idade Média, ainda conservava, e em alguma medida até re-



quintava, certas tradições medievais — levaram-no a descrever seus propósitos de vida na mais bela e sublime de suas assertivas: “*Quando ainda muito jovem, considerei enlevado as ruínas da Cristandade. A elas entreguei meu coração, voltei as costas ao meu futuro, e fiz daquele passado carregado de bênçãos o meu porvir*”.

*

Como terminar estas recordações, que tiveram o intento de delinear a personalidade dele enquanto jovem?

Creio que cada um de seus seguidores o descreveria segundo sua percepção pessoal, mas todos concordariam em que ele realmente foi a figura máxima da Contra-Revolução, fundador e alma da *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*.

Tentando sintetizar minha visão de sua pessoa e de seu apostolado, eu diria que ele buscou, acima de tudo, a glória e a grandeza de Deus. Os homens, as civilizações, as artes, só cumpririam sua missão, segundo ele, na medida em que participassem de hierarquias ordenadas a Deus. Os revolucionários têm como meta principal a destruição das hierarquias baseadas em critérios de família, honra e virtude; os contra-revolucionários devem amá-las e preservá-las, vendo-as como escadas para se alçarem a perfeições cada vez mais elevadas.

Devoção a Nossa Senhora, sacralidade, hierarquia, nobreza, tradição, ortodoxia, imolação — são os ideais que permeiam de alto a baixo suas conversas, mensagens, polêmicas, livros, convívio diário. Em outras palavras, são os pilares do universo pliniano.

A nós, seus seguidores, cabe o dever de nos manter inteiramente fiéis aos seus ensinamentos, finalizar e publicar suas obras inacabadas e tornar sua pessoa e suas mensagens conhecidas no mundo inteiro.



Dr. Plinio e Adolpho Lindenberg



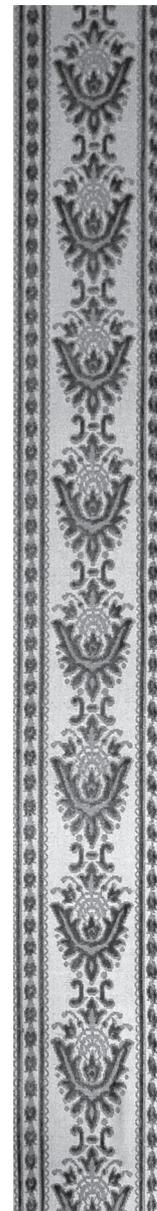


Plínio Corrêa de Oliveira

Em recordações da vida familiar, Adolpho Lindenberg descreve na edição de outubro de 2015 da revista “Catolicismo”, a mentalidade, as apetências, a cortesia no trato, a arte da conversa, as polêmicas, o idealismo, e ainda outros aspectos da personalidade inconfundível de seu primo-irmão, o eminente líder católico, pensador, escritor e homem de ação.

Catolicismo — Enquanto homem público, Plínio Corrêa de Oliveira é conhecido de nossos leitores. Mas gostaríamos de saber como ele era na intimidade da vida familiar.

Dr. Adolpho — Apesar de ter convivido com ele durante toda a minha vida, creio, no entanto, que são as lembranças que guardei dos bons tempos em que vivemos na casa de nossa avó, Gabriela Ribeiro dos Santos, lá pelos anos 30, quando Plínio tinha 20 e poucos anos e eu seis ou oito, que podem fornecer os elementos para uma boa compreensão de quem ele era na intimidade. Mesmo na vida particular, ele sempre se manifestava idealista. Ainda bem jovem, quando não imaginava as grandes batalhas que teria de enfrentar, já despontava o grande polemista que ele foi.





Catolicismo — Sabemos pouco a respeito de Da. Gabriela Ribeiro dos Santos, avó materna do senhor e de Dr. Plínio. Poderia nos dizer algo sobre ela?

Dr. Adolpho — Nossa avó Gabriela foi uma senhora que marcou época na sociedade paulista do início do século passado. Muito cônica de sua influência social e política, aristocrática enquanto ordenativa da cultura, dos costumes e do *savoir-faire* dos paulistanos.

Um quadro dela, que pertenceu a Plínio e que foi pintado por um conhecido retratista francês, apresenta vovó como tendo sido uma bela senhora, com um olhar decidido, vivo, inteligente e maternal. Era monarquista e, no meio republicano em que vivia, nunca escondeu de ninguém suas relações com a Princesa Isabel. Podia-se mesmo dizer que vovó foi uma expressão do Brasil antigo, tinha hábitos em que se sentia o Império e o Brasil do interior.

Tendo ficado viúva ainda moça, sempre se preocupou em manter a família unida, a ponto de fazer questão que seus cinco filhos — Gabriel, Lucília (mãe de Plínio), Antônio, Iaiá (minha mãe) e Zili — fossem, com seus consortes, visitá-la quase todos os dias em sua residência nos Campos Elíseos. O ambiente, a partir das cinco horas da tarde, ia se transformando como que numa festa, com tantos parentes e amigos enchendo a imensa casa situada na rua Barão de Limeira, que, como tantas outras do bairro, possuía traços marcantes da São Paulo de antigamente — patriarcal, interiorano, mas com certo ar senhorial.

Catolicismo — O que o senhor disse é tão interessante que desejaríamos conhecer um pouco mais desse ambiente familiar.

Dr. Adolpho — Como a família Ribeiro dos Santos sempre se destacou pela sua loquacidade, com ditos de espírito e gosto pelas discussões, as reuniões naquele ambiente eram animadíssimas e interessantes, mas a nota dominante era a obediência à hierarquia e às boas regras que devem reger as conversas. Desencantado com a falta de graça e de vitalidade das conversas dos dias de hoje, eu me recriaria se não dissesse que guardo uma saudade imensa dessas reuniões, a que eu assistia de um canto, silencioso e maravilhado. Falava-se e discutia-se de tudo: monarquia versus república, a péssima política de Getúlio Vargas, divórcio, fatos do dia-a-dia, parentes etc.



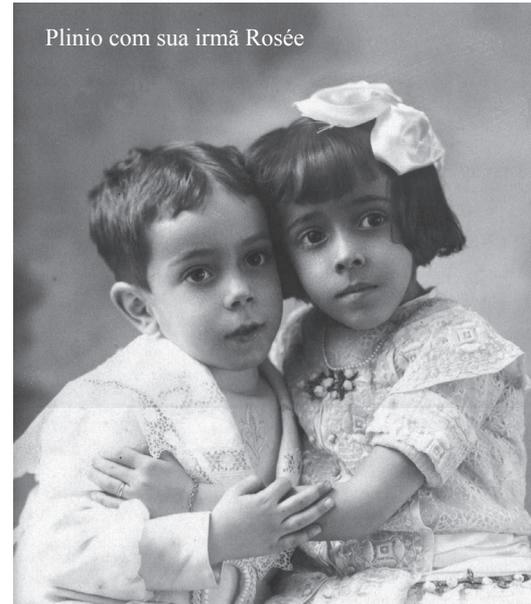
Catolicismo — Essas recordações caseiras nos remetem muito aos tranquilos tempos da pequena São Paulo do início do século passado.

Dr. Adolpho — Talleyrand, apesar de suas faltas, grande diplomata e exímio homem de sociedade, comentou certa vez que de fato não conhecia bem a doçura de viver quem não tivesse vivido antes de 1789.

Penso que quem não conheceu as delícias do bem-viver de uma família patriarcal daquele tempo na “São Paulinho”, tem dificuldade de compreender como um ambiente familiar pode ser tão benquerente, agradável, harmônico e cheio de vida. Plínio viveu nesse meio, fez parte dele, analisou-o, explicitou impressões. Foi nesse microcosmo que pôde observar como tendências e mentalidades podem predispor as pessoas a aderir a esta ou àquela ideologia. Ele também guardava recordações vivas daquele tempo. Três meses antes de sua morte — talvez já a pressentisse —, doente e enfraquecido, tive a última conversa a sós com ele. No fim do encontro, começou a lembrar aqueles antigos tempos e a discorrer sobre eles, de seu convívio com sua irmã Rosée, com seus primos e amigos, do ambiente tão vivo, por um lado, e tão sério, por outro, que reinava na casa de vovó. Fiquei quieto e não o interrompi. Compreendi como ele,

ainda muito mais do que eu, sentia saudades da boa ordem, da seriedade, do bem-estar desse pequeno microcosmo, tão agradavelmente patriarcal aos nossos olhos. No fim da conversa, ele agradeceu minha atenção em ouvi-lo discorrer tão longamente sobre velhas lembranças e se retirou. Três meses depois, há exatos 20 anos, em outubro de 1995, já não estava entre nós.

Foi naquele ambiente familiar de nossa avó materna que ele começou a ordenar seu modo de pensar, a formar seu caráter e foi o fator que lhe possibilitou depois dedicar sua vida à Igreja





e se tornar o “Cruzado do século XX” — como tão bem o denominou o Prof. Roberto de Mattei ao escrever sua biografia e, antes dele, o Prof. Lizâneas de Souza Lima, na sua Dissertação de Mestrado junto ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP. Foi também naquele ambiente familiar que eu, como criança dos 6 aos 12 anos de idade, comecei a tomar conhecimento, a me aproximar e dedicar-me de corpo e alma àquela figura de um lado tão próxima, mas, de outro lado, tão rica, diferenciada e superior, que foi meu primo.



Catolicismo — Qual foi o papel de sua tia, Da. Lucilia Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, mãe de Dr. Plínio, na formação dos senhores?

Dr. Adolpho — Para uma melhor compreensão da personalidade de Dr. Plínio, nada melhor do que conhecer mais de perto a figura muito especial, muito próxima a mim, muito querida, que foi tia Lucilia. Se quiséssemos destacar a nota característica de sua personalidade, eu diria que tia Lucilia encarnava o ideal perfeito da mãe católica em toda a extensão do termo. Não só de mãe, mas também de esposa, filha e tia. Sendo ela a mais velha das irmãs, como era o costume daqueles tempos, cuidou de vovó durante o longo período de sua doença. *“Lucilia se anulou, se afastou de tudo, para cuidar de sua mãe, dia e noite, como se fosse uma enfermeira”* — esse era o comentário mais frequente feito sobre ela pela parentela. Com o correr do tempo pude constatar quão penosa deve ter sido essa missão, pois vovó foi uma pessoa com inúmeras qualidades, mas entre elas, certamente, não figurava a paciência e nem o espírito de sacrifício. A razão desse “anulamento” de tia Lucilia, no entanto, conforme pude observar ao longo dos anos, se deve ao fato de ela, sendo católica à *outrance*, monarquista e tradicionalista, não pactuar de modo algum com o relaxamento dos costumes, com as modas extravagantes, e nem com a glorificação não equilibrada do progresso, enfim com aquilo que passou a se denominar



“modernismo”. Vemos, nesta postura, como ela foi a fonte da aversão de Plínio a tudo quanto era “modernizante”, sem-cerimônia e igualitário. Quem não conheceu tia Lucilia — ou, pelo menos, não conhece sua vida por meio de narrações daqueles que conviveram com ela — terá mais dificuldade de entender o filho. Foram muito próximos a vida inteira, temperamentos e gostos em perfeita sintonia. Ele fazia de tudo para agradá-la, e ela, por sua vez, tinha a atenção totalmente posta no filho.

Lembro-me muito bem de tia Lucilia vindo visitar-me quando eu ficava doente, acometido pelas clássicas doenças de infância. Ela me lia *Os três mosqueteiros* e tantos outros livros que exaltavam o heroísmo, a fidelidade e a mais absoluta solidariedade entre os amigos. Inútil dizer que a leitura era entremeadada de conselhos e advertências sobre os perigos que iria encontrar ao longo de minha vida.

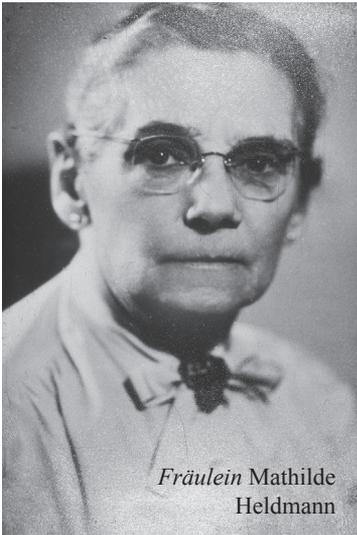
Catolicismo — Teria ela tido consciência que assim agindo estava preparando o sobrinho para se tornar um discípulo de seu filho?

Dr. Adolpho — Não posso afirmá-lo com certeza, mas, de fato, me preparou. Tia Lucilia nunca tingiu e nem cortou curtos os cabelos, não se pintava, usava vestidos discretíssimos; em outras palavras, tinha-se a impressão de que era uma senhora de uma geração anterior, cerimoniosa, mas acolhedora. Seu maior atributo era o olhar. Tenho certeza que nunca vi — e creio que poucas pessoas viram — um olhar tão doce, expressivo, aveludado, acolhedor e profundo. Triste, poder-se-ia dizer? Às vezes sim; melancólico, não. Seu modo de olhar era um incentivo para se enfrentar as dificuldades com coragem. Para ela, a resignação, a conaturalidade com o sofrimento, a noção de que os valores fundamentais da vida são de ordem moral, faziam parte de seu modo de viver e de ver as coisas. Segundo ela, existe uma oposição radical, infensa a concessões ou a meios termos, entre o bem e o mal. Deus existe, Nosso Senhor fundou a Igreja, que é infalível e deve nos guiar. Suas devoções foram ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora. O resto lhe era totalmente secundário e só valia na medida em que fosse virtuoso, belo e consoante com a doutrina católica. O pecado, a feiura, o sujo, a anormalidade, se equivalem e devem ser rejeitados com toda a força da alma.



Catolicismo — Isso do ponto de vista religioso. Qual foi a influência de Da. Lucilia na mentalidade dos filhos do ponto de vista temporal?

Dr. Adolpho — Já bem antes da eclosão da Primeira Grande Guerra, a rivalidade entre a França e a Alemanha era forte e crescente. Aqui no Brasil, a opinião pública ficou dividida entre francófilos e germanófilos. Tia Lucilia, que nunca ocultou suas simpatias pelos franceses, assumiu na família, por direito, a liderança daqueles que amavam a França e consideravam-na sua segunda pátria. Papai, que chefiava valentemente a ala germanófila, queixava-se da “falta de objetividade” de sua cunhada... As discussões na sociedade cresciam a cada dia e o mundo se preparava psicologicamente para a guerra.



Nessa ocasião, tia Lucilia, dando provas de equilíbrio e isenção de ânimo, resolveu contratar uma governanta para aprimorar a educação dos filhos. A quem ela escolheu? Uma *Fräulein* alemã, uma bávara autêntica! Confortado pelo reconhecimento de que as governantas alemãs são as melhores do mundo, papai aplaudiu a escolha com entusiasmo.

Fräulein Mathilde Heldmann era o nome dessa governanta bávara. Ela exerceu um papel importante na formação da personalidade de Plínio e ele sempre reconheceu esse fato. Católica, monarquista, culta, europeia a mais não poder, *Fräulein* Mathilde, além de ensinar o senso da ordem e da disciplina, abriu os olhos de meus primos, Rosée e Plínio, para os esplendores da Europa cristã, levou-os a admirar as grandes figuras do passado, discorreu sobre os fins trágicos da maioria

das famílias reinantes na Europa.

Essa abertura de horizontes ajudou Plínio discorrer, com frequência e gosto, sobre as qualidades e limitações de cada povo europeu. As comparações que ele fazia sobre as personalidades dos franceses, alemães, ingleses, italianos, espanhóis, russos etc. Tia Lucilia — por meio da *Fräulein* — ensinou-lhes também a distinguir tudo aquilo que é bom, nobre, verdadeiro, com classe, das coisas ordinárias, falsas, pretensiosas e demagógicas. Numa sociedade mate-



rialista voltada para o *american way of life*, fez com que eles compreendessem o primado da cultura, da finura e do espírito aristocrático.

Catolicismo — E que influência Da. Lucilia exerceu sobre seus filhos no tocante à “visão do mundo” que se deve ter?

Dr. Adolpho — Nos dias de hoje, a imaginação das crianças é povoada por monstros ou por figuras de reinos imaginários e pagãos. Na imaginação de meus primos Rosée e Plínio, porém, habitavam príncipes, cruzados, grandes santos, reis, rainhas, heróis e personagens de realce do Ancien Régime. Figuras como Carlos Magno, Roland, Santa Joana d’Arc, Felipe II, Luís XIV, personagens das memórias de Saint-Simon e tantas outras, ficaram tão próximas de Plínio, a ponto de ele se referir a elas com a mesma naturalidade com que seus primos se referiam aos artistas de cinema ou aos jogadores de futebol. Diga-se de passagem, que esses temas alternavam-se muito harmonicamente com “la Grande Mademoiselle”, Maria Antonieta, Chateaubriand etc.

Creio que essa *Weltanschauung* (visão de mundo), da qual participam e na qual interagem santos, Papas, reis, figuras da sociedade, escritores e pensadores, constitui uma das notas mais características da cultura e da personalidade de Plínio. Digo mesmo que certamente essa visão foi um fator importante que o influenciou na confecção de suas obras, como *Revolução e Contra-Revolução*, assim como de seu último livro *Nobreza e Elites Tradicionais Análogas*.

Catolicismo — O que o senhor conta é tão interessante, que lhe pedimos continuar a discorrer sobre a formação da personalidade de Dr. Plínio.

Dr. Adolpho — Plínio nasceu em 1908, 16 anos depois nascia eu, em 1924. Procurando reavivar as primeiras impressões que guardo dele, posso dizer que a força de sua presença era tão grande, que o ambiente reinante na casa de vovó antes de sua chegada era um, e depois, tornava-se outro. Naquela residência, para participar das prosas, a presença dele era aguardada por todos com avidez. Digo, sem medo de errar: só conheceu o Plínio, sua vitalidade, seu bom humor e sua irradiação pessoal, quem conviveu com ele nesses primeiros anos da maturidade.



Era algo de portentoso! Com a idade, as preocupações, as decepções, as enfermidades e o desastre de automóvel que ele sofreu em 1975 acrescentaram a isso um véu de sofrimento. Mas eu o conheci no auge, com sua figura imponente, suas certezas no que dizia, cerimonioso e afável no trato. Era um líder em toda a extensão do termo.

À medida que fui crescendo, comecei a perceber que seu público não era monoliticamente entusiasta de suas ideias, mas, pelo contrário, estava dividido entre os que o apoiavam com entusiasmo, os que o toleravam e, finalmente, os que lhe faziam fronda. Nesse microcosmo percebia-se, já de início, aquilo que seria uma constante em sua vida: sua presença, suas ideias, suas certezas, principalmente, rachavam o público de alto a baixo.

Plínio era tão infenso a meios-termos e concessões no terreno da ortodoxia católica, que a muitos transmitia a impressão de que era um radical intransigente. Essa impressão era reforçada pela vitalidade, pela afirmatividade e pelo desassombro com que ele defendia verdades de há muito esquecidas. Num tempo em que só as senhoras eram católicas e iam à Missa; em que a imensa maioria dos homens de seu meio era constituída de positivistas, maçons e liberais; em que só se louvava a paciência, a humildade e a conformidade; ele, com sua voz forte, proclamava alto e bom som que a castidade deveria ser praticada por todos, sejam mulheres ou homens; e que todos se lembrassem de que o inferno está com suas portas abertas, à espera daqueles que cometessem pecado e não se arrependessem. Dizia, igualmente, que os católicos deveriam afirmar com desassombro sua fé, ser combativos e capazes de vencer os inimigos da Santa Madre Igreja. Mais ainda, que deveriam se arregimentar e formar um partido que tivesse condições de dirigir os destinos do Brasil e alterar o rumo dos acontecimentos.

O fato de Plínio ter sido eleito como o deputado federal mais votado do País (1933) levou meus tios a prognosticar uma carreira brilhante para o sobrinho, já imaginando que chegaria aos mais altos postos do governo. Para eles, uma catarata de invectivas contra “os monstros sagrados” do establishment seria a coisa mais contraindicada no momento. Mas seu desagrado não se circunscreveu apenas à envergadura com que Plínio invectivava o mundo moderno, mas ao fato de eles começarem a perceber, de um modo subconsciente, é verdade, que uma nova força estava despontando no horizonte. E que essa força se compunha de dezenas de milhares



de jovens que, como Congregados Marianos, queriam reformar o status quo vigente, de alto a baixo! E, se providências não fossem tomadas, os próprios tios correriam o risco de se tornarem figuras do passado... Eles como que diziam: “*Como é que Lucilia, tão cordata, foi ter um filho tão afirmativo como esse, é realmente inconcebível...*”

Também tiveram papel importante na formação da personalidade de Plínio os seus mestres escolares, os padres jesuítas do Colégio São Luís. Lembro-me de ele elogiar inúmeras vezes o rigor da lógica inaciana, a construção perfeita do raciocínio, sóbrio, preciso, esquemático, mas poderoso, decisivo em qualquer polêmica. E os elogios não se circunscreviam apenas à dialética, mas se estendiam à diplomacia, à discrição e ao empenho com que os filhos de Santo Inácio tratavam de seus interesses. Nos dias de glória da Companhia de Jesus, esses atributos permitiram que ela se transformasse na mais importante e eficiente ordem religiosa no combate às heresias, principalmente ao protestantismo. A par disso, a ascese e os Exercícios Espirituais de Santo Inácio exerceram grande influência na personalidade e vida espiritual de Plínio.

Catolicismo — Mas havia em Dr. Plínio motivos para ser visto, quando jovem, como um radical intransigente e belicoso?

Dr. Adolpho — Estou certo de que essas recordações irão desapontar a não poucos, pois, ao contrário do que se poderia esperar, elas de fato evocam a figura de meu primo como um menino afetivo, de temperamento plácido, contemplativo, infenso a correrias, gritarias, brigas domésticas e não domésticas. Uma antiga fotografia, pertencente à família, revela minha prima Rosée, aos sete anos de idade, andando por uma calçada, pequena, viva e atenta, levando pela mão o irmão dois anos mais moço, que, com ar absorto, pensativo e distraído, olhava para algum ponto indefinido do horizonte. *Fräulein* Mathilde sempre comentou como os dois irmãos eram diferentes: Rosée, alerta, desconfiada, pronta para defender suas prerrogativas; Plínio, meditativo, cordato, desarmado ante a truculência dos maus colegas de escola, infenso a desordens e discussões, preocupado apenas com as delícias de um bom lanche preparado por sua queridíssima mãe...

Quem o conheceu no ocaso de sua vida — quando seus sofrimentos e a magnitude de



sua obra cresciam no mundo inteiro — talvez tenha dificuldade em compreender que seu natural era cordato, pacífico, alegre. Quando discutia assuntos, mesmo os que o atingiam de perto, mantinha uma bonomia, um distanciamento psíquico, uma fleuma, que facilitava muito sua argumentação, lógica, compassada de fácil compreensão. Ouvia com atenção nossos “conformes”, nossas justificativas, nos encorajava, dava direito de cidadania aos nossos pontos de vista. Costumava chegar às conclusões dando a impressão de que o sucesso delas era devido tanto a ele quanto a nós. Resultado: eram raríssimas as vezes em que ficávamos ressentidos com as suas admoestações ou com a sensação de não termos sido compreendidos.

Catolicismo — Mas como pôde esse menino, de natural tão cordato, tornar-se um polemista e mesmo um guerreiro da boa causa?

Dr. Adolpho — Ele mesmo me contou quanto lhe custou — chegou até a dizer que era a sua cruz — dominar seu gosto pelo bem-estar caseiro, pela boa prosa com os amigos, pelas amenidades que a vida oferece àqueles que não intentam alterar a ordem vigente das coisas, para se lançar nas polêmicas ideológicas, nas campanhas contra os progressistas, na turbulência política. Mas, para a defesa da civilização cristã e da Igreja, ele teve que se tornar um cruzado em ordem de batalha.

Catolicismo — Quais eram as características do trato de Dr. Plínio com seus amigos e com as pessoas em geral?

Dr. Adolpho — À primeira vista, eu diria, eram a afabilidade e uma nota cerimoniosa que ele imprimia no seu relacionamento com todos, a começar por seus pais, irmã e amigos. O conceito moderno de trato cerimonioso supõe distanciamentos e artificialismo, mas não era assim que Plínio o entendia. Muito pelo contrário! Ele o considerava a fina ponta da boa educação, o instrumento ideal para policiar a vivacidade da palavra, firmar hierarquias, enriquecer as conversas. A cerimônia, dizia, nada mais é do que uma linguagem expressa por símbolos reconhecidos como tais pelo corpo social — protocolos, cumprimentos, sorrisos, acenos, olhares, expressões faciais, que sublinham, ou contemporizam, o que está sendo dito. Mais ainda,



os matizes e os entretons, tão necessários para expressar sentimentos e realidades plenas de nuances — respeito, cortesia, desagrado, apreço, enlevo — só são viáveis numa interlocução culta e cerimoniosa. Tanto é assim, que a cerimônia com a qual ele tratava as pessoas, ao invés de criar distâncias, agradava a todos.

Catolicismo — Sua prima, Da. Rosée, falava do especial talento de *bon causeur* de Dr. Plínio para manter uma conversação brilhante. O senhor poderia nos contar algo a respeito?

Dr. Adolpho — Realmente, Plínio tinha uma capacidade excepcional de conversar, diria que era uma vocação especial dele. Foi conversando com seus primos, amigos e seguidores, que ele explicitou com precisão seu corpo de doutrinas e dele fez grandes sínteses. Foi nessas longas conversas, também, que ele conseguiu formar, pouco a pouco, um grupo estável de seguidores dispostos a dedicar suas vidas ao apostolado católico contrarrevolucionário por ele idealizado. Suas conversas, com muitas metáforas, contendo ditos de espírito e análises de pessoas, comparações surpreendentes, entremeadas de grandes explicitações, mas também, ao mesmo tempo, caseiras e despretensiosas, sempre foram consideradas, até por pessoas hostis ao seu pensamento, interessantes, agradáveis, divertidas.

Conversava com prazer sobre tudo que tivesse relação com o mundo cultural ou com questões ideológicas, mas sempre foi um ótimo ouvinte. Sempre dizia: “*A gente conversa sobre o que o outro quer, e não sobre o que a gente deseja*”. Atento, paciente e benquerente para com os tímidos, como que mergulhava no mundo dos pensamentos daqueles com quem conversava, mostrava-se interessadíssimo naquilo que ouvia.

Catolicismo — Por que Dr. Plínio, sendo grande conferencista, preferia, entretanto, a conversa para expor suas ideias e formar seus seguidores?

Dr. Adolpho — Ele como que necessitava estar olhando as pessoas com as quais conversava para poder observar suas reações, direcionar as temáticas, insistir nos argumentos, apelar para mais exemplos... Recordo-me que, após o jantar na casa de tia Lucília, descíamos a rua



Itacolomi em direção à sede do jornal “Legionário” [do qual Dr. Plínio era o diretor], que ficava na rua Imaculada Conceição, onde as conversas continuavam até meia-noite. Mas, seu encerramento só ocorria após um substancioso lanche na Confeitaria Elite, situada na rua das Palmeiras. Essas conversas, afirmo com toda a segurança, além de terem sido a maior bênção que Deus me proporcionou, foram as responsáveis pela minha formação como membro do *Grupo do Legionário*, e depois do *Grupo de Catolicismo* — nomes dados ao movimento, antes da fundação da TFP.

Catolicismo — Quais foram as preferências artísticas de Dr. Plínio?

Dr. Adolpho — Seu gosto maior foi pela literatura, também pela arquitetura, tanto a externa como a de interiores. Discorrer despreocupadamente sobre os ambientes, apontando o valor simbólico de uma ou de outra peça, comentando em que medida a decoração tendia a conduzir os espíritos a patamares mais elevados ou a tornar a vida de família mais aprazível, constituía, além de uma ocasião para divulgação de seus ideais, até uma distração.

No que se refere à arquitetura, sua preferência, entusiasmo e enlevo, sempre foi para pela arte gótica — estilo não herdado de uma civilização pagã, mas fruto de uma civilização verdadeiramente cristã, como foi a Idade Média. No estilo gótico, Plínio apreciava mais do que tudo os vitrais e as rosáceas multicores das catedrais. Sempre apreciou as pedras translúcidas, como a opala, a ametista, os diamantes, os cristais, enfim tudo aquilo que desse a impressão de conter ou brincar com luzes. Mais do que os vitrais, no entanto, ele apreciava a grandiosidade, a solenidade, a sacralidade expressas tão magnificamente nas pedras das altíssimas torres, nas ogivas, nas agulhas e na fantasia dos elementos decorativos das venerandas catedrais europeias. A Idade Média as construiu, a Renascença as desprezou. Com razão, ele desprezava a arte moderna, que edifica barracões e não catedrais... Sempre que apreciava uma obra de arte, um panorama, um palácio, uma sala, começava por detectar o ponto que ele chamava de “ponto monárquico” ou “unum”, para o qual convergem todos os predicados, e segundo o qual tudo se explica, vivifica, toma sentido.



Catolicismo — E Dr. Plínio enquanto homem de pensamento, quais são as recordações do senhor?

Dr. Adolpho — Ele possuía um senso lógico e psicológico extraordinário. Seu raciocínio não era acadêmico. Enquanto a regra geral do pensamento é o enunciado por princípios de ordem genérica e abstrata, e daí partir para sua aplicação na ordem concreta, o dele habitualmente invertia essa sequência. Ele se aproveitava, por assim dizer, de certas realidades do dia-a-dia, de fatos corriqueiros, e principalmente de opiniões dadas por seus ouvintes ao longo das conversas, para dissertar sobre seu significado e sua capacidade de evocar princípios de uma ordem superior. Certa vez, ao contemplar a famosa estátua do “Pensador”, de Rodin, comentou que a introversão solitária pode ser magnífica, mas não era de seu feitio.

Plínio tinha a tendência a exprimir o conceito de forma muito adaptada a quem o ouvia ou lia. E ainda a relacioná-lo com fatos da atualidade ou com alguma realidade humana que o tornaria mais fácil de ser entendido por quem o ouvia. Graças a seu senso psicológico agudo, percebia as menores variações dos estados de alma de seus interlocutores. Quando discutia um assunto, ou até em conversas corriqueiras, percebia com facilidade as razões últimas pelas quais seu interlocutor defendia este ou aquele ponto de vista. Constatou que as razões últimas pelas quais as pessoas aderem a esta ou àquela ideologia se deve, com frequência, a crenças arbitrarias, ressentimentos, preconceitos ou hábitos mentais adquiridos na sua juventude.

Ele sempre teve seu pensamento voltado para a ordem temporal cristã. Durante sua juventude, enquanto ainda vivia em casa de vovó, conseguiu, pesaroso, detectar, com sua prodigiosa capacidade de observar, a progressiva influência das novas ideologias nos modos de pensar de seus primos. Em conversas sem fim, procurou alertá-los. Como autêntico católico contra-revolucionário, leitor assíduo das obras dos grandes pensadores tradicionalistas do século XIX, como Donoso Cortés, De Bonald e Veuillot, desde o início manifestou uma rejeição ao “mundo moderno” e às novas ideologias. Seus professores do Colégio São Luís e os padres que frequentavam a casa de vovó pactuavam pachorrentamente com o status quo vigente e com a decadência progressiva dos costumes. E não poucos deles manifestavam simpatias pelos regimes fascistas que, a cada dia, ganhavam mais adeptos na Europa. Esse desapontamento em



relação à conduta de padres conhecidos e amigos seus, precedeu de alguns anos o que se tornou uma característica de sua vida pública: as polêmicas com o clero progressista ao longo de dezenas de anos. Conversas, livros, artigos, conferências, enfim, usou de todos os recursos à sua disposição para alertar bispos, padres, membros de associações religiosas e a opinião pública em geral para os perigos do progressismo — movimento de ideias herdeiro do modernismo, qualificado por São Pio X de a grande heresia dos tempos modernos. Alertou-os também para a crescente infiltração do pensamento esquerdista nos meios católicos, apontando especialmente a atuação no Brasil das CEBS (Comunidades Eclesiais de Base). Também denunciou a participação de bispos em movimentos a favor das reformas agrárias confiscatórias e de caráter nitidamente socialista. Seu livro *Reforma Agrária, Questão de Consciência*, (1960), alcançou grande repercussão nos meios agrários e pode ser considerado como o principal responsável pela reação dos fazendeiros aos projetos governamentais agrorreformistas.

Ele foi autor de diversos livros, mas creio, poder-se-ia dizer, que sua obra principal, não publicada, foi a elaboração de um imenso manifesto que abarca diversos assuntos tratados em numerosas reuniões com discípulos. Sua temática mais importante constitui digressões sobre uma ordem temporal cristã futura, que ele designava de Reino de Maria, baseado nos escritos de São Luis Maria Grignon de Montfort. Nessas reuniões, duas ou três vezes por semana, conversava-se, trocavam-se ideias, redigiam-se ensaios preparatórios. A receptividade dos ouvintes para essa ou aquela afirmativa, os limites de sua compreensão sugerindo explicitações mais detalhadas, a procura pela síntese das opiniões apresentadas, permitiam que Plínio fosse delineando, pouco a pouco, a figura ideal de uma sociedade sacral, orgânica, hierárquica, católica em toda a extensão do termo.

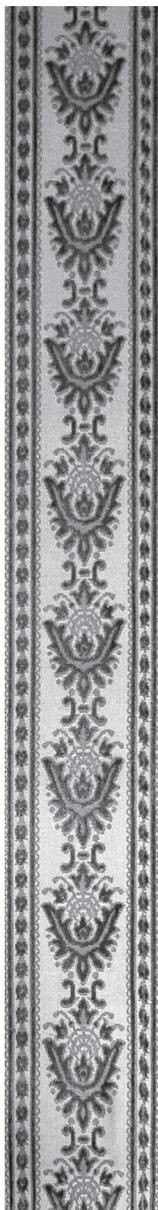
O desagrado visceral de Plínio para com tudo que fosse extravagância da atualidade revolucionária, seu enlevo por tudo que lembrasse a Cristandade medieval e aspectos louváveis do *Ancien Régime*, levaram-no a descrever seus propósitos de vida numa das mais belas e sublimes de suas afirmações: “*Quando ainda muito jovem, considerei enlevado as ruínas da Cristandade; a elas entreguei meu coração; voltei as costas ao meu futuro, e fiz daquele passado carregado de bênçãos, o meu porvir*”.



Catolicismo — Afirmação que revela bem a fidelidade de Dr. Plínio ao ideal ao qual se consagrou. Mas que também revela muito sua personalidade contra-revolucionária, não é?

Dr. Adolpho — Creio que cada um de seus seguidores o descreveria segundo a percepção de quem ele realmente foi: figura máxima da Contra-Revolução, precursor do Reino de Maria, fundador e alma da TFP, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Eu diria que ele lutou, acima de tudo, pela glória e a grandeza de Deus. Os homens, as civilizações, as artes, só cumpririam sua missão na medida em que participassem das hierarquias ordenadas pelo Criador. Os revolucionários têm como meta principal a destruição das hierarquias baseadas em critérios de família, honra e virtude; os contra-revolucionários devem amá-las, preservá-las e as considerarem como escadas para se alçarem a perfeições cada vez mais elevadas. Nossa Senhora, sacralidade, hierarquia, nobreza, tradição, ortodoxia, imolação, são ideais que permeiam de alto a baixo as conversas que mantive com Plínio. Assim como eles vivificam suas mensagens, polêmicas, seus livros, manifestos, artigos, enfim todo seu convívio diário. Em outras palavras, são esses ideais os pilares do admirável *universo pliniano*.

MEU PRIMO PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

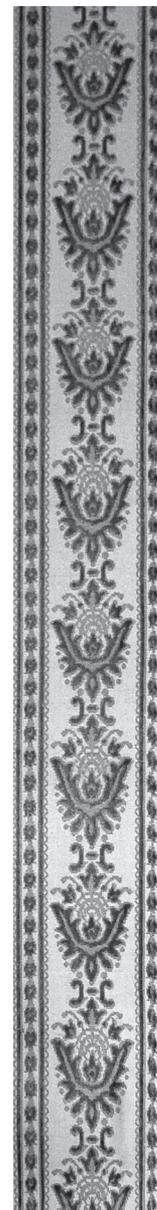




O mundo de Dr. Plinio

Em primeiro lugar tenciono descrever em que sentido compreendo o vocábulo mundo. À primeira vista se diria que o mundo de uma pessoa corresponde ao centro de suas preocupações, ao ponto monárquico de seu pensamento, a seu modo de ver as coisas. Essas descrições, creio eu, são verdadeiras, mas julgo conveniente acrescentar a elas a noção de que cada um de nós possui um elenco de assuntos e de ambientes nos quais nos detemos com um prazer todo especial, nos quais como que “nos encontramos”. Noutras palavras, o mundo de cada um de nós seria um microcosmo formado por aquilo que apreciamos, entendemos, gostamos de compartilhar, e que completa, num certo sentido, nossa personalidade.

Quando falamos que o mundo de D. Fulana são seus filhos, estamos indicando que seu interesse, seu amor e a razão de sua vida, centram-se em cuidar e estar próxima a seus rebentos. O mundo de papai era o laboratório de pesquisa da Santa Casa, o lugar em que ele se sentia realizado, bem consigo mesmo, elocubrando despreocupadamente princípios e máximas da vida e onde ele podia se recuperar dos golpes que a vida proporciona a cada um de nós.





Hoje, no vocabulário corrente, existe um termo que indica, aproximadamente, o que seria o “mundo” de uma pessoa: “a praia”. Não sei qual é a origem dessa expressão, mas ela descreve bem a área de “domínio” de cada um de nós.

É tentando conhecer o mundo de Dr. Plínio que estaremos em condições de melhor compreendê-lo.

Esse mundo, como tudo o que se relaciona com a sua personalidade, é vasto e complexo e devemos nos contentar apenas em dar pinceladas descritivas que possam nos ajudar a con-



Luís XIV recebe o Príncipe de Condé

figurar sua pessoa. Uma dessas pinceladas é a de apontar seu interesse por ler memórias de personagens do *Ancien Régime*, especialmente as obras de Saint-Simon, o grande biógrafo da época de Luís XIV. Ele sublinhava os trechos que mais o interessavam e comentava-os com seus primos e amigos sabendo que para eles era como se lhes estivesse falando grego ou de pessoas que desapareceram na poeira dos tempos.

A leitura de dezenas de livros comentando a vida social em tempos anteriores à Revolução Francesa e, por outro lado, a influência de tia Lucília, por ser ela monar-

quista, muito católica, adversa aos novos costumes que chegaram ao Brasil logo após o fim da I Grande Guerra, levaram Dr. Plínio a se tornar um admirador do passado, das tradições, do ambiente social do fim do Império. E, ao mesmo tempo, um opositor convicto de todo tipo de modernismo, republicanismo, igualitarismo etc.

A leitura e a releitura de memórias do *Ancien Régime*, o ambiente sereno, inocente, benfazejo da casa de tia Lucília e as reminiscências dos antigos tempos da monarquia, levaram-no a se deliciar em montar quadros imaginários de um mundo povoado por príncipes, reis, cava-



leiros, formas de cortesia, protocolos e cerimônias de toda ordem. Lembro-me de como ele se entretia em conjecturar sobre as precedências que deveriam indicar as posições dos convidados — príncipes, cardeais, senhoras da alta nobreza, sábios e heróis — num banquete oferecido por Luís XIV (*ça va sans dire*). Ou então seu enlevo ao imaginar as cerimônias e protocolos que deveriam presidir o relacionamento entre dois reis numa hipotética diarquia.

Em sua mocidade Dr. Plínio já sonhava com o Reino de Maria? Creio que não. Nesse ponto ele era pessimista, julgava que o mundo caminhava para um precipício, mas não via uma saída para isso.

Resumindo, o teor de suas conversas descontraídas entre os amigos, girava em torno de três temáticas: elogios ao passado (*Ancien Régime* e tempos monárquicos), críticas acerbas ao modernismo norte-americano, à república e ao igualitarismo, e apreciação de objetos, cenários, acontecimentos, pela sua beleza, classe e nobreza (pré-estudos de transcendência).

A partir do fim da II Guerra Mundial, Dr. Plínio, a meu ver, aperfeiçoou esse seu hábito de procurar em tudo graus de excelência, de modo a transformá-lo numa verdadeira escola espiritual tendo a visão platônica de Deus como fim último de todas as perfeições. Todas as formas do belo, as harmonias, as hierarquias, os graus cada vez mais elevados de excelência, as sublimidades, os cumes de perfeição, os absolutos – Deus. E a esse caminhar para as culminâncias ele dedicou todo seu entusiasmo, suas energias e o transformou em seu mundo.

Considerando essa ascensão a Deus pela escada das perfeições como devendo ser a forma de espiritualidade própria ao Grupo, ele procurou compendiá-la em três teorias, três temáticas básicas: a teoria do assumir, a matriz dos “flashes” e o conceito de honra.

A essas três temáticas que poderiam, talvez, ser fundidas numa única concepção, ele as acumulou de elogios do tipo “Ponto central de um manifesto a ser apresentado à sociedade atual, denominado internamente como MNF”, “Ponto monárquico de nosso pensamento”, “A fina ponta do espírito contra-revolucionário”. E o curioso é que os elogios são intercambiáveis: ora foram feitos a uma, ora a outra das temáticas, mas sempre de forma veemente.

Essa ascensão a Deus pelas criaturas poderia ser a *via iluminativa* descrita pelos místicos? O que foi exposto nestas últimas considerações já foi apresentado em reuniões anteriores.



Agora, no entanto, vou submeter à apreciação dos senhores, principalmente dos mais velhos que o conheceram bem, algo de novo:

O deleite todo especial, o termo é bem este, que ele votava a tudo o que fosse excelente, maravilhoso, nimbado por uma luz dourada, *racée*, requintado, deslumbrante.

Desde criança Dr. Plínio sempre manifestou uma capacidade muito grande para relacionar tudo com tudo, e ver nas mais variadas formas de arte uma força simbólica capaz de o elevar à contemplação de sublimidades próprias a um mundo nimbado por uma luz dourada. Foi o que aconteceu quando, aos cinco anos de idade, durante uma viagem a França, no Palácio Versalhes, ficou abraçado às rodas douradas de uma carruagem.



Rainha Maria
Antonieta

Podemos imaginar o jovem Plínio, que sem conhecer ainda o ideal do Reino de Maria e nem a Mensagem de Fátima, mas já sonhando de olhos abertos e também de olhos fechados com um mundo ideal habitado por figuras do *Ancien Régime*, conversas permeadas por ditos de espírito, reverências e protocolos, sedas e brocados, entrando na sede da Congregação Mariana da igreja de Santa Cecília. Este choque inicial não cessou, pelo contrário, cresceu quando começou a conversar com padres e congregados imersos em novenas, cursinho disto e daquilo, lendo hagiografias numa linguagem *heresia branca* (ver explicação à p. 4), sem idealismos, heroísmos e proezas. O ambiente material também não ajudava: estampas de santos com expressão sentimental compradas por preço bem convidativo, móveis adquiridos na rua das Palmeiras ou doados por estarem velhos por beatas, também velhas. Mas o pior de tudo era o princípio dominante, pairando autoritariamente no ar: se encontrava a virtude, e não no “mundo”, pecaminoso em sua essência. Nem no “mundo” e muito menos nas casas dos ricos, dos grãfinos, que gozam uma vida fútil, pecaminosa, indiferente à sorte dos pobres, dos desvalidos e dos órfãos.



Um fato mostra bem a distância estelar entre o jovem Plínio e o ambiente católico existente na década de 30, constantiniano, preservado, de certo bom espírito. Lembro-me que o primeiro artigo do Dr. Plínio no “Legionário” foi um elogio entusiasmado a Maria Antonieta. Imaginem a perplexidade do nosso saudoso Vita ao ler esse texto laudatório a uma rainha fútil, orgulhosa, frívola, para não dizer algo pior...

Dr. Plínio aspirava o cume das hierarquias, olhava os degraus intermediários como meios para subir para as estrelas; receiava que os degraus se transformassem em patamares estáveis, autossuficientes, indicando subrepticiamente que degraus mais altos, ou não existem, ou não estão ao alcance de nós miseráveis criaturas. Donde uma certa impaciência com o corriqueiro, com a semgracês do dia-a-dia, com a satisfação burguesa por uma vida cômoda, ordeira, limitada, armada contra quaisquer apelos a requintes, sublimidades e cosmovisões grandiosas, apocalípticas.

De tudo o que estamos dizendo sobressai a seguinte pergunta: o que é bom, ordeiro, de acordo com a Lei natural, pode se tornar um obstáculo às culminâncias da santidade, das excelências e das sublimidades? A resposta é evidentemente “não”.

A resposta é negativa se visualizarmos o bom como um degrau numa escala de perfeições postulando degraus mais altos. Se o visualizarmos como um patamar autossuficiente, estável, fechado para níveis de excelência e sublimidades, o bom acaba apodrecendo, estiolando-se numa mediocridade sem brilho. Já diz o ditado: “O bom é o inimigo do ótimo”.

Todo degrau de perfeição deve postular o seguinte, aquele que está acima, que é mais nobre, mais excelente. Caso ele fique satisfeito com sua mediocridade, transforma-se num empecilho no caminhar para Deus. Essa é uma lei essencialmente *pliniana*. Desconhecê-la impede o conhecimento de quem ele foi, de sua espiritualidade, de sua psicologia, de seu mundo.

“Querem saber quem eu sou? Sou uma pessoa em constante procura por superioridades que eu possa admirar”.

Dir-se-ia que isso também já foi dito e redito. O que não foi dito é sua restrição, eu diria, por aquilo que é simplesmente bom quando poderia ser excelente; pelo correto quando poderia



ser sublime; pelo normal, quando poderia ser fantástico, maravilhoso; pelo modo de vida burguês, quando poderia ser aristocrático.

Nessa atitude estaria embutida uma crítica à ordem descrita pelo conhecido tratadista Tapparelli d'Azeglio, a ordem natural, o viver pacífico, de todos os dias, de acordo com a Lei de Deus? A resposta está em que essa normalidade é digna de todos os encômios desde que, primeiramente, não se oponha em nada àqueles que desejam ascender degraus superiores de santidade, nobreza e sabedoria. E secundariamente na medida em que predispõe, auxilia, exalta àqueles degraus.

Poder-se-ia utilizar o termo burguês para exemplificar o que estamos querendo dizer: o termo “burguesia” deriva do povo que vivia nas cidades muradas na Idade Média; hoje em dia caracteriza a classe média. Nele não existe nenhuma conotação pejorativa. A expressão “espírito burguês” já possui uma conotação de mediocridade, limitação, mediania, avareza e *bornesismo*. Assim sendo podemos identificar o termo espírito burguês como uma oposição à subida a patamares superiores, de maior santidade ou excelência.

Isso que estou procurando descrever com pinceladas corresponde à intenção de se assemelhar a Deus pela contemplação de suas perfeições.

Vejam, em seguida, outra dimensão do *mundo pliniano*: a oposição a partir dos primeiros dias em que frequentou o colégio, a tudo o que era revolucionário: as modas, o chulo, o pecado contra o 6º mandamento, a baixa de nível, as manias de cunho democrático, o endeusamento da vida sem ideal, trepidante norte-americana.

Unindo essas duas tendências — a da procura pelo maravilhoso e sublime com a de combater a Revolução, desejava ele que sua querida TFP tivesse tonalidades militantes, de heroísmo, proeza, desafios; a luta não se extingue com a vitória, mas com o revide, com a *force de frappe*, o brilho, o ímpeto incoercível, com a determinação de vencer de modo grandioso e majestático.

Noutras palavras: todos os homens devem viver de acordo com os mandamentos, mas só alguns almejam a santidade; grande parte da população numa Cristandade, o pequeno povo de Deus, vive em condições de normalidade, paz e harmonia, mas almeja também a luta contra as forças do mal, e se tornam cruzados, se oferecem em holocausto.



Esse a mais, esse grau de perfeição que supera o suficiente, chama-se heroísmo, nobreza, sacrifício.

Nos feriados, os bons cidadãos se reúnem para beber em conjunto, conversarem e festejarem o bom relacionamento entre eles. Nas vésperas de batalha, os soldados se reúnem para beber, se animarem mutuamente e fazem pedidos aos colegas em caso de morrerem. Aparentemente as reuniões se assemelham, mas como dizia Goethe, nas reuniões dos militares, um dos convivas era a morte...

O burguês aspira a harmonia familiar, a estabilidade, o merecido descanso. O nobre sonha com heroísmos, toques de clarim, proezas.

O burguês procura a harmonia, a moderação o equilíbrio, as planícies cultivadas. O nobre aspira extremos, esplendores, os altos píncaros rodeados de precipícios.

O andar do burguês é compassado e seguro; o do nobre é impositivo, impetuoso.

Na decoração de sua casa o burguês procura a harmonia, a distenção e aconchego. O nobre, com os mesmos recursos, prefere ter uma peça de grande valor, mesmo à custa de ter sua sala desprovida de alguns móveis.

No olhar do burguês nota-se a simpatia, o bom senso; no do nobre a sobrançeria ou a afirmatividade.

Sancho Pança e Dom Quixote representam algumas diferenças entre o modo de ver as coisas do burguês e do nobre.

Onde podemos notar com uma clareza cristalina a diferença existente, o “gap”, entre o razoável, o “bom”, o “natural” e o excelente, o extraordinário, o “à mais”, é comparando a lei do Antigo Testamento e a do Novo Testamento; a mensagem sobre o “mundo”, já que estamos falando em “mundo”, de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pela Lei natural, pela lei judaica, um pecado, uma ofensa, devem ser perdoados, mas a penitência deve equivaler ao mal provocado. É a lei do talião.

Jesus, ao apresentar a parábola do filho pródigo, ao recomendar à pessoa esbofetada numa das faces, oferecer a outra; ao afirmar à adúltera que não a condenava, mas recomendou que não pecasse mais; ao escolher Madalena para ser a primeira pessoa a quem apareceu quando



ressuscitou; quando confirmou São Pedro como o chefe da Igreja depois de ele O ter negado três vezes e não ter estado presente no Gólgota — inaugurou um novo padrão de relacionamento com os pecadores desde que arrependidos. A misericórdia está de tal modo presente nesse novo relacionamento que transcende e completa o espírito de justiça.

Isso visto, poderíamos procurar redigir algumas considerações concernentes às coisas boas e às excelentes.

É possível que, se não houvesse o pecado original, as coisas excelentes prevaleceriam sobre as coisas simplesmente boas. Mas depois da queda original temos de nos contentar com o fato de que a grande parte de nosso entorno seja constituído de coisas boas, das quais emerge uma ou outra excelente.

As coisas boas são desejáveis na medida em que não impeçam a emersão das coisas excelentes. Certa categoria de coisas boas pode ser indiferente ao aparecimento de excelências. Outras postulam, geram, estimulam a criação de excelências. A virtude essencial para distinguirmos essas diferenciações é o bom senso. Ele nos levará a apreciar as coisas que por sua natureza devem ser apenas boas, aquelas que servem de trampolim para elevações ao sublime.



Reuniões na rua Imaculada Conceição

Alguns congregados marianos liderados por Dr. Plínio assumiram, em meados da década de 30, a redação do “Legionário”, órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo. Ao longo das reuniões de redação não só foi se formando uma amizade entre eles, como todos sentiram um chamado muito forte da Providência para a consecução de ideais que ainda não tinham sido conscientizados. Esse primeiro grupo de amigos e companheiros de trabalho de Dr. Plínio, por nós denominados “o Grupo”, foi a *célula mater* de todo nosso movimento.

Apesar de sua informalidade, ele já apresentava algumas características que iriam ser as marcas constantes em todos nossos apostolados: a liderança carismática de Dr. Plínio, a estrutura orgânica, não burocrática, e o predomínio da conversa como fator *princeps* de nossa formação ideológica e espiritual.

O “Legionário” ocupava o porão de uma casa de 4 ou 5 andares situada na rua Imaculada Conceição, no bairro de Higienópolis. As instalações eram



Dr. Plínio diretor
do “Legionário”



de uma pobreza franciscana: uma sala de redação ocupada por umas sete ou oito mesinhas minúsculas, uma estante; noutra sala, a social, existia um sofá velhíssimo com duas poltronas avulsas, mais umas três ou quatro cadeiras e pronto. Não havia tapete, cortinas, lustre, quadros ou objetos decorativos. Ao longo de minha já extensa vida, já trabalhei em centenas de salas, e a mais despojada, sem dúvida, foi o porão do “Legionário”.

Dr. Plínio, o prof. Fernando Furquim de Almeida, o engenheiro José Azeredo dos Santos, Paulo Ulhôa Cintra, José Benedito Pacheco Salles, José Fernando de Camargo e eu nos reuníamos quase todas as noites para redigir notícias para o semanário e, logo após, nos entregávamos a longas, ruidosas e animadíssimas conversas. Como na época o jejum eucarístico começava à meia noite, saíamos apressadamente às 23:20h para ir a uma confeitaria alemã, a Elite, localizada nas proximidades. Lá tomávamos sorvetes, sucos e comíamos tortas. A preeminência de Dr. Plínio nas conversas tinha sua continuidade no enorme apetite com que ele tomava sorvetes de creme, com uma cereja no cimo, e muito, mas muito mesmo, creme *chantilly*. Ele dizia que o nome *chantilly* condizia com o gosto.

Sobre o que conversávamos? O plural é um eufemismo, pois nos primeiros tempos eu assistia às reuniões mudo, aguardando uma brecha para comentar algo sobre exorcismos que o Pe. Miguel me revelava e que pressentia que afinava com as temáticas discutidas. Aguardar uma brecha — e, às vezes, por longo tempo — é uma expressão muito adequada, pois a verbosidade e o entusiasmo de Dr. Plínio e do Pacheco Salles eram tais que em torno deles se formava uma muralha que os protegia de comentários não condizentes com o que eles estavam afirmando, comentando ou denunciando.

Os principais temas das conversas eram comentários sobre os livros que cada um deles estava lendo. Convém, neste momento, ressaltar para os senhores, a necessidade para nós todos de estar sempre lendo um livro, não só aumentar a munição e o fervor contra-revolucionários, como também visando servir de material de animação às as conversas intra-muros.

As temáticas eram as mais variadas. Forçando minha memória, posso enumerar, a título exemplificativo, algumas delas:

Monarquia x República.



Sociedade aristocrática, *Ancien Régime*, Revolução Francesa.

Espírito democrático, modernismos, decadência dos costumes, baixas de nível etc.

Fatos políticos do dia, avanço do comunismo, nazismo, getulismo.

Críticas à *heresia branca*, a Maritain e ao liberalismo religioso.

Quais eram os livros mais lidos? Que eu me lembre eram as sempre presentes memórias de figuras do *Ancien Régime*, Mons. Delassus, *História Universal* de Weiss, obras de Funck Brentano, escritores ultramontanos do séc. XIX, filósofos existencialistas, revistas católicas francesas e muitas outras publicações.

Dessas conversas nasceram várias sementes que ao longo dos anos se transformaram nas grandes teses que serviram de base para as reuniões do já citado MNF, para a publicação de *Revolução e Contra-Revolução* e do livro sobre a Nobreza e de tantos outros trabalhos.

Essas teses já existiam na *arrière pensée*, no subconsciente de Dr. Plínio? Provavelmente sim, ao menos em parte, mas não de modo explícito. E certamente foi nessas reuniões, naquele simples porão, que Dr. Plínio pôde conscientizar-se de sua imensa e profética missão de enfrentar a Revolução e enunciar as bases do futuro Reino de Maria.

Como poderiam ser visualizadas as teses básicas que começaram a tomar forma nessa ocasião? De modo muito sumário, imperfeito, por conseguinte, eu poderia selecionar algumas delas:

Sobre o que conversávamos? Como Dr. Plínio começou a explicitar o que ele já idealizava desde sua infância?

Creio que foi a leitura do eclesiástico francês Mons. Henri Delassus, que desencadeou todas as reflexões de Dr. Plínio sobre sua obra mestra *Revolução e Contra-Revolução*. Quais as considerações básicas sobre a conceituação dessa temática?

O mundo é disputado por Deus, Nossa Senhora, os anjos, a Igreja e todas as forças do bem, de um lado; e o demônio, com sua estrutura, verdadeira contra-facção da Igreja — a maçonaria, as forças secretas, os conluios entre os maus.

Creio que essa visão tão radical da luta entre o bem e o mal constitui uma das características básicas da cosmovisão de Dr. Plínio e penso, igualmente, que nosso apostolado junto aos



jovens deve começar pela explanação desse nosso modo de visualizar o *modus operandi* do demônio.

Tal visão se distingue da concepção corrente, e mais ainda da *heresia branca*, pelas seguintes razões: no livro *A alma de todo o apostolado*, nas aulas de catecismo, nos sermões, o pecado é denunciado como sendo uma desobediência à Lei de Deus; ademais nós devemos execrá-lo também, por seu aspecto simbólico, isto é, pela sua infâmia e repulsividade.

Todos os atos políticos, culturais, morais, psicológicos etc., ou tendem para o polo da Contra-revolução ou para o polo da Revolução.

Noutras palavras, tudo simbolisa, remete, lembra, orienta, para um polo ou para o outro.

Essa capacidade de perceber, sentir, detectar se uma ideia, um projeto, um livro, uma obra de arte, um objeto de uso caseiro, são revolucionários ou sádios e possivelmente contra-revolucionários, constitui propriamente o senso profético de Dr. Plínio. E creio, pode-se dizer que o *arrière-fond*, a preocupação última de toda a dialética dele nas reuniões da rua Imaculada Conceição, visavam explicitar essas realidades que ele conhecia em seu íntimo, mas que, talvez, nem fossem explícitas em seu espírito.

Outra faceta da personalidade de Dr. Plínio que se revelou nas conversas da rua Imaculada Conceição foi sua avidez — creio ser este o adjetivo mais apropriado para o que vou dizer — pelos aspectos simbólicos e transcendentais de todas as coisas. Ele como que respirava, vivia, em um mundo no qual todas as coisas, todas as ideias, todos os modos de ser, se interligam por laços de semelhanças, simbolismos e transcendências. E em decorrência dessa visão, ele acentuava em mostrar o mundo como se fosse um imenso *móBILE*, onde tudo se influencia mutuamente; onde todas as coisas remetem a outras, onde todos convidam e influenciam os demais tanto para o bem, quanto para o mal, para a Revolução ou para a Contra-revolução.



Aspectos da espiritualidade de Dr. Plínio – O revide da honra de Deus

Muitos perguntarão o que me teria levado a tratar de uma temática de tão alta envergadura. Tratar da espiritualidade de alguém, já constitui tarefa difícil. O que dizer então da espiritualidade de Dr. Plínio? Complexa, vastíssima, profética? Ele mesmo dizia que ninguém o tinha conhecido a fundo. Como desvendar a psicologia e as aspirações de quem teve como finalidade de sua vida ser um propugnador dos fundamentos do futuro Reino de Maria?

Por essas e outras razões, contentei-me em comentar nestes apontamentos apenas alguns aspectos, e não a totalidade da sua espiritualidade. Por outro lado, penso que é na recordação de fatos ocorridos na juventude de





uma pessoa, ou mesmo nos anos que a antecedem, que se pode conhecer com maior facilidade o fulcro de sua luz primordial. Nesses estágios começam a se compor as preferências, modos de ver as coisas, temperamentos, aptidões, inclinações da alma e inúmeros outros fatores, para formar aquilo que denominamos a personalidade espiritual de uma pessoa. Esses movimentos internos, ao nascerem, têm uma *sorgente*, uma pujança primaveril, uma autenticidade que nos permite observá-los com maior facilidade, muito embora sua ordenação posterior, por ocasião de sua maturidade, tenha o poder de modificá-los.

Parece não ser apropriado, para esse efeito, misturar recordações com análise de personalidade. No entanto, depois de ter começado a redigir estas linhas, cheguei à conclusão oposta. Alternando temas de importância para nosso apostolado com “fatinhos” e particularidades de seu modo de pensar e de agir — à semelhança das pinceladas de um pintor impressionista — tentarei apresentar seu retrato de corpo inteiro: princípios, pontos de vista, *Weltanschauung*, entusiasmos, preferências, ordenações, modos de agir e até idiossincrasias. Neste trabalho não foi minha intenção relembrar ensinamentos, princípios ou teses da autoria de Dr. Plínio. A magnífica biografia de sua pessoa feita pelo Prof. Roberto de Mattei, *O Cruzado do século XX*, e outros livros já escritos a esse respeito, já abarcam o universo de sabedoria que ele nos legou. Citações de suas palavras que ocorrem ao longo destas páginas têm em vista apenas corroborar suas predileções, modo muito pessoal de abordar grandes temáticas e suas reações diante do avanço inexorável da Revolução.

Ao me referir que este estudo visa abarcar apenas alguns aspectos e não a totalidade de sua espiritualidade e também que o estudo se limita a “pinceladas” de sua figura, pretendi mostrar que o mesmo é incompleto, necessitando de outros dados, comentários e descrições de um número maior de “fatinhos”. Se os senhores que o conheceram puderem apresentar outros depoimentos relativos à sua pessoa, creio que ao cabo de alguns meses poderemos ter a nossa disposição uma descrição mais completa da espiritualidade, personalidade e modos de atuar de nosso saudoso fundador.

Participei dos tempos heroicos e primevos da década de 30, e tive a ventura de conhecê-lo quando jovem. Estaria cometendo uma falta, se não aproveitasse a ocasião para recordar, em



função da utilidade para as gerações posteriores à minha, fatos que tiveram relação com a formação de sua possante personalidade.

Na qualidade de seu primo irmão, convivi com ele desde os tempos em que estava abandonando a juventude para ingressar na maturidade, e pude observar sua excepcional força de caráter em toda a sua espontaneidade. Como já me referi em depoimentos passados, ele se assemelhava a um “acontecimento”, a um “fenômeno”, a uma força da natureza. Mesmo entre os primos com personalidade forte, alguns até brilhantes, ele se destacava de modo indiscutível. Era gordo, com estatura de mais de 1,80m numa época em que a média girava em torno de 1,75m. Afirmativo, muito veemente, extrovertido, loquaz e com voz muito forte, ele se tornava o centro de todas as conversas, condição que não perdeu após o desastre de automóvel em 1975.

Sua preferência pelos regimes monárquicos e suas críticas ao modernismo dominante na época provocavam discussões animadíssimas. Foi exatamente nessa efervescência intelectual, e no caldeirão das controvérsias, que pude observar seu íntimo, seu temperamento natural, suas preferências e antipatias, que ao longo de tantos anos o levavam a interagir com tanta vivacidade na companhia de seus primos e amigos.

No modo formal de se vestir, de tecer elogios a tempos passados, e sobretudo de criticar o liberalismo, era um contra-revolucionário *en su tinta*, sem disposição para concessões. Como congregado mariano e monarquista, sem ainda ter conscientizado todo o esquema de sua obra *Revolução e Contra-Revolução*, sua pessoa já era a contra-revolução em marcha. Esse conjunto de características permite imaginar o cenário de polêmicas vivíssimas em que se transformou a casa de Vovó.

Se me perguntassem — como acontece em algumas entrevistas jornalísticas — qual foi a razão última de minha adesão a ele, o que eu diria? O que me levou a segui-lo pelo resto de minha vida? Faça aqui uma confidência. Minha adesão não se deveu a um apostolado longo nem breve de sua parte. Na verdade, ele nem notava a presença daquele menino calado, magro, “geração nova”, proveniente de uma família “protestantosa”, sentado num canto da sala e aturdido com o brilho das discussões. Entretanto, eu havia tido uma boa formação religiosa, dada por um monge beneditino na *Olindaschule*, e desejava verdadeiramente e com sinceridade que



o movimento mariano, frequente objeto de nossas conversas, acabasse dominando o mundo. Embora minha família se impressionasse com a inteligência de Dr. Plínio, julgando que faria uma carreira política capaz de o conduzir aos mais altos postos do governo, o que nele me atraiu foi sua excepcional força de vontade e seu amor pelos valores que entrevi ao ingressar na Congregação Mariana.

Lembro-me perfeitamente de ter feito o seguinte juízo: “Eu não entendo a metade do que ele diz, mas tenho a certeza de que, se ele não chefiar esse movimento com sua força de alma e visão das coisas, o trem vai descarrilar já e já”. Obviamente essa constatação foi para mim fruto de torrentes de graças. E assim a ele me apeguei, acostumei-me a ir jantar em casa de tia Lucília para ouvi-lo falar, ansiando durante o dia todo pela hora em que iríamos juntos aos porões do “Legionário”. Ao longo desse trajeto, quantas conversas, quantas direções espirituais, quanta paciência dele em ouvir meu “matraquear”.

Passo agora a discorrer sobre sua espiritualidade. Creio que o melhor caminho a seguir é o de apresentar separadamente dez de seus principais aspectos. Por tratar-se de um escrito destinado a circulação apenas interna, a linguagem é coloquial, sem preocupações com a concisão nem com o estilo literário.

I – A visão de Deus como Criador, majestático, magnífico, ápice de todos os ápices.

O centro monárquico de seu pensamento.

Todos temos uma visão de Deus muito própria, especial, fruto da graça e dos anseios de nossa luz primordial. A espiritualidade de alguns se baseia na contemplação de Deus como o Ser misericordioso por excelência, outro como o Juiz Supremo, outro como o Bom Pastor. A espiritualidade de Dr. Plínio o levava a adorar a Deus sobretudo como o Altíssimo, Criador do Universo, Todo-Poderoso, resplandecente, infinito, a Sublimidade personificada.



Escolhi algumas orações que configuram bem a Figura Divina à qual ele dirigia suas vistas, e certamente existem outras que produzem os mesmos efeitos. Na liturgia melquita, Deus é adorado como o “*Ser Inefável, Inescrutável, Invisível, Incompreensível, existindo sempre e sempre o mesmo*”;

“*Com essas Potências Bem-aventuradas, nós também, Senhor Amigo dos Homens, clamamos e dizemos: sois Santo e Santíssimo, Vós, Vosso Filho Unigênito e Vosso Espírito Santo, e Santíssima e Magnífica é Vossa Glória*”.

Outra prece faz parte do Exorcismo contra Satanás, de Leão XIII: “*Humilha-te sob a mão poderosa de Deus, treme e desaparece diante da invocação que fazemos do santo e terrível nome de Jesus, perante o qual estremeçam os infernos, a Quem estão submissas as virtudes do Céu, as Potestades e Dominações, a Quem os Querubins e Serafins louvam sem cessar em seus cânticos, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos*”.

Essas orações realçam a grandeza, a glória e o poder infinito de Deus, sua magnificência, o fato de ser o fim último de todas as perfeições. Entre Ele e nós, criaturas, permeia um abismo infinito; se Deus deixasse de pensar em nós, simplesmente desapareceríamos. Esta visão de Deus parece-me consistir o centro monárquico de sua espiritualidade.

Poder-se-ia perguntar se ele não venerava também a figura do Doce Rabi, o Deus que é Caridade — *Deus Caritas est* —, o Coração de Jesus, transbordante de bondade e desejo de

socorrer a todos nós com uma doçura imensa, infinitamente superior à de todas as mães acalentando seus filhos. Realmente, era mais raro ele referir-se a esses aspectos bondosos de Nosso Senhor, não porque não os venerasse, mas porque receava as deformações provenientes da *heresia branca*. Com esta expressão, ele se referia a certa forma de piedade que se disseminou





a partir do início do século passado. A piedade cristã varonil, combativa, afirmativa, começou então a ser contaminada por um sentimentalismo, não raras vezes romântico, piegas, dulçuroso e minimalista. Lembro-me de que desde sua juventude, nas décadas de 30 e 40, ele se insurgiu contra essa deturpação da autêntica caridade e do verdadeiro espírito de humildade, empregando toda a sua energia para apostrofar a infiltração da *heresia branca* nos meios católicos. Por diversas vezes, responsabilizou-a também pela decadência das Congregações Marianas.

Recordo-me igualmente de que nos antigos tempos do “Legionário”, visando exorcizar nosso ambiente de conotações da *heresia branca*, evocava as figuras de santos guerreiros, as cruzadas, a face militante da Igreja, os *cristeros* do México, os mártires da revolução comunista na Espanha, os vandeianos, os carlistas e demais personagens que lutaram pela implantação do reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo na Terra.

Convém relembrar igualmente a *Via Sacra* publicada por ele no “Legionário”, e posteriormente pela *Editora Artpress*. Nela descreve a figura varonil de Nosso Senhor, a fortaleza com que suportou seus sofrimentos, a vilania de seus seguidores e a presença de Nossa Senhora no momento lancinante em que Ele bradou “Senhor, Senhor, por que me abandonastes?”. As meditações contidas no texto são sacrais, comoventes, grandiosas; diferem das orações piedosas, mas um tanto dulçuras, frequentes em nossas igrejas por ocasião das cerimônias da Semana Santa.

Um dos objetivos mais horripilantes da Revolução é amesquinhar a figura de Deus no imaginário das pessoas. Operação tipicamente satânica, que se realiza de duas formas diferentes:

A primeira atinge a figura de Deus que nos foi inculcada pela piedade católica tradicional: um Ser Infinito, Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas, nosso Pai, cujo nome é *Caritas* — o amor tão excelso, e que nos é impossível concebê-Lo em toda sua grandeza e infinitude. Diante dele sentimos temor, nos prostramos, mas também nos consideramos em sua presença como um filho sente-se na companhia de seus pais. É o único Ser capaz de nos compreender a fundo, e com Quem podemos conversar, nos abrir, com intimidade maior do que teríamos falando com o melhor dos nossos amigos.

Essa figura de uma sublimidade inefável, majestática, e no entanto tão próxima de nós,



está sendo substituída nos dias de hoje pela de um velho sorridente, simpático, “amigão”, que do alto dos Céus contempla indulgentemente nossas “travessuras”.

Além de empobrecer a figura de Deus, a Revolução procura eliminar da alma humana os resquícios ainda existentes de uma visão do Ser Infinito como marco central de nossas vidas. No linguajar popular de outrora, inúmeras expressões denotavam a importância que se dava à Providência Divina: “Se Deus quiser”, “Valha-me Deus”, “Adeus”, “Deus me livre”, “Graças a Deus”. O Ser Infinito estava assim presente na vida do “povinho de Deus”. Era lembrado a respeito de tudo, a Ele se referiam numerosos ditos, sentenças e adágios. E na hora da morte, não havia quem d’Ele não se lembrasse. A Revolução produziu um minguinto dessa presença divina na vida dos homens.

Ao lado disso, a Revolução procura substituir o objetivo de agir segundo a moral, a consciência, a vontade de Deus, por outro ideal que é a busca da felicidade, da paz, do bem estar dos homens. Essa substituição está sendo feita com tanta maestria, de modo tão subreptício, que poucas pessoas se dão conta de sua existência.

Tanto nesses primeiros parágrafos muito esquemáticos, como nos capítulos seguintes, procuro descrever a personalidade do nosso tão querido pai espiritual naquilo que ele possuía de mais característico, isto é, seu modo de visualizar com um olho a figura de Deus em toda sua Grandeza, e com o outro procurando o meio mais eficaz de destruir a Revolução que se volta





contra Deus. Radicalidade na visão de Deus, associada ao sumo vigor em combater tudo o que a Ele se opõe. Dois conceitos e dois modos de vida que não se excluem nem se opõem, porquanto um indica a virtude que se deve praticar, o outro aponta os defeitos a serem combatidos.

Flashes

Com frequência maior ou menor, recebemos extraordinárias graças, verdadeiras fulgurações que nos arrebatam e nos levam a entrever momentaneamente a grandeza e misericórdia infinita de Deus. São cenas, gestos, atos de virtude dotados de alto valor simbólico, que nos arrancam, por assim dizer, das mesmices de nossa vida quotidiana para nos lançar a alturas inimagináveis da contemplação de Deus; algo análogo ao que ocorre com os êxtases místicos de certos santos contemplativos. Essas fulgurações são difíceis de descrever, mas pode-se dizer que se assemelham a raios rasgando o firmamento numa noite escura, tudo iluminando tudo com uma luz instantânea, mas intensíssima.

Dr. Plínio denominava de *flashes* esses discernimentos, e os atribuía ao Espírito Santo. Podemos considerar que ele recebia *flashes* supereminentes, pois estavam proporcionados à grandeza de sua missão: beleza da Igreja, interpretação dos acontecimentos históricos, luz primordial das nações, planos de Deus e do demônio etc.

Um exemplo pessoal, da década de 40, pode ilustrar melhor esses lances da misericórdia de Deus para conosco. Dr. Plínio, Dr. Paulo Ulhôa Cintra e eu fomos visitar um amigo nosso hospitalizado no Sanatório do Mandaqui, em Santana. Na saída, uma freira perguntou-nos se queríamos visitar um frade, com fama de santidade, que estava em agonia, próximo, portanto, da hora em que iria se encontrar com Deus. Dr. Plínio e Dr. Paulo concordaram com satisfação, mas meus vinte anos de idade me dispunham a tudo, menos visitar um moribundo. Fiquei do lado de fora do quarto enquanto ouvia as orações; mas, em determinado momento arrisquei um olhar, e o que vi marcou-me pelo resto da vida: o enfermo tinha um olhar luminoso, de uma doçura e profundidade que eu desconhecia — um verdadeiro *flash*, impossível de ser descrito.



Desde então pude entrever a dificuldade dos videntes de Lourdes e Fátima em descrever o olhar da Virgem Santíssima.

Esse *flash*, que ficou gravado em minha memória, permitiu-me compreender o comentário de Dr. Plínio ao contemplar a figura do Santo Sudário: “*Se os olhos fechados da Sagrada Face nos convidam a ficar de joelhos, como deveríamos nos preparar para enfrentar esses mesmos olhos se eles se abrissem? Um mês de jejuns e penitência, pelo menos*”.

II – Devoção a Nossa Senhora

No início deste ensaio, afirmei ser uma tarefa além de minhas possibilidades apresentar um quadro completo da espiritualidade de Dr. Plínio. Ao fazê-lo, tinha consciência de que estaria muito aquém da realidade qualquer coisa que dissesse para descrever a devoção dele a Nossa Senhora.

O amoroso relacionamento desse filho com sua Mãe — a Quem ele se consagrou como escravo de amor, desde muito jovem — pode ser admirado no fascículo “O Segredo de Maria”, que recolhe seus comentários sobre o tema feitos em reuniões do MNF. Nelas se pode formar uma ideia dos páramos nos quais Dr. Plínio situou seus louvores a Nossa Senhora. As súplicas, a inserção da Rainha das Rainhas no centro da Criação e da História, a visão da Medianeira de Todas as Graças como sendo a síntese do *verum, bonum e pulchrum*, foram comentários e louvores nunca vistos, verdadeiramente filiais.

Prova dos laços que uniam Maria Santíssima com seu filho muito querido, precursor de seu futuro reino, foi o assim denominado milagre de Genazzano. Em 1968, após uma operação da qual poderiam advir graves consequências, ele estava muito debilitado e preocupado com o futuro de sua missão. Nessa ocasião, um membro do Grupo de Belo Horizonte trouxe da Itália uma cópia do quadro de Nossa Senhora de Genazzano, que ainda era por nós desconhecido. Ao contemplar essa figura de sua Mãe muito querida, ele ficou impressionadíssimo e muito



comovido. Relatou-nos posteriormente que, após inúmeras orações, recebeu insignes graças e a promessa de que ele conseguiria alcançar as grandes metas previstas por sua vocação. Entre nós, o fato ficou conhecido como a confirmação profética.



Um membro do Grupo de Belo Horizonte diz ter ouvido Dr. Plínio afirmar que, ao se referir a Nossa Senhora, ele podia — e como se comprazia nisso! — estender-se em considerações entusiásticas à sua doçura, extremo desvelo, espírito caritativo e desejo de nos socorrer sempre em todas as horas e com um carinho todo especial. Quanto a apreciações análogas em relação ao Coração de Jesus, ele precisava tomar precauções para evitar os perigos advindos do sentimentalismo da *heresia branca*. Por esta razão, não podendo enaltecer os esplendores da caridade, solicitude, amor entranhado, doçura, desejo de nos perdoar, representados na figura do Sagrado Coração de Jesus, em sua devoção a Nossa Senhora ele pôde extravasar todo o seu entusiasmo por essas virtudes. Suas comovedoras orações compostas em homenagem a Ela podem nos dar uma ideia das que ele comporia a Nosso Senhor, se não houvesse o perigo acima exposto.

Seu amor mariano pôde ser observado por nós sob vários prismas, em diversas ocasiões, em escritos, exposições ou em suas orações. Para mim, esse amor se manifestou muito claramente no triste episódio em que a face da Sagrada Imagem de Nossa Senhora de Fátima ficou desbotada por ocasião de sua visita ao Chile. Foi realmente um baque que Dr. Plínio sofreu. Tristíssimo, inconformado, assumiu pessoal e veementemente tomar todas as



providências para a restauração da figura de sua Mãe tão querida. Ele o fez com um empenho e uma prioridade que a todos deixava admirados, indicando a radicalidade e profundidade de seu amor por Ela. Aproveitou a ocasião para alertar-nos sobre nossa falta de fé na vocação, a perda do bom espírito e o crescimento de questiúnculas internas.

Em minha modesta opinião — pois não conheço suficientemente os escritos dos mariólogos — ele foi talvez o maior desses escritores. Nem São Luís Grignon de Montfort, o grande apóstolo do culto mariano, conseguiu louvar, a meu ver, a Mãe de Deus como ele o fez em dissertações, comentários e orações.

São Luís Grignon de Montfort tratou magnificamente do relacionamento pessoal nosso com Maria Santíssima, Dr. Plínio foi além, discorrendo longamente sobre o relacionamento do Segredo d'Ela e das promessas de Fátima com a ordem do Universo, os castigos anunciados por Ela nas aparições de Fátima, e a construção do seu futuro Reino. Nenhum outro mariólogo A descreveu tão apropriadamente como sendo o píncaro da Criação, figura central da História, ápice da ordem hierárquica e sacral do Universo, personificação da Contra-Revolução.

Relembremos suas palavras: *“Um vislumbre do que seria o Segredo de Maria é o verum, bonum, pulchrum da síntese e da quintessência de todas as coisas existentes ou possíveis. Então o Segredo de Maria teria latejado pela primeira vez quando Deus viu o Universo, e afirmou que todas as coisas eram boas, mas o conjunto era ótimo. Por assim dizer, Ele pensou sofregamente na Mãe d'Ele, que Ele criaria e seria a personificação desse ótimo. E pensou no Filho d'Ele, que Ele geraria n'Ela e seria o píncaro da Criação, à qual Ele se uniria de modo fabuloso. Quanto mais penetra a graça em nós, mais abre nossa alma até chegar ao conhecimento do conúbio da natureza humana com a natureza divina e com a Mãe de Deus, que é o canal de todas as graças. Mas através d'Ela, com Nosso Senhor Jesus Cristo e com a Santíssima Trindade. Aqui o desmedido do tema me faz perder o vocabulário e a respiração da alma. Mas aqui, eu creio, está o Segredo de Maria”* (MNF – 2/8/80).

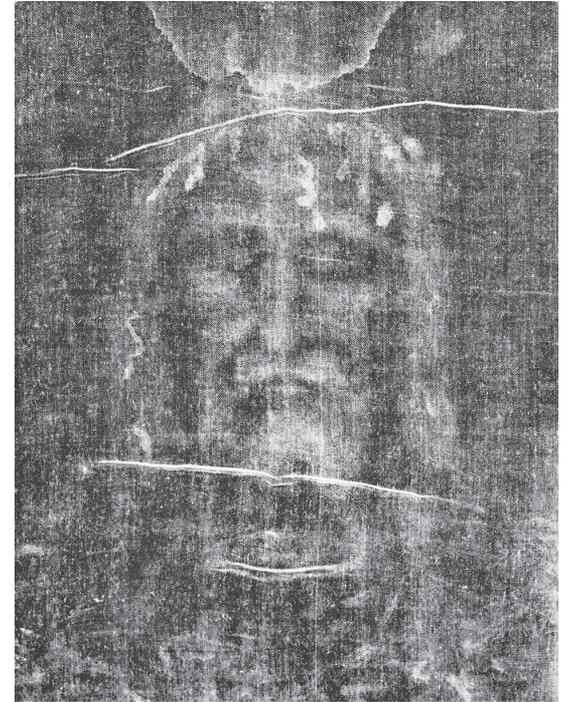


III – Amor à ordem hierárquica e sacral do Universo

Enquanto sacral

Como era o relacionamento de Dr. Plínio com Deus? Como ele rezava e meditava? Dr. Paulo Barros contava que, quando viajaram pela primeira vez a Aparecida, estranhou que ele não se prostrara imediatamente diante da imagem, ficou de pé, olhando-a, analisando a igreja, os romeiros, como quem está meditando. Naqueles tempos longínquos, talvez Dr. Paulo não o conhecesse tão bem, mas o fato é que ele costumava alternar suas orações com meditações relativas à ordem do Universo. Eu me atreveria a dizer que isso ocorria até em sua visão de Deus, auxiliado sobrenaturalmente pela graça, diretamente por Nossa Senhora e pelo seu Anjo da Guarda. Suponho que de início ele tentava focar uma imagem, configurando mentalmente a infinita majestade divina, utilizando as noções que tinha da síntese de todas as sublimidades que ele entrevia, da culminância das culminâncias de todas as perfeições que sua luz primordial o levava a admirar. Só depois de ter diante de si a figura de Deus — algo parecido com a figura do Santo Sudário — ele se prostraria, e com toda a força de sua alma O adoraria.

É de tal ordem a variedade de luzes primordiais, de feitios de espírito, culturas, hábitos, que se pode dizer que cada um de nós tem sua visão muito pessoal do universo em que vive. Um personagem de Shakespeare diz: “*Quando eu morrer, morre comigo uma visão do mundo*”. Pensamentos, recordações, imaginações, análises ideológicas, tudo se combina, soma-se, anula-se, como as ondas do mar ao se aproximarem da praia. Uns seres se relacionam com





os outros pela semelhança, outros seres pelo valor simbólico, outros pela lógica, outros pelo acaso.

Metafisicamente falando, pode-se dizer que, tendo todos os seres sido criados por Deus, cada um reflete a seu modo perfeições distintas do Ser perfeito. E essas perfeições, em número praticamente infinito, se assemelham, se distinguem, se opõem, sempre tendendo a compor uma imagem muito própria do Criador. E cabe ao homem observar, analisar e julgar tudo o que cai sob sua atenção, para ver em que medida assemelha-se, evoca, ignora ou contradiz a majestade infinita de Deus.

Dr. Plínio tinha grande facilidade para estabelecer correlações entre tudo o que caía sob sua vista e as respectivas causas, consequências, fenômenos afins, e sobretudo com seu conteúdo simbólico. Isso o levava, por assim dizer, a voar de analogia em analogia, de símbolo em símbolo, até detectar o ponto monárquico do conjunto formado pelo objeto observado e suas correlações. Um vez configurada essa constelação, passava a defini-la em termos lógicos, emitir juízos e apontar suas conotações ideológicas.

Podemos agora levantar uma curiosa indagação: o feitio intelectual dele era platônico? E sendo platônico, como tudo indica, como se explicaria sua insistência para que tudo sempre fosse feito de acordo com a mais estrita lógica? Como conjugar isso com seu apreço todo especial pela filosofia de Santo Tomás, sua admiração pelos tratados do Taparelli d'Azeglio?

A meu ver, a resposta é que pelo seu natural, e de acordo com sua luz primordial, certamente ele foi platônico. Sua linha de raciocínio assemelhava-se à de Santo Agostinho, São Boaventura, Orígenes e a dos filósofos vitorinos. Mas sua prudência o levava a tudo analisar com cuidado, sem arroubos da imaginação, seguindo as regras da mais estrita lógica tomista. Depois de se ter alçado aos páramos inefáveis do maravilhamento, insistia em analisá-los com rigor e integrá-los na ordem do Universo, de modo racional e frio.

Fez parte de seu colossal legado o conselho para que fizéssemos com frequência exercícios de “trans-esfera”, ou de transcendência. Isto é, que procurássemos entrever nas cenas contidas em quadros ou *posters* os traços psicológicos dominantes, o “centro monárquico”, o sentido ideológico, a nota R-CR, e assim por diante.



Os que participaram de seu convívio diário lembram-se de como ele gostava de imaginar cerimônias onde a ordenação de honrarias exigia discernimento, senso diplomático e apreço a valores hierárquicos. Num banquete como os da *Belle Époque*, onde estivessem presentes cardeais, príncipes, senhoras representativas, sábios ou literatos, personagens a serem homenageados, como deviam ser marcados os lugares? Quais as precedências consagradas pelo protocolo?

Gostava muito também de comentar quadros da escola pictórica holandesa, sombrios e com fisionomias iluminadas pelas reverberações da luz vinda de uma imensa lareira, retratando conversas de personagens de idades diferentes, de importância diversa; uns mais bem vestidos, outros mais rústicos, uns dominando a cena, outros parecendo figurar no quadro quase por acaso — uma empregada num canto, um cachorro sonolento sendo acariciado por um velho. Pessoas totalmente diferentes, cada uma ocupando sua posição numa hierarquia implícita, no entanto entretenidos e vivendo num ambiente familiar, aconchegante, feliz, na medida em que a vida terrena possa ser.

Finalmente, lembro-me dele viajando nos então luxuosos trens utilizados pelos comissários de café em suas idas a Santos, comentando os diversos passageiros, fazendo ilações divertidíssimas e inferindo possíveis ocorrências dramáticas ou cômicas, das quais eles poderiam ser eventuais partícipes.

Todos que o conheceram podem lembrar, com facilidade, ocasiões semelhantes em que puderam conhecer esse modo muito peculiar — mas sobretudo muito contra-revolucionário — de analisar e fazer juízo sobre as pessoas, comentar seu conteúdo simbólico, perscrutar a que valores metafísicos remetem, de que maneira eles nos elevam a patamares mais próximos a Deus.

Quando moço, ele julgava que o conhecimento dessa vasta rede de relacionamentos envolvendo pessoas e fatos estivesse ao alcance de todo mundo, como estava para ele. Lembro-me que numa reunião em casa de vovó Gabriela mostraram a ele uma fotografia de líderes marianos, tendo o Pe. Cursino, dirigente do movimento mariano, no centro. Ele afirmou chapadamente: o movimento das Congregações Marianas morreu!!! Naturalmente, o congregado mariano que trouxera o retrato esperava elogios para o grupo, quase teve uma síncope...



Noutra ocasião, apresentei-lhe uma parente nossa que morava no interior. Depois o procurei para conhecer sua opinião a respeito dela. Respondeu que teve uma impressão “verde”, o que me deixou desnortado. Insisti na pergunta, e ele esclareceu que o verde é o símbolo da indefinição, por ser resultado da mistura do amarelo com o azul...

Creio que esse dom de fazer ilações, deduções, estabelecer relações, descobrir afinidades e idiosincrasias, descrever harmonias e apontar discordâncias, é o responsável pela sua extraordinária capacidade de figurar imensos panoramas ideológicos, discutir movimentos tendenciais, as evoluções da moda, a aceitação ou não de princípios revolucionários, os cansaços da opinião pública, o perigo para a Revolução de a “cabeça da serpente separar-se da cauda”, e tantos outros fenômenos. A genialidade do livro *Revolução e Contra-Revolução*, em minha opinião, se deve em grande parte a esse firmamento relacional de tendências e ideologias, tendo como centro monárquico a marcha inexorável da Revolução rumo a seus fins.

É fácil compreender como essa intuição fulgurante facilitava imensamente a direção espiritual dispensada a não poucos de nós. Ao observar o olhar de um membro do Grupo, analisar suas reações durante as reuniões, percebia de imediato seu estado de espírito, seu cansaço com a cruz que deveria estar carregando, e sobretudo, se estava sendo fiel à sua vocação.

A essa altura poder-se-ia perguntar se essa capacidade relacional estava vinculada com sua visão de Deus Criador e majestático. Segundo minhas lembranças, quando moço ele ia montando configurações com acentuado conteúdo contra-revolucionário, de relação em relação, mas aparentemente não as remetia a patamares metafísicos ou teológicos. Com o correr dos anos, à medida que progredia na vida espiritual, começou a relacionar o refinamento, a cultura, o bom gosto, a ordem hierárquica, o esplendor da vida aristocrática, com perfeições morais e com a figura de Deus — Todo-Poderoso, ápice dos ápices, a perfeição personificada. Talvez não tivesse ainda nessa época conseguido formular explicitamente essas relações, fazendo-as apenas subconscientemente; ou talvez não as comunicasse a nós, por julgar que fossem evidentes para todos, como o era para ele. Com efeito, no início dos tempos do “Legionário”, os grandes temas em discussão eram monarquia versus república; industrialização versus vida patriarcal e rural; imigração e arrivismo versus famílias tradicionais; liberalismo, igualitarismo,



getulismo, cosmopolitismo, em oposição ao mundo antigo, conservador, tradicional, permeado ainda por ideais da *Belle Époque*.

Pouco a pouco, com a leitura das obras de Mons. Henri Delassus, Joseph de Maistre, Donoso Cortés, Jaime Balmes, e dos livros de caráter espiritual de D. Chautard, São Luís Grignon de Montfort e Santa Teresinha, todos esses relacionamentos começaram a ser orientados para um polo ideológico-religioso. As configurações iniciais sofreram um processo de redução. A variedade rica, multifacetada, foi se simplificando no grandioso embate entre o bem e o mal, entre Deus e o demônio: Num polo se situam a visão a Deus, ser infinito e Todo-Poderoso, a devoção a Nossa Senhora e ao Coração de Jesus, a inocência, o puro, o elevado, o belo, o aristocrático, o *racé*, o senhorial, o monarquista, o tradicionalista, o cruzado pela boa causa; no polo oposto situam-se o pecado, o demônio, o sujo, o reles, o extravagante, o imoral, o obsceno, o frenético, o igualitário, o “republicano”. **Essa antítese foi acentuada ao máximo, numa veemência bem *pliniana*, de modo a ficar patente a seus primos, amigos, congregados marianos, enfim a todo o mundo, que tudo, absolutamente tudo, se relaciona de um modo ou de outro com um desses dois polos.** Esta é a razão pela qual Dr. Plínio se entusiasmou com o quadro imaginado por Santo Inácio de Loyola, em que figura um combate emblemático entre o exército de Deus e o exército do demônio.

A religiosidade de Dr. Plínio, que em sua mocidade se identificava com a de um congregado mariano zeloso, foi-se ampliando pela descoberta de que a ameaça à Igreja, proveniente de seus clássicos inimigos — os protestantes, os liberais e os comunistas — ficou superada por outra muito maior, de dimensões mundiais, que é a Revolução. Movimento organizado, disposto a destruir os últimos resquícios de nossa civilização e implementar uma nova religião modernista, progressista, igualitária e gnóstica. Para combater esse monstro, seria imprescindível alertar os católicos para a extensão do perigo e criar um movimento internacional para enfrentá-lo. Sua *opera maxima*, *Revolução e Contra-Revolução*, viria a ser a espinha dorsal dessa cruzada que começava a se esboçar e se concretizou com a fundação da TFP.

Só quem conheceu Dr. Plínio desde as décadas de 30 e 40 pode perceber sua evolução psicológica. A figura do fogoso deputado de 1934 — admirador à *outrance* do *Ancien Régime*,



jornalista católico incondicionalmente obediente às autoridades eclesiásticas — foi sendo substituída pouco a pouco, ano após ano, pela figura de um líder profundamente religioso, maduro, cômico de sua imensa responsabilidade em dirigir um movimento ideológico ultramontano, que crescia sem parar e se estendia por todo o mundo. Seu campo de visão da luta entre o bem e o mal se ampliou, de modo a levá-lo a redigir em 1959 sua obra máxima, *Revolução e Contra-Revolução*. Seu interesse histórico se estendeu à Idade Média, o que lhe permitiu adquirir uma visão grandiosa de uma futura Cristandade e do nosso tão sonhado Reino de Maria. Seu amor pelas memórias de personagens do *Ancien Régime* evoluiu para uma concepção teórico-prática da essência e do papel histórico da nobreza, criando condições para escrever o livro *Nobreza e elites tradicionais análogas*. Sua admiração ilimitada a toda autoridade eclesiástica tornou-se seletiva e condicionada.

Uma comparação entre seus discursos e artigos da década de 30 com os de dez, vinte anos depois, mostra bem a mudança no seu modo de tratar as grandes temáticas de seu tempo. Nos primeiros, um tom proclamatório, peremptório, com inúmeras imprecações contra o liberalismo e os regimes totalitários. Nos seguintes, dissertações lógicas, bem pensadas e bem documentadas, denunciando a falácia do progressismo religioso e os primórdios de um mundo novo, totalmente oposto aos ensinamentos cristãos, caminhando rumo à IV Revolução, isto é, uma revolução posterior à comunista. Os primeiros destinavam-se a um público formado por pessoas do tipo “geração velha”; os outros se dirigiam a jovens da “geração nova”. A virulência revolucionária crescia ano a ano, mas Dr. Plínio considerou as fraquezas dos membros da “geração nova”, e procurou apresentar seus argumentos de modo menos enfático e mais didático. Quase se poderia dizer que a imprecação foi substituída pela aula.



Dr. Plínio na época do “Legionário”



Uma doença grave que o atingiu em 1967, o desastre de automóvel que sofreu em 1975, a “fumaça de Satanás que invadiu a Igreja” (conforme as palavras do Papa Paulo VI), foram elementos marcantes nas etapas de sua subida ao calvário, fazendo com que sua impetuosidade juvenil fosse sendo contida ao longo dos anos, no entanto sem prejuízo da afirmatividade e veemência com que defendia nossos ideais. Ele cresceu em respeitabilidade e sacralidade, tornou-se mais patriarcal, contemplativo, e tinha-se a impressão de que seus olhos já entreviam, ora o Reino de Maria, ora o Céu.

Foi apresentada a Dr. Plínio a fotografia de um menino de uns dez anos de idade, assistindo à passagem da carruagem da Rainha Elizabeth. Podia-se ver o enlevo e o maravilhamento



da criança em face da Rainha. Os comentários que ele fez sobre esse “menino de ouro” descrevem bem sua abertura da alma para o sublime.

O hábito de contemplar e relacionar tudo com perfeições superiores, com enlevo e comprazendo-se em prestar a cada pessoa as honras devidas — ou seja, na medida em que se torna um contra-revolucionário — leva a pessoa a caminhar para a ideia de Deus, reconhecível pela sua luz primordial. **Com as bênçãos e graças de Nossa Senhora, de patamar em patamar, do belo para o sublime, da honra para o inefável,**

da admiração para o *emmerveillement*, a alma humana entrevê e adora a Deus. Sua luz primordial transforma-se num *flash*, brilha, incendeia-se, todo seu ser sofre um processo de transformação. A essa transformação que se operou em Dr. Plínio, pode-se denominar san-



tificação. Certamente não é a única via de aperfeiçoamento espiritual. Mas, sem dúvida, é a daqueles que desejam seguir a *via pliniana*.

Esse quadro de relacionamentos tem por fim uma simbolização ascensional rumo a Deus, Senhor das culminâncias e dos ápices, e permite que acrescentemos o termo sacral ao conceito de ordem do Universo. Tal ordem, explicitada no Calvário quando Nosso Senhor nos deu Maria por Mãe na pessoa de São João Evangelista, é um processo que, segundo afirmava Dr. Plínio, aperfeiçoou-se durante a Idade Média e foi truncado em seu ocaso. Cabe a nós reavivá-lo, com o auxílio da Rainha das Rainhas.

A perda progressiva da sacralidade em nossos costumes pode nos auxiliar a compreender como o mundo em que vivemos se distanciou do modelo cristão, vigente num passado ainda recente.

Minha primeira esposa, Thereza, tendo nascido e passado sua juventude numa cidade do interior paulista, lá adquiriu hábitos de um viver patriarcal, embebido ainda de certa sacralidade. Educou nossos filhos no costume de se dirigirem aos pais tratando-os por senhor e senhora; e sempre que os cumprimentassem, beijassem suas mãos como que pedindo a bênção; finalmente, na partida deles para alguma viagem, ela os abençoava fazendo uma cruz em sua testa e dizendo-lhes: “Que Deus e a Virgem os acompanhem”. Velhos hábitos que o tempo e a Revolução eliminaram. Eu, cidadão na megalópole moderna chamada São Paulo, admirava o hábito, mas não me sentia conatural em abençoar meus filhos — *mea culpa, mea maxima culpa*. Relato este fato para mostrar como costumes bons e sacrais, como também maus, igualitários, ficam profundamente arraigados na alma humana, a ponto de nos sentirmos impotentes para os modificar de imediato segundo nossa vontade. Eu diria até que o conjunto deles só é alterável para o bem ou para o mal — mais para o bem do que para o mal — através de gerações, constatação esta que serve para confirmar o princípio de que a ascensão à nobreza só é viável com o tempo.

Sinais de sacralidade como esses ainda sobrevivem em nossos dias. Seria de muita valia recordarmos alguns deles, relatando-os em nossas reuniões.



Enquanto hierárquica

O primeiro passo para a boa compreensão dessa temática é estabelecer adequadamente o conceito de inferior. Na acepção comum, o termo inferior indica algo defectivo, algo que está abaixo do que deveria estar. Afirmar que um produto é de qualidade inferior equivale a dizer que é ordinário, mal executado, feito com materiais inadequados. Entretanto, o sentido primeiro de inferior indica apenas atributos menores, situação mais baixa em escalas de valores, mas tão válida quanto as mais elevadas. Entende-se bem isto compreendendo ser Nossa Senhora a Rainha absoluta do Universo; porém, considerada em sua natureza, Ela é inferior a qualquer anjo. E os anjos, embora perfeítíssimos, são inferiores uns em relação aos outros, segundo uma ordem hierárquica.

O segundo passo consiste na compreensão de que os seres superiores, por possuírem maiores qualidades, simbolizam Deus mais adequadamente do que os inferiores. Donde resulta que, em toda relação superior-inferior, o primeiro beneficia mais o segundo, e não o contrário. A criança inocente, reta, obediente, reconhece de modo natural a superioridade dos pais, dos irmãos mais velhos, da empregada da casa; e percebe, mesmo de modo subconscientemente, que eles contribuem para sua felicidade. Um médico ficará satisfeito na companhia de um professor de medicina, podendo auferir desse fato novos conhecimentos; mas se tiver mentalidade revolucionária, ficará com inveja do colega situado em nível profissional acima do seu. E assim se podem enumerar numerosos outros exemplos. O importante é assinalar como sendo contra-revolucionária a disposição de alma que leva as pessoas a respeitar os superiores e sentir prazer em estar na sua companhia; movimentos internos de despeito revelam tendências revolucionárias.

O terceiro passo se baseia no fato de todos nós, seres humanos, possuímos muitos atributos dos mais diversos: tipos de inteligência, vontade, sensibilidade, conhecimentos, cultura, dotes artísticos, discernimento, aptidões profissionais ou esportivas, beleza, saúde, são apenas exemplos dessa imensa variedade de perfeições. Podemos estabelecer uma hierarquia para



cada tipo de atributo, e disso resulta que todos nós ocupamos posições superiores ou inferiores nas muito diversas escalas existentes. A rainha da Inglaterra ocupa a posição mais elevada possível no *rang* das famílias reais da atualidade, mas em todas as outras escalas o seu posicionamento pode ser maior ou menor que o dos seus súditos.

Reconhecer o próprio *status* nas diversas escalas, com plena naturalidade e *fair play* — ora na condição de superior, ora na de inferior — constitui um ato de humildade. Mostrar-se inconformado, ressentido, significa estar seguindo a via da Revolução.

O Universo, por conseguinte, é um imenso edifício arquitetônico, um emaranhado de hierarquias as mais diversas, que se distinguem, somam-se, se anulam e interagem, formando um tecido tanto mais rico quanto maior for o número de fios que se cruzam e sustentam-se mutuamente. É próprio a um espírito contra-revolucionário procurar, sempre que possível, organizar sua vida e agir profissionalmente de modo a prestigiar as hierarquias existentes, bem como imprimir em torno delas um *tonus* hierarquizante.

Nos velhos tempos em que eu comprava as maçanetas para as residências que estava construindo, sempre tive o cuidado de escolher as ferragens da porta de entrada tendo em vista sua importância, por se tratar do acesso ao interior da casa. As maçanetas das salas também deveriam ser de certo luxo, pois esses ambientes compõem a parte nobre da moradia. Já as maçanetas das portas dos quartos podiam ser mais simples, mas possuindo uma certa beleza. As maçanetas das portas de serviço, no entanto, poderiam ser funcionais, mas ostentando uma beleza mínima. Se eu colocasse nas portas das salas e do serviço ferragens iguais, certamente estaria cometendo um atentado à ordem hierárquica do Universo. Desnecessário assinalar que, nos apartamentos que estão sendo construídos atualmente, as maçanetas são todas iguais.

As hierarquias, ou escalas de valores, podem nos remeter a Deus de dois modos distintos:

- O primeiro, enquanto escalonando os seres segundo seus valores, numa escala orientada para Deus, fim último de todas as perfeições. Participando de uma hierarquia ou observando-a, somos levados a entrever para quais auges ela nos convida. Cada etapa, cada degrau, é um incentivo para olharmos para o ápice. De ascensão em ascensão, vamos como que sendo impulsionados para o alto, para as culminâncias, para o sublime, para Deus.



• **O segundo modo tem em vista o seguinte: quando são grandes as diferenças de excelência, elevação espiritual, densidade de ser, elas se desdobram em verdadeiros saltos qualitativos ou transcendentais. E esses saltos, por sua extensão e transcendentalidade, tornam-se autênticos símbolos do abismo existente entre Deus Criador e nós, criaturas; ou seja, símbolos de Deus enquanto Criador e infinito.**

A negação da existência desse abismo constitui a matriz da Revolução e o denominador comum de todas as religiões imanentistas. É praticamente impossível excogitar algo tão oposto ao espírito igualitário quanto a contemplação enlevada do fosso abismal existente entre os seres criados e Deus Criador, infinito. E isso porque a *ultima ratio* do igualitarismo é o desejo de eliminar a absoluta e infinita superioridade de Deus em relação a nós, suas criaturas. Foi o que pretendeu a serpente ao tentar Adão e Eva no Paraíso, e é o que pretende a Revolução nos dias de hoje.

Esse abismo infinito existe também entre Deus e a mais excelsa das criaturas na ordem da graça, que é Nossa Senhora. Por ter uma compreensão mais perfeita de sua contingência do que qualquer outro ser, Nossa Senhora venera tal superioridade com amor maior que o de qualquer outra criatura.

É certo que Deus, a caridade subsistente, lançou pontes sobre esse abismo: Nosso Senhor Jesus Cristo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, que assumiu a natureza humana; propiciando graças sobrenaturais e a elevação dos homens à categoria de filhos de Deus.

É comum a utilização da escada como exemplo de uma hierarquia. É preciso atentar, no entanto, que uma escada como as que conhecemos, cujos degraus têm a mesma altura e se posicionam em continuidade, constitui uma imagem “democrática”, pobre e insuficiente para indicar uma ordem hierárquica onde figuram categorias ontologicamente diferentes. Para tal fim, devemos imaginar, primeiramente, uma escada na qual os degraus fossem de alturas diversas, maiores à medida que se aproximassem do topo. Em segundo lugar, a escada deveria ser formada por segmentos separados por espaços ou patamares, de modo a ficar bem claro que não existe uma continuidade linear entre as diversas categorias.



A análise da hierarquia existente nas Forças Armadas pode servir para uma melhor compreensão desses saltos qualitativos ou transcendentais. Um sargento é superior a um cabo, e este a um soldado. A hierarquia entre eles é sequencial, linear. Já a diferença entre os oficiais e os praças deve ser considerada transcendental, porque a condição dos que têm o poder de mandar é essencialmente superior à dos que obedecem ordens. Entre a categoria de oficiais e a de praças existe, por conseguinte, um diferencial ontológico, qualitativo.

Não poucas vezes Dr. Plínio recomendou que adquiríssemos o hábito de observar em nosso dia-a-dia essas diferenças ontológicas de excelência. Elas estão presentes, por exemplo, quando distinguimos a nobreza da burguesia, o trabalho intelectual do braçal, o que é comum do que é requintado e sublime.

Eis alguns exemplos indicativos dessas diferenças transcendentais, desses espaços e patamares que intercalam as sequências de degraus:

Bom	Ótimo	Excelente	Sublime
Estudante de Medicina	Médico	Professor de Medicina	Sumidade médica
Esfera privada	Esfera pública	Âmbito nacional	Âmbito mundial
Aluno	Professor	Mestre com doutorado	Prêmio Nobel

Outro exemplo que se pode utilizar é o da hierarquia existente entre os anjos. Santo Tomás descreve a existência de nove coros angélicos, agrupados em três categorias diversas, cada uma delas com funções e graus de nobreza diversos.

Contemplando amorosamente estes saltos, praticamos um ato de amor a Deus; abstraído de sua existência, praticamos um ato de orgulho e revolta. Devemos, acima de tudo, discerni-los, venerá-los, osculá-los, por assim dizer.

Um espírito contra-revolucionário, amante das hierarquias, deve ser cioso em observar se elas se formaram segundo critérios sadios, cristãos e orgânicos, ou se sua origem se deve, pelo contrário, à adoção de critérios duvidosos. No mundo moderno podemos observar, por exemplo, como a escala social se tornou viciada quando a mera riqueza tornou-se fator de ascensão social.



Deveríamos também estar sempre atentos para nos contrapor a quaisquer movimentações igualitárias, miserabilistas, visando empobrecer ou mesmo suprimir honrarias e distinções de valor. Dr. Plínio lamentou, por exemplo, a extinção da Guarda Nobre do Vaticano. Nessa linha, devemos lamentar também a simplificação dos trajes próprios a cada dignidade canônica; no campo civil, a moda revolucionária e igualitária de se vestir. Deveríamos igualmente observar, com verdadeiro pesar, as “democratizações” introduzidas no aparato social do Itamaraty e a simplificação progressiva do cerimonial nas festividades oficiais do País.



Guarda Nobre do Vaticano

À primeira vista, esta atenção às hierarquias e distinções de classe poderia ser conside-

rada secundária, se comparada com as magníficas e tão necessárias batalhas que estamos travando contra o PNDH-3 e as leis autorizando o “casamento” homossexual e o aborto. Sucede, porém, que Dr. Plínio considerava a formação anti-igualitária dos membros do Grupo imprescindível para a boa compreensão de sua espiritualidade e de suas obras, em especial de seu livro *Nobreza e elites tradicionais análogas, nas alocuções de Pio XII ao patriciado e à nobreza romana*.

Tudo o que foi dito neste capítulo é esquemático e suponho que os leitores destas páginas identificarão, com o que aqui está escrito recordações que cada um

conserva do que dele ouviram sobre o tema. Para os que quiserem conferir, alinho alguns comentários de Dr. Plínio concernentes ao assunto:

“Não haveria uma coisa particular para nós, que é essa via expressa em símbolos e visões de conjunto? Não haveria aqui uma escola de amor de Deus, para qual nós seríamos particularmente propensos?” (MNF 2/8/80).

“A pessoa recebendo o Tau [uma vocação contrarrevolucionária especial], recebe uma apetência para o transesférico, para os símbolos, para estar continuamente vendo com o espírito um reluzimento das coisas da Revolução e Contra-Revolução” (CSN 4/4/87).



“O membro verdadeiro da TFP ama mais a ordem hierárquica do Universo do que seu interesse mais entranhado. Isso é ter vocação” (MNF 7/12/88).

“A pessoa que adquire o desapego dos bens materiais tem limpidez de vistas para conhecer e amar a ordem do ser, e só se sente feliz na medida em que a ordem do Universo for obedecida” (MNF 7/12/88).

“Nossa Senhora dá um primeiro reluzimento, há uma alegria que nos enche por inteiro. É uma alegria que amortece nosso orgulho e nossa sensualidade. É um bem-estar da alma que faz sentir pela primeira vez o ambiente dentro do qual a nossa alma se expande inteiramente com calma, à procura de uma determinada luz. E esta luz nos põe em ordem, numa ordem cheia de deleite. E quando chegar ao seu auge, deve trazer para nós uma mensagem sobre a ordem do Universo” (MNF 2/12/88).

“Aquele que ama a ordem do Universo no seu total, e não apenas num aspecto, vê o Segredo de Nossa Senhora. E conhecerá o lumen do Grand Retour, que nos incutirá uma posição enormemente mais religiosa diante do Universo, e enormemente mais ordenativa do temporal” (MNF 7/12/88).

Podemos, ao que me parece, considerar o livro sobre a Nobreza como a chave de ouro de sua vida. Nele se nota seu retrato psicológico de corpo inteiro e o ponto monárquico de sua *Weltanschauung*.

IV – O amor à Igreja – sua cruz

O saudoso Padre Walter Mariaux S.J. comentou certa vez que nunca encontrara uma pessoa com tanta devoção para com a Igreja como Dr. Plínio. Todos que com ele conviveram lembram com quanta veneração e amor ele se referia à Santa Madre Igreja como a Esposa de Cristo, depósito da Tradição, guardiã dos bons costumes, soberana do reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo na Terra.

Seu amor por Ela manifestou-se de modo claro, se bem que extremamente doloroso, ao perceber a invasão de organismos da Igreja pela heresia do modernismo, condenada de modo



tão explícito por São Pio X. A eleição do Papa João XXIII foi vista por ele como um prenúncio da grande tragédia da Igreja, que de fato ocorreria após o Concílio Vaticano II, que esse Pontífice veio a convocar. Reafirmando sua mais absoluta fidelidade à Igreja e ao Papado, partiu para uma oposição firme, mas sempre filial, à penetração dos erros do mundo moderno no seio da Igreja. O próprio Papa Paulo VI, que promulgou o Concílio, em duas ocasiões deplorou o processo de autodemolição que se instalou na Igreja e a penetração da fumaça de Satanás no recinto sagrado.

Não cabe aqui uma descrição de toda essa cruzada, mas apenas indicar como ele enfrentou essa batalha com um sofrimento atroz, lágrimas nos olhos, perplexidades sem fim. Por seu temperamento sempre plácido, infenso a demonstrações de sentimentos íntimos, raramente se notavam nele alegrias ou tristezas intensas. Posso no entanto afirmar que seu sofrimento com as tragédias que advieram para a Igreja a partir da época conciliar superou o que ele sofreu por ocasião da morte de sua mãe, tão extremamente querida. Creio não ser necessário me estender mais, para se avaliar como foi pesada essa cruz que ele teve de carregar.

V – Radicalidade e combatividade

Ser radical, etimologicamente falando, significa estar habituado a analisar as coisas pelas suas raízes. Na linguagem comum atual, nota-se uma conotação pejorativa quando se diz que uma pessoa é radical — contrária a conciliações, intransigente, intolerante, infensa a nuances. Tem-se vontade de sorrir, pois para a opinião pública liberal essas características indicam uma deficiência, mas para Dr. Plínio constituíam uma glória. Para ele, **a verdade por si mesma é una, magnífica, resplandecente, e opõe-se à pluralidade dos erros, nega-se a quaisquer compromissos com o mal, não admite atenuantes ou meios termos.** Ou o homem ama a verdade, e sempre a venera quando com ela se depara, preza sua integridade, horroriza-se com contemporizações, ou ele é um pulha, uma haste que verga com os ventos, não merece respeito. Se existe uma situação em que a truculência tem pleno direito de se manifestar, é na defesa da



integridade absoluta da verdade. Esse é o feitio de Dr. Plínio por inteiro. Tem-se a impressão de que ele já nasceu assim.

“Tomando em consideração o princípio de uma luta inexorável entre o bem e o mal, e do poder de sedução tremendo do mal sobre os bons, é preciso estabelecer um valo, uma divisão, é preciso reconhecer um estado de luta, e é preciso portanto afirmar uma hostilidade” (RR 16/4/94).

“A Igreja está num estado de luta permanente e normal, cada luta não é uma coisa extraordinária, anormal, uma tragédia. Pelo contrário, a Terra é uma arena, e nessa arena a condição normal é de lutar. Quem se põe a derramar lágrimas de crocodilo porque está havendo lutas, esse não compreende as coisas” (RR 16/4/94).

Lembro-me muito bem de uma ocasião em que, após o encerramento de uma conferência que ele pronunciou no Colégio Salesiano, na Vila Mariana, o superior veio lamentar comigo: *“O Plínio é de uma radicalidade insuportável. As verdades precisam ser apresentadas de modo diplomático, não com essa afirmatividade. O resultado é que os alunos ficam alvoroçados, discutindo por dias seguidos”*.

Poder-se-ia perguntar se ele desprezava a diplomacia, os acordos necessários, as contemporações inevitáveis. De modo nenhum, mas de acordo com sua mentalidade, tais medidas deveriam ser tomadas como meros paliativos, à espera de se criarem as condições para a vitória final.

Se me perguntassem qual o traço mais saliente da *psicologia pliniana*, eu me arrisca-





ria a dizer que era sua disposição habitual — tão arraigada, que dava a impressão de ser inata — de denunciar, combater e esmagar a Revolução. De um natural plácido, fleumático, infenso a brigas e discussões, amigo da boa mesa e da boa conversa, quase se diria que nele nada havia de um espírito belicoso, querelante ou prussiano. Com o tempo, e com muita ascese, graças extraordinárias conseguiram construir nele uma personalidade combativa, altaneira, resoluto, serena, mas implacável. Impunha respeito, admiração e temor.

Ocorre-me um termo adequado para defini-lo como o comandante daqueles que lutam pela boa causa: Senhor da Guerra. Essa expressão, aplicada aos poderosos senhores feudais medievais, era utilizada também para nomear os generais chineses, governadores de regiões no Império do Meio antes da revolução comunista. A mim esse termo remete ao conceito majestático do soberano, evoca grandeza, espírito de combatividade, senhorio aristocrático.

Realmente, dir-se-ia que seu estado habitual era o da mobilização, como o de um exército pronto a entrar em combate. Internamente, estava sempre atento para impedir que os membros do Grupo se desmobilizassem, atraídos para uma vida de relaxamento. Conversas, exortações, conselhos, e tudo o mais que estivesse a seu alcance, ele utilizava para nos estimular em nossa luta. No âmbito externo, execrava as novidades progressistas, as novas tendências revolucionárias, e nos alertava para os perigos inerentes a uma aproximação com eclesiásticos pertencentes à ala extrema do progressismo. Era, em suma, um comandante sempre alerta, ciente da força do mal e da fraqueza dos bons — por isso considerado por alguns como pessimista — sempre disposto a utilizar seus poucos recursos para atacar eventuais pontos fracos do adversário: “*Se eu for reduzido a um estado em que minha única arma fosse um palito, eu o usaria para lançar o inimigo*”.

Para ele, o Coração de Jesus — tão sereno, bondoso, levemente entristecido, a sacralidade personificada — deveria ser o patrono do combate contra-revolucionário. E isso porque representa o sumo de todas as perfeições, a integridade *en su tinta*, e nada mais natural que seja nosso protetor na luta pela ordem hierárquica e sacral do Universo.

Graças a seu pendor de relacionar todas as coisas que possuem traços de semelhança, Dr.



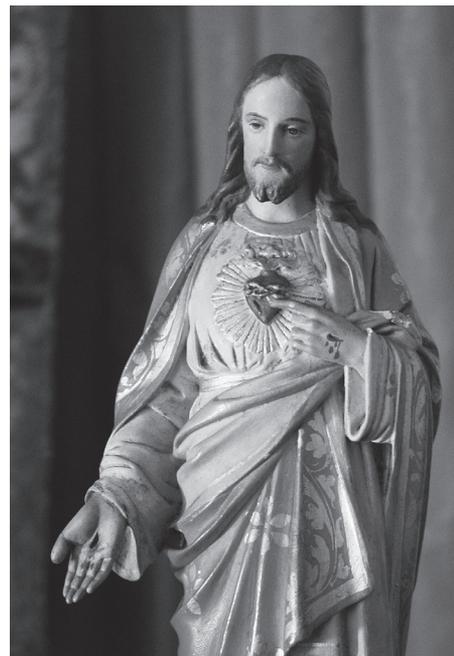
Plínio montou — talvez já na infância — verdadeiras constelações das coisas boas, e das coisas más opostas simetricamente.

Um grande tecido relacional mantinha-o na virtude e o fazia progredir na vida espiritual: o Coração de Jesus, a quem sua mãe tia Lucilia o levava a rezar desde os três anos de idade; Nossa Senhora, o anjo da guarda, que ouviam suas orações à noite; sua mãe sempre presente e sua guia nas primeiras tomadas de posição antimodernistas; a boa educação; sua sede pelo maravilhoso; a procura pelo requinte e pelos ápices; a boa ordenação lógica do pensamento; os bons e honestos prazeres da vida; a paz consigo mesmo, nas horas vagas destinadas a análises e juízos — tudo isso constitui para ele uma segunda natureza.

Por outro lado e concomitantemente — auxiliado por sua mãe, e em parte por sua governante *Fräulein* Mathilde — ia relacionando a sujeira, o desleixo, o caos, a mentira, a falsidade nas relações entre os colegas, os palavrões, o pecado contra a castidade, o mundanismo, a heresia travestida de virtude, a hipocrisia personificada em pessoas que conheceu, o modernismo triunfante dos primos, o republicanismo dos tios, o progressismo entre seus primeiros amigos, o grotesco da arte contemporânea, as mais variadas versões da revolução igualitária e anticristã vicejando no movimento católico. Esse conjunto ele relacionava com o reino do mal, do pecado, do horror. E sobretudo — sempre presente, sempre aliciante, corruptor em sua essência — o demônio, Lúcifer, Satanás.

A observação de que todas as coisas como pertencentes a uma ou outra dessas constelações é geradora de disposições extremamente combativas e excludentes de posicionamentos equidistantes, neutros ou indefinidos.

Creio que o povo que melhor representa esse espírito combativo é o hispânico. E a propó-





sito, um espanhol revelou-me que só compreendeu a grandeza de sua terra natal depois de ter assistido a uma conferência na qual Dr. Plínio elogiou os traços do espírito de cruzada ainda existentes na alma espanhola.

Recordo-me de uma viagem que fiz com ele a Brasília, em tempos idos. Antes de o avião pousar, ele iniciou veementes catilinárias contra tudo o que via e muita coisa que não via. A certa altura tentei extrair um elogio para a concepção urbanística da cidade, que me parecia ter certa grandeza pelo fato de situar os ministérios ao longo de um eixo monumental, tendo o Congresso ao fundo. Respondeu-me, com uma nota de impaciência contida: *“Ao adversário não se concede nada, absolutamente nada, nem mesmo um elogio por algo de razoável que tenha feito”*.

Essa radicalidade contra o mal, tão essencial em nossa cruzada contra-revolucionária, se baseia na virulência do mal e na sua capacidade realmente extraordinária de tudo amesquinhar, corromper ou destruir. Como consequência do pecado original, os maus costumam ser mais ousados, combativos e solertes do que os bons. Se não contássemos com o socorro de Nossa Senhora e de São Miguel Arcanjo, certamente eles seriam sempre vencedores. Dom Bosco observava que nas escolas os alunos de mau caráter aliam-se entre si já de início, e passam a conspirar contra os colegas bem comportados. Os bons, pelo contrário, à semelhança de Jacó, não têm a disposição inata de reagir, lutar e derrotar os maus. Os únicos meios para os bons se erguerem e revidarem à altura os golpes recebidos são: uma vida ascética e a percepção na própria pele das chicotadas aplicadas pelos maus.

Essa visão da supremacia operacional do mal é profundamente anti-liberal. Dr. Plínio tomava um cuidado todo especial para nos alertar contra falsos otimismo e indulgências para com movimentos semi-revolucionários. Seria essa radicalidade em estado de beligerância um fator indicativo de uma personalidade severa em demasia, taciturna, fanática e intolerante, como um liberal poderia imaginar? Nada mais distante da realidade do que essa apreciação.

Há uma fotografia do tempo da infância de Dr. Plínio, na qual se revela seu natural pacífico, um tanto sonhador, distraído, sendo puxado por sua irmã Rosée (**foto na página ao lado**) — esta sim, atenta, esperta, decidida. Tia Lucilia sempre o descreveu como um menino calmo,



sossegado. Gostava de brincar com soldados de chumbo, mas colocava-os em forma de parada, e não participando de eventuais batalhas. Por diversas vezes, comentou que o defeito para o qual tenderia seu vício capital seria o da preguiça e da indolência, e que seu espírito de combatividade foi adquirido com imenso esforço. Sua felicidade na Terra se resumia à boa mesa, livros de memórias e conversas descompromissadas com amigos.

Na juventude ele era jovial, alegre, extrovertido, gostando de ditos de espírito, comentários engraçados, apreciador de um convívio amistoso e descontraído. Lembro-me que, numa ida ao Parque Hotel de Santos, o gerente nos pediu que moderássemos nossas risadas, porque os jogadores de bridge da sala ao lado estavam reclamando. Infelizmente essa jovialidade foi diminuindo à medida que suas perplexidades aumentavam com o domínio do progressismo no seio da Igreja Católica.

Creio que sua calma, sua segurança, derivam do universo de certezas que ele possuía. Não era certeza como a de um professor de matemática que prova um teorema, mas a dos inocentes aos quais Nosso Senhor se referiu. E que, devido a uma graça infusa, adquire-se uma certeza absoluta das verdades eternas: Deus é único; Sua Mãe é virgem; a Igreja Católica é a única verdadeira; o bem vencerá o mal; “Por fim meu coração triunfará”; ter uma vocação mediante a qual creio com todas as forças de minha alma. Tais certezas construíram uma muralha protetora em torno de sua pessoa, e por mais que seus adversários fossem poderosos e o odiassem, ele tinha a certeza de que venceria.





VI – Porte senhorial e o conceito de “geração velha”

Dir-se-ia que esses elementos têm pouca relação com a espiritualidade de uma pessoa. Mas, segundo a *visão pliniana* das analogias, metáforas e simbolismos, eles são indicativos de seu caráter, de suas predisposições inatas e do modelo de apresentação social por ele escolhido.

Um membro do Grupo perguntou ao Dr. Plínio se seu feitiço psicológico assemelhava-se ao dos personagens em voga nos antigos tempos da República Velha, ou seja, se correspondia àquilo que ele denominava “geração velha”. Fiel a suas restrições a tudo que se relacionasse ao termo “república”, perguntou: “*E por que não ao modelo imperial?*”.

De que modo seria viável descrever o modelo psicológico da “geração velha” e, mais árduo ainda, o da “geração imperial”? Vou tentá-lo, rememorando uma exposição que fiz numa das reuniões em nossa sede da rua Avaré.

O modelo vigente nos tempos da *Belle Époque* — fins do séc. XIX e primórdios do século passado — corresponde, a meu ver, ao protótipo da geração do Império e da República Velha no Brasil. Em minha memória, um bom representante dessa época foi meu tio Gabriel (**foto**), figura muito querida pelo Dr. Plínio. A figura dele contribuiu para a formação de sua personalidade? Creio que sim, ao menos na medida em que alguns personagens que ele apreciava na própria família tiveram influência em seu modo de ser.

Creio que a principal diferença entre as pessoas daquele tempo e as que viveram depois de 1930 era o modo de conceber os efeitos do pecado original. No passado julgava-se as pessoas de modo muito real, muito severo, dir-se-ia sem ilusões ou otimismo. Os





estranhos à família eram vistos como interesseiros, possíveis concorrentes ou potenciais inimigos. Urgia, por conseguinte, uma postura um tanto combativa, alerta, desafiante, afirmativa, de quem está pronto para lutar pelos seus direitos, pela sua honra e por suas prerrogativas. Resumindo, no mundo decaído pelo pecado original a vida era um desafio, uma batalha, onde só os fortes tinham vez: “*A vida é luta renhida, viver é lutar; a vida é combate, que aos fracos abate, que aos fortes, aos bravos, só pode exaltar*” — já cantava Gonçalves Dias, no início do século passado, louvando a saga dos heróis de Plutarco. Homem que é homem, luta, enfrenta os dissabores e as tragédias da vida de viseira erguida, firme, sobranceiro, cioso de sua honra e de suas responsabilidades.

O protótipo do *grand-seigneur* daqueles tempos era um homem em plena maturidade, seguro de si, sobranceiro, lógico, mantenedor de distâncias, respeitado pela sociedade, sequioso de seu mando no feudo familiar por ele presidido. Cerimonioso, formal, imponente, sóbrio e bem posto, mais preocupado em ser considerado um aristocrata do que um banqueiro, sua preocupação primordial era firmar sua posição na sociedade em que vivia, entre seus amigos, no *Jockey Club*.

A indumentária do começo do século passado adequava-se a esse feitio de espírito. A cartola para os europeus, o chapéu côco para os ingleses, mantinham uma analogia remotíssima com uma coroa, pois acentuavam a preeminência da cabeça na figura humana. Casacas ou roupas escuras, coletes em tons cinzas, corrente de relógio, abotoaduras e prendedores de gravatas de ouro reluzente, sapatos de verniz e colarinho armado, simbolizavam adequadamente a seriedade, a gravidade e o *aplomb* próprios a cidadãos





probos do século das luzes. Parte importantíssima na indumentária era a bengala. Sucessora minguada da espada, seu uso como que lembrava que o homem, ao longo de sua vida, tem de enfrentar perigos de toda espécie. Também era considerada esplêndido instrumento para manifestar domínio e categoria, e seu floreio e batida ritmada ao andar evocavam duelos e marchas militares.

O modelo atual, o da “geração nova”, se opõe frontalmente a este. O homem moderno é otimista, acha que os grandes problemas da vida estão sendo minimizados pelo progresso, que as pessoas basicamente são boas, ou pelo menos inofensivas, que os conflitos, na medida em que existem, são passíveis de serem eliminados, desde que se encontrem soluções de bom senso que atendam aos dois contendores. A aparência das pessoas, para evitar invejas e rivalidades, deve ser democrática, sem ostentar supremacias, certezas absolutas, afirmatividades ovantes, de modo a todos se sentirem bem, irmanados, sem desafios ou ressentimentos. Mas o mais

recôndito dessa mentalidade é a negação implícita do pecado original: a grande maioria das pessoas é boa, bem intencionada, passageiros de um mesmo barco. Assim sendo, deve-se manifestar uma simpatia genérica por todo mundo, um coleguismo de antigos alunos quando se encontram depois de formados. Assim agindo, eliminam-se as grandes pragas da humanidade — as guerras, os ódios, os preconceitos, as desavenças de toda espécie. Nunca desaparecerão, é verdade, mas as veias que alimentam esses cânceres começariam a ser cauterizadas, e o mundo irmanado e apaziguado conheceria a paz. Na vida, o importante é compreender, dialogar, aceitar pontos de vista contrários, desarmar antagonismos, sorrir, ser otimista.

Ao lado dessa visão liberal do mundo, os da nova geração revelam aspectos opostos ao egocentrismo e à mentalidade de gerações antigas, positivista, maçônica e republicana. Por





alguns lados sua mentalidade é mais infantil, mais desprevenida, menos revoltada, capaz de ficar afrontada com os extremos revolucionários. Talvez por isso sejam mais abertos para nossa dialética do que os da “geração velha”.

Uma vez exposto esse quadro psicológico de nossos avós de 100 anos atrás, e tão elogiado pelo Dr. Plínio, pode-se perguntar até que ponto ele se identificava com esse modelo. Eu diria que nos aspectos secundários, exceção da bengala, a semelhança era patente, mas no essencial — a sacralidade e a patriarcalidade — a dissociação era total. Olhando os personagens graves do Gabinete do Império, pode-se admirá-los como brilhantes figuras humanas, mas sabemos que muitos deles eram maçons, livres-pensadores, adúlteros e tudo mais.

Creio que sua figura enquanto precursor do Reino de Maria — com seu porte, olhar sobranceiro, aristocrático, a integridade personificada, a mobilização para uma luta sem quartel — pode ser contemplada, ainda hoje em dia, em qualquer uma de suas fotografias envergando o hábito solene da TFP.

VII – Patriarcalidade

Patriarcalidade figura nos dicionários como sendo a condição do patriarca. Utilizo-o pelo fato de adjetivar o proceder do patriarca, imprimindo um tônus paternal, familiar, em seus relacionamentos e na direção de seus negócios. Mandar, aconselhar com patriarcalidade seus seguidores, alunos, empregados, significa exercer o governo à semelhança de um patriarca reinando sobre sua grei.

Como deve agir uma autoridade para que seu governo se torne patriarcal, orgânico, cristão, obediente ao princípio de subsidiariedade? Principalmente adequando as ordens e conselhos à personalidade de cada súdito. É um atendimento acentuadamente individual. O pai, na maioria das vezes, não dá orientações “aos filhos”, mas ao Pedro, ao João, ao José. Numa empresa governada com espírito patriarcal, predomina um clima de respeito, civilidade, cortesia e afaabilidade, pois acima das atividades profissionais paira o consenso de que, em certo sentido, ela constitui uma grande família. Ao longo de anos de trabalho, seria normal a formação de laços



de estima, coleguismo e solidariedade entre os empregados, o que levaria todos a se sentirem um pouco como irmãos. E isso sem falar no apostolado mútuo, previsível num ambiente católico.

O atendimento à individualidade de cada um, o trato ameno, hierárquico, familiar, mesclado por sentimentos de respeito e de estima, só são encontrados em sociedades orgânicas e cristãs. Essas joias do conviver humano começaram a ser lapidadas na Idade Média, mas os lecionistas, os absolutistas, os republicanos, os socialistas e os pró-fascistas as vilipendiaram, acusando-as de serem arcaísmos, criadoras de privilégios e particularismos de toda espécie. Ao longo de séculos, a Revolução conseguiu ofuscar seu brilho e transformar o relacionamento humano num contexto anódino, burocrático, igualitário e, na falta de melhor termo, lixento...

Uma vez configurado o termo patriarcalidade, estamos aptos a descrever o quanto Dr. Plínio procurou dar um tônus familiar ao governo do Grupo.

Raríssimas vezes suas ordens eram de caráter geral. Seu hábito sempre foi o de dar orientações pessoalmente, por meio de conversas que nem sempre eram breves. Se quisesse, por exemplo, enviar alguém para um apostolado em determinado país, começava por descrever as vantagens de nossa causa com essa ida, as dificuldades que seriam enfrentadas por quem lá fosse; e antes de formular a ordem de viagem, sondava se o interlocutor estaria com a disposição espiritual necessária para aceitar a incumbência com o coração alegre. Noutras palavras, sua atitude era bem diferente do modo militar e impessoal, utilizado pelos superiores jesuítas ao enviar apóstolos para o Ceilão.

Em segundo lugar, em seu relacionamento cotidiano conosco, principalmente durante as conversas, consegui algo incompreensível para o homem moderno: unir um trato cerimonioso, formal, hierárquico, com uma extrema amabilidade, interesse verdadeiro por cada um de nós enquanto interlocutores e, mais importante do que tudo, demonstrando uma benquerença, uma como que jovialidade, uma normalidade, que só é encontrada nos ambientes íntimos de uma família. Sentíamos-nos “em casa”, bem tratados, entretenidos, receosos de que o encontro terminasse logo.

Inúmeras vezes transparecia uma alegria, o senso do *unum* pelo fato de estarmos todos



juntos em sua presença. Digo mesmo, uma sensação de companheirismo que transcendia a relação superior-inferior, muito própria aos que sofrem juntos perseguições, exclusões ou outros sofrimentos.

Na escola alemã que frequentei até os 12 anos de idade, pude conhecer lendas, canções, peças de teatro que exaltavam esse companheirismo, tão característico daqueles que, juntos, lutam e sofrem por uma causa, um direito, uma ideologia. Esse *unum*, essa sensação de pertencença a um todo, esse *zusammensein*, como os alemães o denominam, é facilmente encontrável nos povos nórdicos, e **naturalmente em seus descendentes**. No mundo latino, ufano de seus individualismos, eu diria que é mais raro, bem mais raro.

Não me lembro de quem o disse, é muito verdadeiro, que “*A monarquia começou a morrer no coração do povo quando os reis deixaram de participar das batalhas*”. Nesse sentido, julgo lamentável o Rei Jorge VI não ter exigido que permitissem sua presença no couraçado do Estado Maior durante a invasão do continente europeu no dia D (6 de junho de 1944). Em condições de extremo perigo ou padecimento, os súditos precisam sentir a seu lado o rei, o profeta, o patriarca, como se todos fossem membros muito próximos de uma mesma família, correndo os mesmos riscos, participando dos mesmos sofrimentos.

É exatamente pelo fato de formarmos, não uma congregação de almas nem um sodalício, mas uma família de almas, que temos a obrigação de criar em nossas sedes um ambiente em tudo semelhante ao de uma casa de família.

Finalmente, em terceiro lugar, figurava seu cuidado paternal não só em nos proporcio-



Rei Jorge VI



nar uma orientação espiritual, como também em aprimorar nosso apreço pelas “ruínas da Cristandade, cheias de bênçãos”.

Um pequeno fato ilustra bem o que estou dizendo: um jovem membro do Grupo, a quem ele apreciava de modo especial, preparava-se para viajar a Paris, e foi se despedir dele. Perguntado sobre o que pensava visitar na capital do bom gosto, da cultura refinada, o jovem desfilou uma série de nomes de catedrais e museus, preocupado em causar boa impressão. Dr. Plínio aprovou o programa, mas depois recomendou que se hospedasse num hotel de primeira classe, ao menos por um dia, e que fosse jantar duas vezes em ótimos restaurantes. Chegou até a sugerir dois que conhecia, isso para que ele apreciasse o luxo e o esplendor de sua França, Filha Primogênita da Igreja e merecedora de todo o seu entusiasmo. E acrescentou ao atônito jovem que as despesas desses extras deveriam ser debitadas em sua conta pessoal. Lembrou ademais que, tão importante quanto as clássicas visitas a igrejas e museus, para os brasileiros é importante a europeização, ou seja, na medida do possível, a assimilação da cultura e do bom gosto dominantes no Velho Continente.





Para aqueles que às vezes são dominados por um falso zelo pela integridade de nossa radicalidade contra-revolucionária, e preconizam atitudes duras contra irmãos de ideal que cometem deslizes involuntários, por fraqueza, falta de vigilância, ou mesmo autoconfiança diante de uma realidade perigosa, narro o seguinte episódio, muito expressivo do modo de Dr. Plinio agir nessas situações:

Nos primórdios da vida do Grupo, quando o número de seus participantes podia ser contado nos dedos das mãos, um dentre nós cometeu uma falta imperdoável e se retirou de nosso convívio. Alguns meses depois, estávamos Dr. Plinio e eu caminhando pela rua Vieira de Carvalho, quando vi que íamos cruzar com essa pessoa. Julguei que seria de bom espírito não cumprimentá-la, mas ele o fez, embora com um gesto contido. Após alguns passos, recebi uma forte admoestação pela minha atitude, e da qual nunca me esqueci. Anos depois, soube que todo mês ele ia visitar esse ex-membro do Grupo, com a esperança de trazê-lo de novo para o arrependimento e o bom caminho. Esse admirável procedimento, digno de ser tomado como um paradigma para o nosso modo de atuar em situações semelhantes, ele o manteve até ser impedido por um desastre automobilístico. Se isso não é uma manifestação de patriarcalidade, amor paterno levado a seus extremos limites, não sei o que é patriarcalidade ou amor paterno.

Teoricamente supérflua — e por isso, na verdade, valiosa — a descrição dos ambientes em que ele vivia e se comprazia pode nos permitir rememorar, com saudades, nosso convívio amistoso e sempre cerimonioso em torno de sua pessoa. Começo pela evocação de uma conversa descontraída, num fim de tarde, na sede do Reino de Maria. Iam chegando alguns de nós, convocados para a reunião, e outros não convidados. Dr. Plinio cumprimentava todos, abstraído totalmente do fato de alguns serem “penetras”. Antes de entrar no assunto programado, comentava *faits divers*, acontecimentos políticos, de modo a permitir que todos pudessem participar da conversa. Depois começava a tratar de assuntos sérios, interrompia para oferecer chocolates que sua irmã Rosée havia trazido de Paris, fazia uma brincadeira com algum dos presentes, retomava a temática inicial, pedia desculpas por ter que apoiar a perna esquerda num banquinho, aproveitava a ocasião para fazer algumas “cobranças”, dirigia a palavra a todos, mas de modo que nos dava a impressão de que estava tendo cada um de nós como seu único



interlocutor. E tudo isso com uma vida, um interesse, uma simpatia (permitam-me usar esse termo tão detestado por ele) que nos deixava a todos confortados, bem tratados, animados a carregar nossas cruzes.

Finalmente, não posso deixar de lembrar a grande importância dada por ele às conversas no Grupo. Sempre considerou a troca de ideias realizada de modo sereno, afável, civilizado, como o instrumento *rectrix* para a elaboração de princípios, detecção dos centros monárquicos das diversas temáticas e fortalecimento dos laços de amizade fraterna, que deve ser prioridade para todos nós. O MNF, sem dúvida sua obra máxima, embora não tenha sido concluída, foi elaborado em conversas visando debater os mais variados assuntos referentes ao processo revolucionário e ao futuro Reino de Maria. Para o bom êxito da empreitada, pouco contavam a erudição, as elucubrações intelectuais, a dialética. O que valia, o que era essencial, era a humildade de todos em reconhecer primazias e suas limitações próprias. Ele nos dava esplêndido exemplo dessa disposição de espírito. Afirmava que em questões filosóficas, a primazia do conhecimento era de Paulo Corrêa de Brito Filho e, em tempos antigos, de Benedito Pacheco Salles. Em matéria teológica e assuntos da Igreja, reconhecia a autoridade de D. Mayer e a de Arnaldo Xavier da Silveira.

Ao encerrar estas notas rememorando fatinhos que comprovam como ele considerava o Grupo uma família — uma família, não: sua família! — menciono outra característica de nosso movimento que, como as demais, foi consequência do modo de ele ver e julgar as coisas: a ausência de procedimentos burocráticos, como regimentos internos, carteiras indicando pertencença ao Grupo etc. Um membro do Grupo contou-me que, ao comentar a natureza muito especial de nosso movimento, ele afirmou: ***“O Grupo não é uma máquina administrativa, mas uma família de almas”***.

O ingresso e a permanência no Grupo dependiam exclusivamente da vontade de seus membros e de sua aprovação. Todos eram livres de aderir ou não ao nosso movimento. Não havia registro de entrada ou saída, compromissos a serem assinados, nem nada parecido. Era, e ainda é, algo parecido com o relacionamento existente entre o senhor feudal e seus súditos. A palavra, a força moral, a intenção, a confiança, a unidade de pontos de vista e de objetivos, era e é tudo.



A fidelidade a essa concepção de organização nos conduzia naturalmente a não sobrevalorizar a importância dos liames jurídicos, burocráticos e estatutários, o que poderia engessar nosso movimento. Setenta anos atrás, quando foi fundada a Juventude Estudantil Católica, Dr. Plínio informou, contrafeito, que o Castilho e eu precisávamos ocupar os cargos de secretário e tesoureiro da nova entidade, pois os estatutos assim o exigiam; escolhêssemos à vontade, pois isso não teria maior significado.

Esse era Dr. Plínio, com seu feitio, seu modo de ver as coisas, seu proceder hierárquico e cerimonioso, diria mesmo sacral; mas ao mesmo tempo ameno, estimulante e patriarcal.

VIII – Discernimento dos espíritos, percepção de imponderáveis, previsões proféticas

Dr. Plínio sempre afirmou que nunca foi favorecido por visões, revelações ou outras be-nesses espirituais extraordinárias. Não obstante, tinha carismas — termo não tomado em seu sentido estrito, mas como um dom — que o levavam a perceber de imediato disposições de alma de seus interlocutors, e também o desenrolar de acontecimentos futuros, num sentido profético.

Assim, por exemplo, era suficiente olhar para um de nós, para conhecer nosso estado de espírito: se ficamos contrafeitos com algo que ele tenha dito, se estávamos ou não com a coragem e a altaneria próprias à nossa condição de monges guerreiros em plena luta.

Ao conversar com uma pessoa estranha, tinha o dom — não sei se natural ou sobrenatural — de discernir, de imediato, se a pessoa estava infectada pelo vírus revolucionário, se era progressista, socialista ou simplesmente revoltada. Em outras ocasiões — bem mais raras, infelizmente — discernia se uma pessoa sentia-se afrontada com a avalanche revolucionária, e portanto, com possíveis aberturas para nosso apostolado. Neste caso, fazia questão de que seu nome fosse registrado em nossos arquivos, para futuro envio de publicações nossas.

Outro dom era o de prever acontecimentos de acordo com imponderáveis que só a ele



eram perceptíveis. Ele mesmo reconhecia que essa percepção não se baseava em observações conscientes, passíveis de serem transmitidas a nós de modo lógico.

Creio que o relato de uma dessas previsões ilustra mais adequadamente seu modo de agir. Nas vésperas da “democratização” do País, corria o boato de que os oficiais da linha dura do Exército — insatisfeitos com a política do Gen. Figueiredo, a essas alturas presidente do Brasil — iriam dar um golpe. Circulavam notícias as mais diversas, e temia-se um agravamento da situação política. Dr. Plínio avisou que ia dar uma volta de automóvel para observar o estado de espírito da opinião pública. Voltou convicto de que a turma do “deixa disso” tinha vencido, e que não haveria golpe nenhum. Os acontecimentos que se seguiram confirmaram plenamente a previsão feita. Teria ele ido passear nas proximidades do quartel general do exército, ou no centro da cidade? Não, o passeio se circunscreeveu aos bairros de Higienópolis e Perdizes, locais tão apáticos e modorrentos, que se diria a Revolução se ter esquecido deles. Em que elementos ele se baseou para prever que não iria ocorrer nada de grave, não sei. Creio que ele também não. Mas é próprio do dom de carisma ser uma faculdade gratuita e indescritível. Na falta de um termo mais adequado, alguns membros do Grupo denominaram “aerologia” essa faculdade de prever acontecimentos de modo inexplicado.

O mais impressionante de seus dons, a meu ver, era fazer previsões de grande amplitude. Confirmando seu espírito profético, essas previsões iam, às vezes, em sentido contrário às nossas expectativas, incluindo as que tinham como certo o domínio absoluto da Revolução sobre a evolução dos acontecimentos.

Um exemplo diz mais do que meras afirmativas. O ambiente dominante na década de 80 era plúmbeo. No Brasil, a abertura política permitiu o nascimento triunfante do PT, com seus programas revolucionários; no mundo, a IV Revolução começou a dar seus primeiros passos rumo à criação da União Européia. Lembro-me de ele comentar com outros membros do Grupo que a única possibilidade de uma reviravolta na marcha dos acontecimentos seria um milagre ou o início da “bagarre”, termo usado por ele para indicar os castigos anunciados em Fátima, no anos de 1917.

Creio que em 1988, na maior calma e segurança em meio a essas trevas, Dr. Plínio anun-



cia que a Revolução estava perdendo o “gume”; que a geração nova não possuía mais o ardor revolucionário de seus pais e avós; e com isso, nossa hora estava se aproximando. Mais ainda, ele descreveu então o fenômeno da “franja”, isto é, de setores da opinião pública que estariam começando a se desencantar com os programas revolucionários, desejosos de se manterem no *status quo*, ou mesmo participar de movimentos contra-revolucionários. Para descrever a situação, ele utilizou a figura de alguns passageiros de um trem acelerado em demasia, que aproveitam a parada numa estação para desembarcar. Uma parte deles fica à espera de outro trem, mas diversos passageiros preferem voltar ao ponto de partida.

Minha primeira reação deveria ser de alívio, mas fiquei pasmo diante do contraste entre a realidade trágica que até então ocupava nossos horizontes mentais e esse novo quadro profético otimista. Prever a difusão universal do marxismo no pós-guerra e os extremos de imoralidade a que chegamos, pode ser considerado fruto de raciocínios baseados nos princípios contidos no livro *Revolução e Contra-Revolução*. Mas profetizar uma derrapagem na marcha revolucionária, exatamente quando ela parecia incontenível? Prever o aparecimento de movimentos de jovens por toda parte, desejosos de se opor ao petismo, ao aborto e ao “casamento” entre homossexuais? Parecia impossível, mas é o que está acontecendo 25 anos depois. Esses passageiros insatisfeitos não são contra-revolucionários autênticos, seu desencanto é específico, sua reação é instintiva, mas sem dúvida representam um peso morto para a Revolução. E constituem um bom pesqueiro para nosso apostolado. Esse foi apenas um exemplo das visões proféticas tão frequentes em suas exposições em reuniões da situação contemporânea. Mas creio que nenhuma delas chegou ao extremo de apontar uma inversão inesperada na marcha da Revolução.

IX – Vocação de reivindicar a honra e a glória de Deus Todo-Poderoso

Se rememorarmos as reações de Dr. Plinio ao tomar conhecimento dos grandes passos dados pela IV Revolução, notaremos que sua primeira era uma indignação, que frequentemente chegava a se tornar veemente. E a seguir, analisava os erros contidos nas novidades; finalmen-



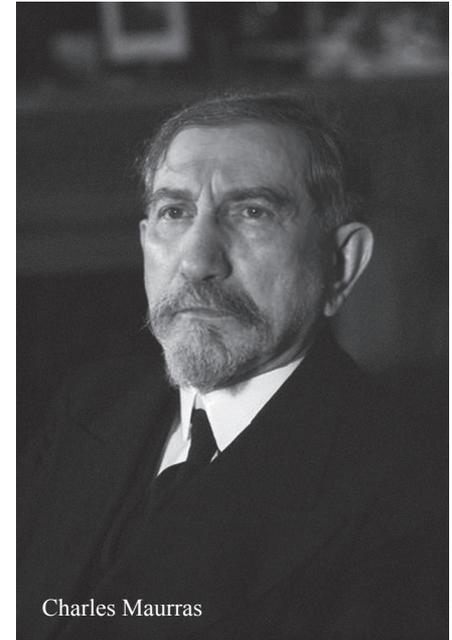
te, empenhava-se junto a nós para que a rejeição ao conteúdo revolucionário fosse total. Nesse esquema sintético de seu modo de reacionar, pode-se observar a preeminência do ato de vontade. Análises e considerações lógicas também marcavam sua presença, mas a nota *pliniana* estava na radicalidade da indignação e na vontade férrea de promover um revide.

Isso explica o erro daqueles que julgam Dr. Plínio um líder anti-revolucionário à semelhança de Joseph de Maistre, Donoso Cortés ou Balmes. **Estes descreveram a Revolução, enquanto Dr. Plínio quis destruí-la.** Esta é uma razão a mais que explica a diferença entre os conservadores ou tradicionalistas e nós, discípulos de Dr. Plínio. Eles combatem as novidades revolucionárias por considerá-las atentatórias ao *status quo* do momento; nós queremos ir muitíssimo além: vencer a Revolução em seu corpo diretivo, suas estratégias, seus instrumentos de ação, e lançar os alicerces de uma nova Cristandade.

Por essas e outras razões, certos europeus nunca o compreenderam inteiramente. No exterior, os debates ideológicos realizam-se de modo pacato, os contendores reconhecendo a validade intelectual uns dos outros. Indignações e entusiasmos são considerados movimentos passionais, intemperantes, explicáveis entre latinos vivendo em regiões tropicais, mas inadequados para debates entre intelectuais.

A esse respeito, julgo ser de interesse recordar o contraste não pequeno que observei entre sua figura e a de seus interlocutores franceses, tradicionalistas da velha guarda, durante nossa viagem à Europa em 1953. Essas impressões ficaram implícitas em minha memória, mas ao escrever este capítulo, consegui explicitá-las.

Ele era ainda moço, e, com toda força de sua personalidade, procurava apresentar o ideal de uma sociedade hierárquica, orgânica e sacral, sem perceber como esse modelo se opunha ao nacionalismo católico de seus interlocutores, embolorado e tismado por simpatias pelo fascismo. Ele abstraía da figura de Charles Maurras, considerado o santo, e não poupava elogios



Charles Maurras



ao *Ancien Régime* e à Idade Média. Suas imprecções contra o mundo moderno, os regimes totalitários e as “novidades litúrgicas”, sinais indicativos do futuro “tsunami” conciliar, eram recebidas com surpresa e frieza. E quando, como homem de ação que ele sempre foi, propunha a formação de um movimento universal para combater o marxismo do pós-guerra, só encontrou nostálgicos da grandeza francesa de outrora. Dr. Plínio queria proclamar uma cruzada, eles desejavam ficar chorando pelo leite derramado...

A reação dos tradicionalistas franceses àquele líder mariano inflamado, vindo de *là-bas*, a América do Sul, afirmativo em demasia, extrovertido além dos limites prescritos pelos parâmetros da práxis francesa, formava um contraste patente. Olhavam-no com olhar hostil. O Pe. Luc Lefèvre, diretor da revista “*La Pensée Catholique*”; a família Pontfarcy e outros, firmes em suas convicções católicas nacionalistas, com o quadro do Marechal Pétain na parede, acabrunhados com a hostilidade dos *gaullistas* triunfantes. Tal contraste anunciava hostilidades futuras; o desencanto veio para ficar.

Apreço à honra

Analisemos a seguir questões relativas à honra, à nobreza e à sacralidade, de modo a facilitar a compreensão da importância que Dr. Plínio dava a esses valores:

- Importa distinguir o ato de virtude em si do preito mediante o qual a sociedade o destaca, realça e apresenta como exemplo a ser imitado. Esse preito constitui a honra. Honra, por conseguinte, é a exteriorização dos valores inerentes a uma pessoa, uma instituição, uma categoria.
- Honra é o brilho coruscante, esplendoroso, reluzente da constelação do bem, da verdade, do íntegro, do inocente, do hierárquico e sacral, em oposição à opacidade do igualitarismo e ao negrume do caos.
- A honra é um valor absoluto, e como tal deve brilhar, ser esplendorosa, afirmativa de sua supremacia sobre tudo que for comum, anódino ou pecaminoso. E essa supremacia, se possível, deve ser proclamada com *panache* e altanería.



• A glória, a honra e todas as perfeições que podem ser atribuídas a Deus são sublimes. O mesmo se pode dizer da santidade de vida, do martírio, da luta contra-revolucionária.

• A ortodoxia, a integridade, a honra, a nobreza de caráter, a elevação de espírito, formam um só todo, pertencem à mesma constelação. Suas estrelas devem ter um brilho majestoso, fulgurante, quase ofuscante. Sua superioridade deve ser *éclatante*, inequívoca, arrasadora. Deve assemelhar-se a uma aurora cheia de luz, espantando os miasmas da noite; ou como um anjo diante do qual tudo se eclipsa, se evanesce, foge pelos desvãos do submundo.

É dever nosso resgatar o domínio do espírito sobre a matéria, o refinado sobre o tosco, o honroso sobre o reles. No homem moderno predomina um embrutecimento, uma opacidade, que o torna insensível a toda espécie de sublimidades. A nós cabe o dever de pesquisar, nas cinzas ainda fumegantes das ruínas da Cristandade, vestígios de um espírito voltado para a honra, para o nobre, para o sublime. E, uma vez encontrados, assoprá-los para transformá-los em labaredas.

No mundo em que vivemos, a virtude é cada vez menos praticada. *Pari passu*, o pouco dela que é praticado não suscita admiração, elogios ou quaisquer tipos de reconhecimento. Já na época de Dr. Plínio moço, e mesmo na minha, o fato de um rapaz ser casto atraía sobre ele o desprezo por parte de colegas e mesmo de parentes. Não se chegava a acusá-lo de homossexual — termo naqueles tempos pouco citado — mas os epítetos eram “inocente”, “bobinho”, “fracote”, “filhinho da mamãe” etc.

Lembro-me que aos 15 anos de idade, li o livro *O brilho da mocidade*, de Mons. Tihamer Toth, muito em voga nas Congregações Marianas daquele tempo. Recordo, igualmente, de ter feito a seguinte pergunta para mim mesmo: brilho? Onde está o brilho? A bem da verdade, só encontro desprezo, isolamento, incompreensão...

Atualmente, como fruto do esvaziamento da opinião pública, as críticas ao bom comportamento continuam, mas de modo menos intenso. Mas, se por um lado diminuíram, por outro pode-se dizer que os termos casto, castidade, pureza, foram excluídos do linguajar corrente, tal a ignorância a respeito dessas virtudes. **O fato da obediência à Lei de Deus ser ridicularizada ou ignorada, duplica a gravidade do pecado.**



Habituamo-nos a denunciar, com grande acerto, os avanços da imoralidade, o direito de abortar, o “casamento” homossexual e outras aberrações. Mas corremos o risco de atentar para o progressivo enfraquecimento da noção da honra que deveria ser prestada a Deus. No mundo moderno considera-se a honra um valor totalmente superado, e os mais jovens nem conhecem bem seu significado. Antes da Primeira Guerra Mundial, duelava-se por questões de honra; entre as duas guerras mundiais, proclama-se sua beleza; nos dias atuais, poucas pessoas entendem seu significado. O único lugar sobre a face da Terra em que ainda sobrevive o conceito de honra é o Japão, país não católico, mas herdeiro de um passado feudal.

Essa procura dos resquícios de um espírito voltado para a honra é bem exemplificada com a descrição que Dr. Plínio fez do diretor de um parque público, que ele conheceu quando criança. Utilizou essa descrição para nos mostrar como, mesmo num funcionário de nível médio, é possível detectar-se um tônus majestático e honroso no modo de ele proceder:

“Quando eu era menino, a Fräulein Mathilde nos levava para brincar no Jardim da Luz. Era diretor do jardim um austríaco, Herr Hetzel. Tinha uma bigodeira ruiva e abundante, seu cabelo também ruivo e abundante penteado de lado, sobrancelhas em consequência ruivas e abundantes, um olhar mais bem morriço e não vivo, um tom de voz cavo.

Ele não era senão um técnico que entendia alguma coisa de jardinagem, homem mediano na força da expressão. Mediano pela altura, mediano pela educação, etc., porém sem ser medíocre. Não era um botânico, não era um cientista, não era um artista, não tinha aprofundado nenhuma das grandes qualidades necessárias para ser um grande diretor de jardim; porém





tinha as qualidades suficientes para tomar conta daquele jardim. Ele era um bom diretor de jardim.

É preciso dizer que o Jardim da Luz era primoroso sob a direção dele, e me chamava a atenção, quando a Fräulein Mathilde ou qualquer pessoa conversava com ele sobre o jardim, esse homem tão mediano tomava ares de autoridade. Ele designava as partes distantes do jardim, e dizia: “Ali eu mandei fazer isso, lá mandei fazer aquilo, estou mandando plantar tal coisa, mandei vir de tal lugar sementes para tal coisa assim, que pretendo localizar ali”.

Ele tomava um ar de reflexão, antes mesmo de ser de mando, e depois indicava os confins do



jardim e os pontos de plantação, de tal modo que se tinha a impressão de um general indicando pontos de batalha, ou de um estadista indicando os confins do seu reino. Pela compenetração de sua autoridade, pela reflexão com que dirigia o jardim, isto lhe dava um mando que lhe conferia um pequeno grão de majestade” (Palestra a jovens em 27/11/82).

O grau máximo de execração de Dr. Plínio era disputado pela *heresia branca* e o igualitarismo. A primeira, porque considerava não ser necessário enaltecer a virtude, pelo contrário, devia ela ser reconhecida apenas discretamente, para não atentar contra o sentimento de humildade de quem

a pratica. O segundo, pela intenção precípua de execrar quaisquer supremacias entre os homens, por considerá-las fautoras de invejas, ressentimentos, ódios e guerras.

Não compreender o papel da honra e da glória de Deus no quadro de valores *pliniano* indica total ignorância de quem ele foi. Por seu amor entranhado a tudo o que se refere a honras, prestação de honras, senso de honra, proceder honroso, ele sempre procurou explicitar a gran-



deza de Deus e a utilizou para elevar nossas mediócras meditações a páramos nunca sonhados. Ouçamos suas palavras: “Sabendo que na outra ponta do país está uma pessoa que não recebe a honra que merece, ou outra que se arroga uma honra que não merece, ou ainda outra que não quer saber de nenhuma honra, o contra-revolucionário não sossega enquanto não tiver normalizado aquela situação” (MNF 7/12/88).

Ele se comprazia ao máximo em contemplar e comentar situações, cenas e cerimônias nas quais diferenças hierárquicas e honorárias ocupassem posição de relevo. Tia Lucilia já notava essa sua propensão quando, ainda criança de cinco ou seis anos, ele perguntava a razão das diferenças no tratamento a ser dado a seus pais, tios, primos, amigos e empregados.

Vejamos alguns “fatinhos” e comentários feitos por ele, que exemplificam bem o acima exposto:

- Satisfeito em ter ocasião para discorrer sobre seu tão querido *Ancien Régime*, comentou numa das reuniões do MNF o livro *À la recherche du temps perdue*, de Proust, no qual é descrita a tentativa da nobreza napoleônica, arrivista, enriquecida, de rivalizar com a antiga nobreza de sangue, autêntica, ancorada na história da França, mas empobrecida nessa época, e tendo a honra como seu valor supremo. O autor descreve como a iniciativa não teve êxito, apesar do apoio do imperador; a primazia social continuou com a *ancienne noblesse*. A derrota do igualitarismo nesse episódio — tão rara, diga-se de passagem — alegrou Dr. Plínio e lhe deu ocasião para explicitar algumas das teses de seu futuro livro que escreveu sobre a nobreza.

- Luís XIV teve dois marechais de grande porte, que lhe garantiram não poucas vitórias. Um deles foi o Visconde de Turenne, o outro, o Duque d’Enghien, Príncipe de Condé. O primeiro foi um estrategista brilhante, que planejava com calma suas ações bélicas e era implacável na guerra; o segundo sobressaía pelo gênio da improvisação e pela coragem. Na batalha de *Rocroi*, nas Ardenas, depois de tentar inutilmente romper a infantaria espanhola, o Príncipe de Condé lançou seu bastão de comando no centro defensivo do inimigo e desafiou seus soldados



a irem buscá-lo. Entusiasmados com seu *panache*, seus comandados atacaram com ânimo dobrado e obtiveram a vitória. Em uma de nossas sedes existe um quadro desse feito militar (**foto**). Dr. Plínio dele se aproveitava para nos mostrar a importância do brilho, do *éclat*, que deveriam estar sempre presentes nos grandes gestos, dando-lhes o realce merecido.

- Outros comentários analisam um quadro em que aparece o Imperador austríaco Francisco José, já idoso e um tanto alquebrado, num período já de ocaso na saga gloriosa da Casa d'Áustria, recebendo na *Hofburg* a visita de príncipes alemães. Entre eles o Kaiser Guilherme I, Hohenzollern, símbolo vivo da potência germânica que estava despontando no horizonte. Depois de ouvir nossos comentários, ele se alongou mostrando que o ponto monárquico do quadro era a manifestação da superioridade absoluta, paradigmática, da honra sobre o poderio político, militar, econômico, ou seja lá o que for. O imperador, a honra personificada, com seu olhar cansado, fitava o absoluto, os valores inefáveis e eternos, fitava a Deus. Quanto aos demais... não percamos tempo em descrevê-los...



- Comentou também a postura formal, altaneira, nada subserviente, consciência de sua dignidade, dos empregados encarregados de abrir as portas dos elevadores no Hotel Ritz, em Madri. Uniformizados, empertigados, saudavam os hóspedes erguendo o quepe e dizendo: “*servidor*”. Tal era seu porte, prontidão em servir, compreensão do valor simbólico de seu gesto, que levaram Dr. Plínio a comentar, um tanto pesaroso: “*Oxalá os membros do Grupo tivessem a classe e a noção de honra que esses jovens têm*”.



• Contou-me ele que, quando foi pela primeira vez à Câmara dos Deputados, no Rio, depois de eleito como o deputado mais votado no País, ao subir as escadas do edifício os soldados da Guarda Militar lhe prestaram honras, e isso o dignificou e lhe deu um comprazimento todo especial. Algum pré-revolucionário, semi-revolucionário ou inteiramente revolucionário poderia questionar: “*Quem não ficaria orgulhoso, com guardas perfilados à sua entrada em qualquer lugar?*”. Em resposta, eu me muniria de toda a minha veemência — pobre veemência, enfermiça veemência em relação à que o Dr. Plínio teria — para apostrofar essa pessoa, redarguindo que ela não entendeu nada, absolutamente nada, pois a cena vale por si, é homenagem a um valor hierárquico, simbólico do poder legislativo. Se Dr. Plínio fosse um dos soldados prestando continência, ou simples transeunte fortuito, o comprazimento seria o mesmo. Prestar honras, receber honras, tanto faz, o importante é o preito à Majestade Divina, inerente ao ato de honrar primazias autênticas.

• No prédio da rua Vieira de Carvalho, em que Dr. Plínio morava, havia um zelador negro, já idoso. Cabelo branco, alto, ereto, sua figura impunha respeito. Em sua postura transparecia uma retidão, uma honra, um desejo de ser prestativo sem servilismo. Dr. Plínio por diversas vezes o elogiou, e dele se serviu para comentar que teria sido benéfico para o Brasil se, após a abolição, se tivesse formado no País uma aristocracia negra.

• Durante uma reunião do MNF, tive a satisfação — e, já que estamos falando em honra, tive a honra — de vê-lo se “abrir”, se comprazer em descrever longamente uma cena que só ele seria capaz de excogitar: um encontro entre dois monarcas numa hipotética diarquia. Como eles prestariam honras um ao outro? Como se tratariam mutuamente? Como as primazias se cruzariam? Ele ficou tão entretenido, tão absorto, tão dominado pelo assunto, a ponto de parecer artista pintando um quadro ou compositor compondo música.

* * *



Fazia questão de que todos compreendessem a necessidade de imprimirmos em torno de nós, por mais simples que fôssemos, marcas de nossa vocação de monges-guerreiros, ou seja, simplicidade aristocrática, expressão simbólica e conotação sacral. Para quem julgar estranha a aparente contradição na expressão “simplicidade aristocrática”, lembro a resposta de Talleyrand a um embaixador que lhe perguntou qual era a nota dominante na antiga aristocracia de sangue: “a simplicidade”.

Essa preocupação o levava a exigir que a capela e as salas da Sede do Reino de Maria fossem ornadas por objetos adequadamente simbólicos da santidade do culto divino, do valor da cultura e da arte dominantes no passado e significativos de nossa missão de combater a Revolução. Três ordens de valor, três tipos de honra, três objetivos a serem atingidos.

Amesquinhamentos, relaxamentos na decoração dos ambientes, na formação dos alardos, no teor das conversas, na postura habitual dos membros do Grupo, o deixavam contrafeito, como se alguém passasse uma garra de ferro ao longo de sua espinha. Mas quando ocorria o esmero em sentido contrário, ficava como que vivificado, comprazido, pressuroso em nos incentivar a subirmos a patamares cada vez mais elevados.

• Recordo-me também de uma ocasião em que um nosso apóstolo, voltando da Índia, contou que uns rapazes com os quais estava fazendo apostolado ficaram entusiasmados com nossa campanha, e pediram para usar a capa da TFP apenas por alguns instantes. Dr. Plínio o interrompeu de forma categórica: “*Um pagão usando nossa capa, nunca*”. Nesse momento, fiquei com pena dos potenciais simpatizantes de nossa causa, mas depois compreendi que a sacralidade de nossos símbolos é tal, que seu uso fica vedado a quem não tiver sido batizado. Este episódio é propício a que meditemos sobre a sacrossanta honra — sacrossanta sim, em toda a extensão do termo — de participar na sua missão de lançar as fundações de um futuro Reino de Maria. Essa participação nossa é aristocratizante, possui uma honra de grandeza tal que escapa à nossa compreensão. Podemos intuí-la, mas está fora de nosso alcance conhecê-la plenamente. Sua contrapartida é a santidade de vida.



• Eu havia mostrado a ele um livro relatando a epopéia dos *cristeros* durante a revolução comunista no México. Numa das fotografias aparece o padre Pró, hoje canonizado, à frente de alguns jovens a caminho do martírio. Elogiou a firmeza do sacerdote, mas seu entusiasmo se concentrou na figura de um jovem alto, ereto, altaneiro como um espanhol dos velhos tempos, que com um olhar sobranceiro, quase diria arrogante, manifestava um desprezo total pelos verdugos que se preparavam para fuzilá-lo. Dr. Plínio aproveitou a ocasião para ressaltar

que, tão elogiável quanto o martírio, é a manifestação ovante, plena de brilho, da superioridade da virtude da fé sobre a vileza dos revolucionários.



Dois assuntos suscitavam de sua parte comentários elogiosos sem fim: o conceito de honra, inerente à formação militar na Academia Militar de *West Point*, nos EUA; e as proclamações de Churchill (foto) e Mac Arthur conclamando os aliados a continuarem firmes em sua luta, na ocasião em que a Alemanha e o Japão pareciam estar vencendo a Segunda Guerra Mundial. Foram estes, aliás, os únicos pronunciamentos de figuras históricas da atualidade aptos a concorrer em seu apreço pelas proclamações e ditos da época do *Ancien Régime*.



O revide da honra ultrajada

O mal, a inversão de valores, o desrespeito intencional à ordem, por serem ofensas a Deus, é imperativo que sejam rechaçados com um brado de indignação, um “rasgar as vestes”, que suscitem um revide proporcional à sua gravidade. Na ordem sobrenatural, esse revide se chama inferno ou purgatório. É a honra divina que está em jogo. Algo muito sério, de gravidade infinita, que nos deve provocar um temor reverencial.

O caso clássico do modo de reagir de um cavaleiro diante de uma ofensa à sua dama — o desafio para um duelo mortal — mostra bem como o código de conduta ocidental e cristão considera grave, inaceitável, digno de um revide, qualquer atentado à honra de uma mulher. Sua reação não se inicia por uma explicação de que sua amada é uma santa, mas por um revide violento e imediato, podendo chegar a ameaças de morte. Protestos verbais, vociferações, socos, seriam as reações normais para o homem moderno, mas para o medieval a honra constitui um valor supremo, inegociável, que se lava com sangue.

Se isso se dá com a honra de uma mulher, o que dizer dos atentados contra a honra de Deus? Existem desobediências à Sua lei, os pecados; e existem atentados à honra de Deus, verdadeiras blasfêmias. Poderíamos indicar três tipos desses atentados:

- O primeiro se refere à apresentação da figura de Deus Criador, Todo-Poderoso, infinito, como sendo um Papai Noel velhusco, néscio, indulgente por todos os poros, posicionado entre as nuvens, conivente com nossas faltas.

- O segundo, pelo amesquinamento de tudo que ainda é proporcional, belo, nobre e sublime, subsistente nos dias de hoje. Não se trata de atentados isolados de uma mentalidade doentia, minimalista, mas de todo um plano arquitetado pela Revolução no sentido de perverter progressivamente todos os valores simbólicos da grandeza e sublimidade de Deus.

- A terceira blasfêmia consiste na imposição, “guela abaixo”, da arte moderna, em especial a contemporânea de Michel Duchamps. Atingiu um nível tal de incongruências, extravagâncias, ilogicidades, vulgaridades, que sua difusão onímoda evidencia um projeto revolucionário



visando agredir diretamente a ordem hierárquica e sacral querida por Deus. Alguns exemplos: premiar uma tela em branco, com um título *blanc sur blanc*; na Bienal de São Paulo, uma sala em cujo teto estão pendurados centenas de guarda-chuvas; projeto de uma casa sem janelas. Tudo isso constitui ofensas mortais aos transcendentais *verum, bonum e pulchrum*.

Diante desse quadro, temos o dever de increpar os revolucionários e de reivindicar, a plenos pulmões, uma reparação, um revide a essas monstruosidades. Passou a hora de “explicações”, “demonstrações”, “defesas de pontos de vista”, e outros paliativos. A hora é de proclamar, manifestar uma inconformidade absoluta, abjudicar valores. É certamente o que Dr. Plínio fez durante sua vida. Toda sua existência foi um ato de protesto contra essas enormidades revolucionárias. Talvez ele não tenha formulado essa necessidade de revide de modo tão explícito, mas certamente constituía o fundo de seu pensamento.

Poder-se-ia objetar que esses atentados são males que já se tornaram rotineiros, e como tais, dignos de serem combatidos, mas incapazes de provocar indignações. A resposta é que eles atingiram tal estridência, que tornam urgentes atitudes imediatas de rejeição e reparação. E de uma rejeição proporcional às enormidades cometidas.

X – Apreço pela aristocratização

Se tivesse sido adotada uma ordem decrescente de importância para comentar os aspectos da espiritualidade de Dr. Plínio, este último capítulo deveria figurar bem antes. Porém, minha intenção é descrever a razão pela qual ele considerava a aristocratização do Grupo fator de extrema importância. Em vista disso, julguei melhor colocá-lo como o fecho deste trabalho.

Ele considerava prioritário que nosso proceder fosse senhoril, altaneiro e combativo. Em outras palavras, que nossa aparência, modo de conversar e fazer apostolado adquirissem tons aristocratizante. E o mesmo em relação às nossas sedes. Em parte esse objetivo foi conseguido: o público, ao observar um jovem do Grupo, já o reconhece de imediato como membro de nossa família de almas, a TFP, por seu porte altivo e compenetrado, seu trato afável.



Como foi rememorado nos capítulos precedentes, sua alma como que se abriu, já enquanto criança, para tudo que fosse elevado, nobre, virtuoso, sublime. Quando começou a ler livros históricos e memórias de personagens do *Ancien Régime*, encontrou a descrição de uma sociedade que em parte correspondia a seus ideais. Trato social cavalheiresco, maneiras civilizadas, ambientes requintados, o excelso e o perfeito considerados como metas da cultura e das artes, apreço às hierarquias, bem como inúmeras outras características dessa época tornaram-se objeto de seu enlevo ao longo de toda sua vida. Tornou-se monarquista, apologista do ideal aristocrático de vida, sendo autor do livro *Nobreza e elites tradicionais análogas, nas alocuções de Pio XII ao Patriciado e à Nobreza romanas*.

É de notar que o título de sua obra menciona “elites tradicionais análogas”, indicando que ele equiparava — para os propósitos que tinha em mente ao redigir o livro — a nobreza titulada com as elites sociais e políticas existentes nos países republicanos. Neste texto, de modo análogo, sempre que as expressões nobreza e aristocracia forem mencionadas, devem ser interpretadas como abarcativas das elites não tituladas.

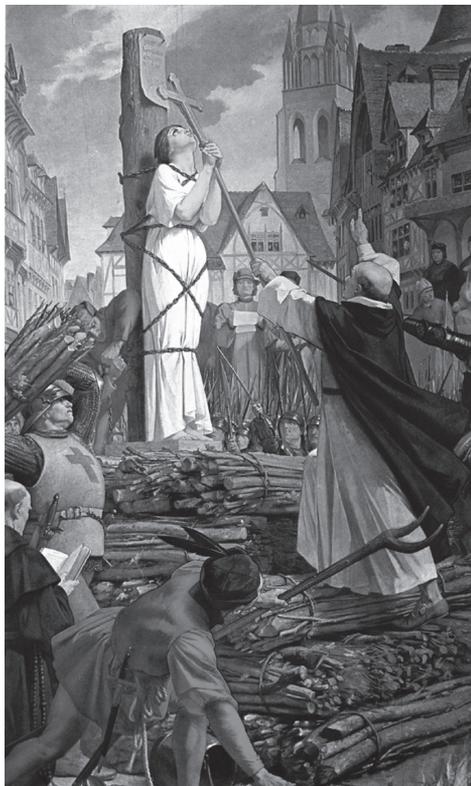
A Revolução alcançou êxito em cunhar uma visão estereotipada da nobreza enquanto caricata, à semelhança de seu sucesso em imprimir no imaginário popular um quadro totalmente negativo da Inquisição. Se quiséssemos elaborar uma lista dos grandes “vilões” da História, segundo os padrões em voga nos dias de hoje — os hunos, a peste negra, a escravidão, a Al Qaeda — nela precisaríamos incluir a Inquisição. Com uma regularidade bem planejada, anos após ano aparecem nas livrarias obras relatando os horrores praticados pelos “fanáticos e lúbricos” torcionários da Inquisição espanhola, Torquemada à frente. Mesmo em bancas de jornais, podem-se encontrar folhetins contendo descrições de torturas inimagináveis praticadas nas masmorras inquisitoriais.

A convicção geral de que a Inquisição foi uma instituição nefanda está de tal forma consolidada na opinião pública, que de nada adianta apresentar dados históricos comprovando uma realidade bem diferente. O livro *Personagens da Inquisição* de William Thomas Walsh, relata fatos que apresentam do Santo Ofício uma visão bem diversa da acima descrita: a Inquisição foi a primeira instituição a permitir que os réus tivessem um advogado de defesa em seus tribunais;





foi dela a construção da primeira prisão destinada exclusivamente para mulheres, e cuja proteção também era confiada a guardas do sexo feminino; nos arquivos espanhóis, centenas de cartas de prisioneiros comuns pedem transferência para prisões da Inquisição, por ser o tratamento nelas mais humano; era comum alcaides solicitarem a instituição de tribunais do Santo Ofício em suas cidades, para coibir feitiçarias e cultos satânicos.



Mais importante do que tudo, convém nos lembrarmos de um princípio de bom senso, que recomenda não condenar uma instituição de âmbito mundial por excessos que tenham ocorrido apenas em certos locais. A condenação injusta de Santa Joana d'Arc (**representação ao lado**) foi realizada por um tribunal fraudulento de caráter político. Na Espanha, ao longo do século XVI, a Inquisição começou a atuar em função de interesses políticos, tendo realmente cometido excessos. Mas isso não justifica a campanha de descrédito que a levou a ser vilipendiada universalmente com virulência fora do comum.

Com a nobreza ocorreu o mesmo que sucedeu com a Inquisição. A Revolução montou monumental esquema difamatório a tudo o que se relacione à aristocracia. Típico exemplo do modo de agir revolucionário nesse campo são os livros, filmes cinematográficos e peças teatrais, em que os nobres são invariavelmente apresentados como pessoas afetadas, prepotentes, improdutivas, ciosas de seus privilégios. Nos filmes históricos, a vida de corte em Versalhes é descrita de forma caricata: os nobres teriam abandonado suas armaduras para envergar trajes adamados, com laçarotes, sedas e plumas; seus rostos, ao invés de exibir cicatrizes e marcas de uma vida austera e militante, apresen-

tavam-se cobertos com pó de arroz; a vida de corte é retratada como uma arena de rivalidades sociais, palco de mundanismos, ditos mordazes e conversas fúteis.

Ao lado desses aspectos negativos da corte em Versalhes, só em parte reais, é preciso res-



saltar que historiadores renomados da atualidade — como Funck Brentano, Régine Pernoud, Le Goff — demonstram que nos séculos XVI, XVII e XVIII a maior parte dos senhores feudais permaneceu vivendo em seus castelos, dando exemplo de vida morigerada. Apesar de terem perdido parte de seu poder político, ainda constituíam uma elite que liderava os hábitos, a vida cultural e os modos de pensar vigentes na sociedade daquele tempo.

Uma das críticas mais comuns à nobreza medieval é que os nobres teriam o vício corporativo, isto é, se protegeriam mutuamente, visando livrar-se de condenações por faltas cometidas, inclusive devidas a crimes graves. Refutando essa acusação, pode-se lembrar o costume medieval de punir severamente os que atentavam contra o ideal da Cavalaria, de socorrer os pobres, proteger as viúvas e propagar a fé. Se a falta fosse grave, ocorria uma humilhante cerimônia de degradação: o cavaleiro era obrigado a montar no cavalo de costas para a cabeça do animal, e à medida que lhe fossem sendo retiradas a espada, as esporas e as insígnias, um coro entoava cantos fúnebres. Nas cerimônias atuais de degradação militar, o regimento fica de costas para o militar degradado, e deste são retiradas as dragonas e os botões da farda ao som de tambores. Constitui isso uma reminiscência de praxes dos tempos em que a honra era um valor supremo.

Na Idade Média a vida quotidiana ainda estava impregnada de rudezas herdadas dos tempos bárbaros. Os medievais desconheciam o uso do garfo (**ilustração**), sua vida social era em certa medida primitiva. Séculos se passaram até que florescesse uma civilização requintada, brilhante, paradigmática. **Ao contrário do que muitos afirmam, esse desabrochar magnífico não foi**





devido à Renascença nem ao iluminismo, e sim ao impulso dado pela reta ordenação de valores dominante na Idade Média. Para nós é de suma valia essa relação de causa e efeito entre o desejo do medieval, de aperfeiçoamento em todos os campos, e sua plena realização séculos após. Com efeito, os enciclopedistas e seus seguidores negam que as magnificências do *Ancien Régime* tenham sido o prolongamento natural de um processo de refinamento que teve seu início na Idade Média. Chegam a afirmar que o progresso ocorrido deveu-se à libertação dos povos do jugo obscurantista da Igreja Católica.

Vejam os que contém o livro mencionado de Dr. Plínio sobre a Nobreza a respeito desse impulso para todas as formas de elevação e de perfeição, nascido na Idade Média:

“No passado foi missão da nobreza, enquanto classe social, cultivar, alimentar e difundir esse impulso de todas as classes para as alturas. O nobre era por excelência voltado para essa missão na esfera temporal, como ao clero incumbe sê-lo na ordem espiritual. O nobre era o símbolo desse impulso, personificação dele, como que um livro aberto no qual toda a sociedade podia “ler” tudo quanto os nossos maiores, sequiosos de elevação em todos os sentidos, anelavam e iam realizando” (cap.7, nº 8, letra B).

Enquanto a nobreza se manteve fiel às suas características — a ponto de o termo “nobre” corresponder, na linguagem popular, à noção de tudo que é elevado — conseguiu manter, ao longo dos séculos, uma posição de liderança reconhecida universalmente. No século XIV, no entanto, ao sucumbir a uma provação no plano religioso e moral, ela começou a decair. E essa decadência acelerou-se ao ponto de, nos dias de hoje, ser tratada apenas com a deferência própria a relíquias históricas. Em certo sentido, isso é pior do que a guilhotina.

Dr. Plínio sempre criticou veementemente essa decadência, bem como o fato de Luís XIV ter obrigado os nobres a abandonar seus castelos, suas praças fortes, seus feudos, para morar em Versalhes e participar de uma vida em parte fútil e inconsequente. E acentuava como esse desenraizamento da aristocracia foi, sem dúvida, uma das causas do triunfo da Revolução Francesa.

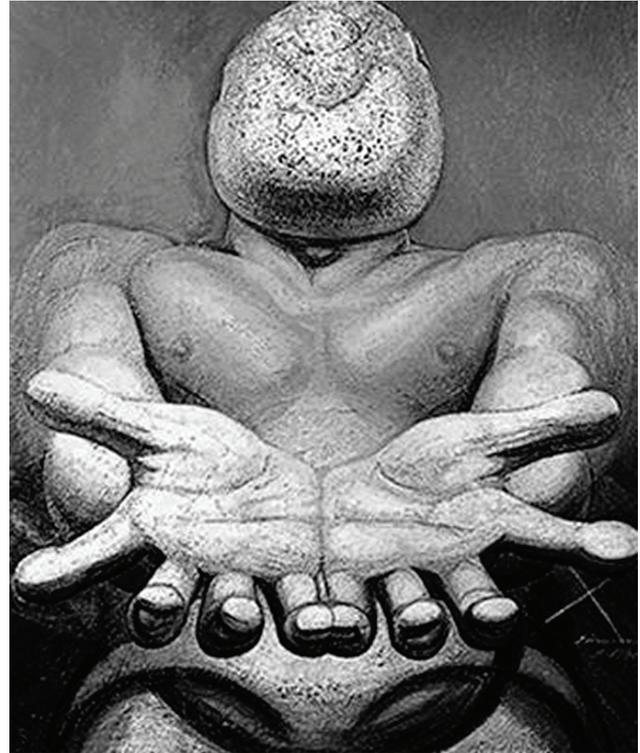
Toda a temática acima exposta de modo muito sintético, é do conhecimento de todos nós. Mas convém rememorá-la para situar bem o enlevo que Dr. Plínio manifestava por tudo que se relacionasse com nobreza e aristocracia.



Outra realidade histórica auxilia nosso entendimento desse enlevo. No passado, era convicção corrente o fato de as atividades artísticas e culturais serem passíveis de aperfeiçoamento rumo a um parâmetro ideal. Corresponde ao desejo de artistas e artesãos coroarem suas carreiras executando uma obra-prima. O que ocorria nesse campo repetia-se em todos os outros. Poder-se-ia dizer que todos consideravam como meta não só progredir economicamente, mas aperfeiçoar seus conhecimentos, adquirir cultura, embelezar suas casas, vestir-se melhor, e assim por diante. Para o homem medieval, a beleza, o valor simbólico, o esmero contavam tanto como a utilidade prática das coisas. A ordem do dia, por assim dizer, era o desejo de um aperfeiçoamento contínuo em todos os campos.

Assim se expressa Dr. Plínio em seu livro sobre a nobreza: *“Ainda nas primeiras décadas deste século, a tendência dominante da sociedade temporal, pelo menos em suas linhas gerais, consistia num impulso para melhorar sempre, nos mais variados campos e sob os mais diversos pontos de vista. Afirmção esta que ainda precisaria ser fortemente matizada em se tratando da religiosidade e da moralidade, seja pública, seja privada”* (Livro sobre a Nobreza, cap.7, nº 8, B).

Esse caminhar rumo ao mais perfeito, ao belo, ao requintado, foi perdendo força a ponto de praticamente se extinguir a partir dos anos 20 do século passado, com o aparecimento da arte moderna, a produção em série e o falso ídolo da funcionalidade. O modelo social do nobre, do homem refinado e senhoril, foi substituído pelo do banqueiro ou empresário rico, bem sucedi-





do e ovante de sua mediocridade. No campo das artes, o grotesco e a vulgaridade tornaram-se a meta dominante (**quadro na página ao lado**).

Essa decadência corresponde a um empobrecimento de espírito e a um achatamento dos horizontes mentais, que teve início com o apagar das luzes do *Ancien Régime* e atingiu o auge nos dias de hoje. Dr. Plínio procurou, por todos os meios ao seu alcance, “desamassar” a mentalidade terra-a-terra, apática e igualitária, de modo a que se tivesse uma apetência por tudo que fosse perfeito, elevado, esplendoroso, sublime. **Para ele, esse erguer-se de corpo inteiro para os parâmetros do “príncipe herdeiro de cada um” corresponde exatamente àquilo que ele entende por aristocratizar-se.**

Como consequência do domínio atual da Revolução, existem incompreensões para com tudo que se relacione com nobreza, tónus aristocrático etc. Não é compreensível, no entanto, que entre alguns membros do Grupo haja uma frieza em relação a esses valores. Dr. Plínio comenta tal falha: “*Existe uma espécie de antipatia contra a aristocracia enquanto aristocracia, que não pode deixar de ser vista como uma espécie de antipatia contra Deus enquanto Deus*”.

Não raras vezes, e já desde os antigos tempos, lamentava ele nossa atitude contraditória, elogiando o modo respeitoso com que ele se relacionava com D. Antonio de Castro Mayer e os sacerdotes, e calando a respeito de seus cuidados equivalentes em relação à categoria aristocrática, tão presente na figura de nossos dois príncipes. E por quê? Porque prioriza-se o aspecto religioso de nossa causa, deixando na sombra o temporal. Na verdade, ambos são essenciais, e amesquinhar um deles é desnaturar ambos.

Ele costumava chamar nossa atenção para o perigo, típico da *heresia branca*, de avaliar o valor de um membro do Grupo exclusivamente pelo seu grau de piedade; e abstraindo da amplidão de sua visão sobre grandes realidades da Revolução e Contra-revolução, de sua categoria de espírito e de seu apreço à radicalidade combativa, ou seja, de seu tónus aristocrático, senhoril e guerreiro.

Oposto à ordem hierárquica e sacral do universo é o igualitarismo e o caminhar rumo ao caos. Esse processo está magnificamente apontado no livro *Revolução e Contra-Revolução*, no qual podemos constatar que existe uma constante em todas as grandes revoluções ocorridas no



mundo ao longo dos séculos: o ódio à existência de classes sociais diversificadas. Isso ocorreu na Antiguidade, na Idade Média, mas teve seu paradigma na Revolução Francesa, considerada por Dr. Plínio como o arquétipo de todas as revoluções. Qual a razão para essa fixação? Entre inúmeras outras, uma se destaca: a inconformidade do revolucionário para com o fato de a ascensão social apenas ocorrer através de um processo longo de aperfeiçoamento.

Há escalas sociais em que os superiores existem potencialmente nos inferiores. Exemplo disso é o dos soldados que, se forem disciplinados e estudarem em academias militares, poderão ascender ao oficialato. Essa possibilidade circunscreve o desnível existente entre oficiais e praças.

A ascensão a classes mais elevadas, no entanto, ocorre de modo diverso. No livro sobre a Nobreza, descreve-se como a nobreza europeia se constituiu pelo governo dos senhores feudais sobre seus feudos, por terem vertido seu sangue em campos de batalha, e principalmente pelo fato de terem ampliado seus horizontes, aprimorando seus costumes e modos de vida. Esse processo de aperfeiçoamento, como seria de esperar, efetivou-se ao correr do tempo. Além do mais, o aperfeiçoamento dos valores inerentes à condição aristocrática é um fenômeno tipicamente familiar. As pessoas não ascendem socialmente de modo individual, mas é toda a família que as acompanha em sua subida a um *status* superior. Às vezes é o indivíduo que arrasta a família; noutras ocasiões é a família que se aristocratiza e eleva seus membros.

Isso comprova quão difícil se torna uma ascensão social levada a efeito de imediato, ou seja, indica uma relativa inacessibilidade à nobreza. Relativa, porque a nobilitação pode se realizar também pela prática de insígnias atos de bravura numa guerra ou pelo brilho alcançado na prestação de serviços profissionais ou culturais de alto valor para o país.

O próprio do invejoso é desejar ascender socialmente de imediato, esquecendo que os aprimoramentos necessários para tal levam tempo para concretizar-se. Não o conseguindo, passa a atacar e ridicularizar a nobreza: “*As uvas estão verdes*”, já dizia o lobo na fábula de La Fontaine.

Essa relativa inacessibilidade à nobreza não é a única fonte do ódio revolucionário às distinções de classes, mas certamente é a mais significativa.



É possível que haja entre nós quem tenha dificuldade de compreender o apreço tão especial de Dr. Plínio pela nobreza, ao ponto de reivindicar em seu livro uma “opção preferencial pelos nobres”, simétrica à “opção preferencial pelos pobres”. Qual a razão para centrar sua atenção numa classe já privilegiada, possivelmente empobrecida, mas com seu prestígio social intacto? Por que não se interessar em apontar a importância dos burgueses na hierarquia social, e o mesmo em relação à classe popular? **A resposta a este questionamento é que a Revolução golpeou, com êxito, a parte mais elevada da hierarquia social — a nobreza. Golpeando a cabeça, o corpo perde a vida, a ordem hierárquica e sacral se desfaz. Urge,**



por conseguinte, um esforço em sentido contrário, para evitar o desenvolvimento desse processo.

A nobreza, como já apontamos, sofreu séculos seguidos de uma campanha persecutória. Primeiro para enfraquecê-la politicamente, depois para levá-la a uma vida inconsequente e frívola, e finalmente para empobrecê-la de modo a eliminar sua expressão social. A partir do séc. XVII a nobreza começou a decair por sucessivos degraus, a perder relevância, a ponto de hoje ser conhecida apenas como uma classe alta da sociedade, mas sem maior significado político.

Se a nobreza não estivesse sendo objeto de uma perseguição implacável por parte dos revolucionários, talvez Dr. Plínio não se tivesse preocupado com tanto afincos em defendê-la, como era seu hábito.

“Na iminência de uma batalha, o exército deve ter um destacamento de elite com capacidade de socorrer, de imediato, o setor da linha de frente que estiver sofrendo o principal impacto da ofensiva inimiga”. Pensei que essa recomendação fosse de Napoleão, o que me impediria de citá-lo, pois Dr. Plínio detestaria que esse nome fosse mencionado numa mini-biografia sua. Mas verifiquei que é um conceito corriqueiro entre os militares.

A prova de que a predileção toda especial de Dr. Plínio pela nobreza é devida ao fato de ela ter-se tornado o alvo preferencial da ofensiva revolucionária, é a seguinte afirmação feita por ele a um dos membros do Grupo: ***“Se eu chegasse a viver no Reino de Maria, em que a nobreza gozasse do reconhecimento público merecido, possivelmente eu me tornaria o paladino da classe popular”.***

Na expectativa de que eu tenha explicitado adequadamente o sentido em que Dr. Plínio desejava que os membros do Grupo se aristocratizassem, faço um pequeno resumo do acima exposto:

Na *ótica pliniana* a nobreza é vista como o fator dominante nos processos de aperfeiçoamento dos costumes, da cultura, do trato social, do critério de valores, da sabedoria de vida.

Na Idade Média os clérigos eram avaliados por seu saber e grau de virtude; os cavaleiros, pela pertencença a esta ou àquela ordem de cavalaria e por seus feitos. Nossa nobilitação decorre de sermos partícipes da vocação de Dr. Plínio.



Adquirir um tônus aristocrático significa aperfeiçoar nosso porte senhoril, altaneiro e combativo; em outras palavras, nos erguermos tendo em vista os parâmetros do “príncipe herdeiro” de cada um.

A nobreza constitui o alvo preferencial do ódio igualitário e revolucionário; cabe a nós reivindicar sua liderança política e social e protegê-la da campanha difamatória de que é vítima.

Pode-se até dizer que a nobreza é a alma da sociedade, mesmo sendo, apenas uma de suas partes. O todo chama-se civilização e é para a reconstrução de uma civilização verdadeiramente cristã, orgânica, hierárquica e sacral, que ele dedicou sua vida.



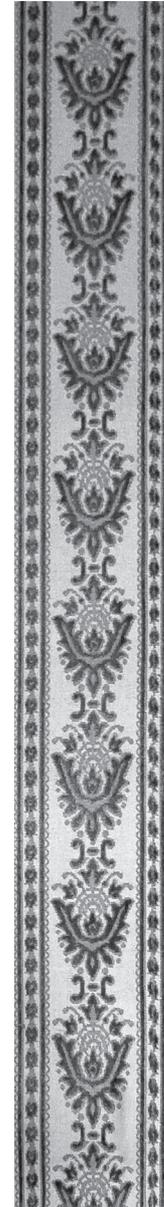


Visão simbólica histórica e artística do mundo, traço marcante e original da personalidade de Plínio Corrêa de Oliveira

Erram aqueles que pensam que conhecem bem a personalidade de Dr. Plínio se deixam de lado uma de suas facetas mais originais de seu modo de apreciar e interpretar as realidades da vida. Refiro-me à sua extrema facilidade e gosto em detectar o valor simbólico das coisas, dos costumes, dos fatos históricos, e sobretudo, dos gestos, olhares e reações psicológicas.

Símbolo, em sua acepção mais nobre, é a expressão material de algo imaterial, imponderável. Deus, com efeito, criou seres materiais com analogias surpreendentes com valores de ordem superior, espiritual, cabendo a nós ficar atentos para detectar e apreciar essas evocações.

A razão principal de cada coisa não é a funcional, mas sua razão simbólica, a autoridade paterna, por exemplo. Sua razão mais alta não é a de alimentar e educar os filhos, mas sim a de representar a Deus junto a eles. O





Criador enquanto gerando, enquanto nutrido, enquanto formando etc.. Essa função simbólica é o que há de mais poderoso para a formação das almas. É mediante essa simbologia que nos exercitamos na prática do amor a Deus.

Não basta ir diretamente a Deus, é preciso compreender a linguagem muda dos símbolos e ouvir seus ecos que chegam até Ele. Deus é sempre o termo último das analogias e tanto é assim que se pode afirmar que todo o universo, de um modo ou de outro, é um símbolo de Deus.

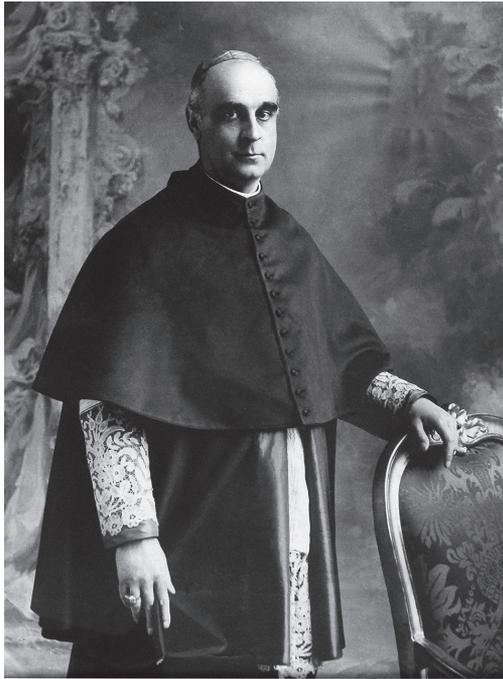
Nisso colocamos a nota tônica. E colocamo-la porque a função simbólica é sempre a mais alta na ordem das causas finais. Lembrar sua altíssima função na ordem do amor de Deus, como que tornar Deus visível aos homens.

Existe uma simbologia natural — jogos de luzes podem lembrar estados de espírito — e uma simbologia artificial — a linguagem, as artes etc. O belo é símbolo do bom, e a verdadeira beleza simboliza o bem. Desta maneira, a verdadeira arte simboliza a moral.

Dr. Plínio, desde criança, comentava prazerosamente o olhar de sua mãe, os gestos e a postura de seus tios, a finura, ou sua falta, deste ou daquele visitante etc. Manifestava igualmente um gosto todo especial pelas pedras — suas cores, seu luzir, suas transparências, seu mistério, sua capacidade de simbolizar valores espirituais. Com efeito, quando se contempla píncaros de seres meramente naturais, o espírito caminha para um sentimento

religioso. Por exemplo, quando o Cardeal Merry del Val (**foto**) visitou a Suíça e contemplou aqueles píncaros, tirou o chapéu e cantou o *Magnificat*.

O vermelho dos rubis, quinta essência da grandeza, da força espiritual, da glória em seu estado puro; o verde da esmeralda, sua transparência lembrando a pureza da alma, seu lusco-





fusco encobrendo mistérios e profundidades a serem desvendadas; os diamantes, o símbolo da supremacia, da realeza — seu brilho é a matriz de todas as luzes.

Se assim ele discorria sobre o simbolismo de seres inanimados, o que dizer de suas dissertações sobre seres vivos? Os gatos, os cachorros e, sobretudo os cavalos? Ao se referir às pessoas, sua atenção, como seria de esperar, se concentrava no olhar. O porte, a classe, a segurança, a presença, numa palavra, também pesavam; mas a “impronta”, como dizem os espanhóis, é dada pelo olhar. O olhar tanto pode ser o símbolo da alma, da vida, da virtude, como do vício ou da apatia.

Lembro-me muito bem — no reino das lembranças os anos não contam — de uma visita que Dr. Plínio e nosso pequeno grupo realizou a José Gustavo de Souza Queiroz, amigo e correligionário nosso, que se restabelecia de doença grave num hospital. Na saída uma freira veio nos convidar para visitar um velho padre, com fama de santidade, que estava para morrer naquele dia. Nos meus verdes anos, 16 ou 18, senti meus membros vacilarem diante da morte. Fiquei bem atrás, mas a curiosidade me levou a observar de relance o rosto do moribundo. Confesso que a espiritualidade, a força, e eu diria até mesmo, a felicidade desse olhar me marcaram para o resto de minha vida.

Dr. Plínio, que possuía como uma espécie de carisma o discernimento dos estados de alma, sempre considerou o olhar das pessoas como o símbolo adequado para se conhecer o caráter das pessoas. Não raras vezes, no cumprimento a pessoas de nosso grupo, ele como que pressentia seu estado de espírito, suas crises ou seu progresso espiritual. E ao conhecer estranhos, com facilidade apontava as características de sua personalidade, sua *arrière pensée*, suas tendências revolucionárias. E tanto era assim, que após encontros com possíveis futuros integrantes do grupo, com visitantes que vieram conhecê-lo ou simples personagens de nosso dia-a-dia, procurávamos logo após conhecer seus comentários. E não raras vezes ficávamos surpresos com o enfoque dado por ele para detalhes que nos tinham passado despercebidos ou para interpretações que ele dava a certos movimentos de alma da pessoa e que nunca teriam chamado nossa atenção. Quanta objetividade, quanta benquerença, quanta bonomia; algumas vezes quanta severidade, podíamos perceber naquelas ocasiões. E várias vezes me diverti ao



observar como os comentários de Dr. Plínio, para grande desconcerto dos ouvintes, revelavam pontos de vista inteiramente originais e inesperados.

No auge da Guerra Fria, um príncipe alemão veio nos visitar vestido com calças curtas e chapéu tirolês. A maioria dentre nós estava convicta que esse modo um tanto rústico de se apresentar iria despertar não poucas críticas por parte de Dr. Plínio. Qual não foi nossa surpresa ao ouvir da parte dele um comentário francamente elogioso da naturalidade, segurança e sobranceira com as quais o príncipe se apresentou vestindo um traje típico de sua região. Em seqüência passou para a temática muito cara a ele — a nobreza considerada como o “núcleo duro”, a essência das essências do caráter de um povo e nos apresentou uma belíssima conferência. Essas e outras exposições sobre a referida temática prepararam, ao longo de sua vida, a elaboração de sua monumental obra *Nobreza e elites tradicionais análogas*.

Afirmações colhidas ao longo de conversas, a leitura de biografias, a observação de fotografias antigas, davam oportunidade para Dr. Plínio de extrair delas comentários sem fim, análises portentosas, configurações inesperadas, correlações surpreendentes. Certa vez, ao comentar uma fotografia publicada numa revista em que se via os londrinos comprimindo-se numa calçada para poder assistir a passagem da rainha da Inglaterra após a cerimônia da coroação; enquanto todos nós comentávamos a beleza da carruagem, o “aplomb” dos cavaleiros etc. ele chamou-nos a atenção para um menino de uns dez anos de idade, que assistia ao desfile com olhar irradiante de admiração, verdadeira personificação do entusiasmo. Não de um entusiasmo trivial, mas daqueles que surgem do âmago dos seres e tão profundo que, se preciso fosse, o levaria a dar sua vida. A propósito da cena, Dr. Plínio fez dois comentários: Se ele se mantivesse fiel a essas disposições, provavelmente se converteria. E, se nesta fotografia comparássemos a figura da rainha com a de seu pequeno súdito para ver qual delas simbolizava melhor a monarquia, a grandeza do Império britânico e a intrepidez do caráter dos ingleses, ele escolheria a do menino.

Fazia parte de seu carisma de conhecer estados de espírito a sensibilidade que tinha para detectar o espírito revolucionário, igualitário e chulo nas mais diversas manifestações artísticas. Assim, por exemplo, enquanto para nós era difícil explicitar a razão pela qual percebíamos



que a arquitetura de certas igrejas modernas era revolucionária, Dr. Plínio discorria com facilidade mostrando como a ausência de ornatos, a brutalidade de certas formas, a redução intencional das manifestações simbólicas em função da “utilidade” e da “simplicidade”, e outros elementos que constituem os ícones de tudo o que é moderno, ao invés de exaltar os valores espirituais, ao contrário, os rebaixam. As igrejas modernas, como ficou provado nos magníficos artigos que “Catolicismo” publicou sobre o tema, mais parecem garages do que locais de oração.

Dr. Plínio sempre julgou a visão simbólica das coisas tão vital para a boa formação espiritual de seus seguidores que ele mesmo escrevia em todos os números de nossa revista uma coluna denominada “Ambientes, Costumes, Civilizações”.

A reunião de todos estes artigos num livro, com boas fotografias, viria a constituir um instrumento eficientíssimo para a formação de uma *Weltanschauung* tradicional, ortodoxa, aristocratizante. Além disso, constituía uma leitura sumamente agradável sobre uma temática original e muito reveladora da personalidade de nosso sempre saudoso Dr. Plínio. Aqueles que o conheceram, ao ler, ou reler, tais “flashes” que tão bem retratam o declínio da civilização cristã, certamente terão diante de si a figura inteira desse grande pensador. E terão ainda saudades dobradas dos dias em que ele conversava ou escrevia com “*tanto enlevo sobre as ruínas da Cristandade às quais ele dedicou toda sua vida*”.



Anexos

Apresentamos, como anexos, uma exposição feita pelo Dr. Plinio sobre Luís XIV indicativa de seu apreço pelo *Ancien Régime* e outra na qual ele indica a honra como sendo nossa luz primordial.

Elas nos ajudam a compreender seu amor pela grandeza enquanto símbolo de Deus Todo-Poderoso e a visão da honra como síntese de todas virtudes.



Luís XIV apresenta seu neto, o Duque de Anjou,
como novo Rei da Espanha



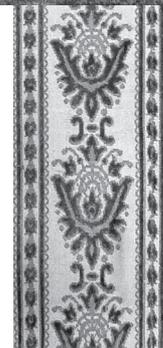
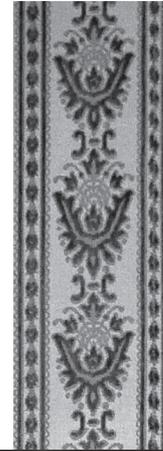


Luís XIV

Cada um afirmava a superioridade de um determinado padrão humano e de uma determinada luz de alma, de uma determinada forma de cultura. De maneira que a luz da alma espanhola, vocês poderiam vê-la na foto deste castelo. Vocês estão certos de que nenhum francês construiria um castelo destes, e quem construiu *Chambord* teria dificuldade em compreender este castelo e vice-versa.

A França representando uma forma de espírito — a graça, o charme, o brilho, a elegância, a distinção etc. Ela está mais posta no esplendor do movimento do que no esplendor do que é estático.

Em qualquer castelo francês há algo ali que tem vida. A *Sainte-Chapelle* tem vida, é uma coisa simplesmente prodigiosa. É viva e amável como uma mãe de família, é uma coisa extraordinária.





Porfia — uma especie de luta para quem quisesse, mediante o poder, assumir uma forma de influência para fazer prevalecer no mundo aquele tipo de perfeição de Deus.

Luís XIV teve o desejo imenso de fazer vencer *le charme français, l'élégance française, la gloire française, la splendeur française*.

A cada rei competia tomar parte nesta porfia e levar a grandeza de seu povo ao máximo. Competia a ele a missão providencial de levar o esplendor da França a esse auge. E isso é algo que não se pode discutir.

Ele encheu a França de sua luz. E transformou toda a vida meio burguesa, meio arrastadona da França, naquilo, de maneira a toda a nação ficar luzidia de certa luz de Versalhes.

Ele inaugurou algo mediante o qual a nação inteira se sentiu interpretada e subiu até ele. Foi um regente de orquestra que fez com que o último francês, do último recanto, começasse a tocar flauta ou instrumentos de sopros à maneira dele. E disse: “*França sou eu, França sois vós. Entrai na minha orquestra e a França inteira fará ouvir sua sonoridade no mundo*”.

Ele inspirou, deu impulso, deu *élan*, afrancesou a Europa e o Ocidente.

Colocou a força, a grandeza etc. na ordem do dia. Mas uma força e uma grandeza tão brilhantes que não se podia conceber a França no infortúnio, na dor e na tristeza, na seriedade... Com isto entrou no País uma identificação entre charme leve, frivolidade e cultura, que intoxicou os reinados seguintes.

O Príncipe de Croÿ quando entrava num salão, tornava-se o funeral do salão, porque ele trazia consigo a glória, a seriedade, a força. E a frivolidade detestava isso. Começara o reinado das mulheres na França. Tudo começou a tomar um caráter feminino.

Se Luís XIV, caso se tivesse convertido, colocasse, por exemplo, em cima da janela central daquela *Cour de Marbre* de Versalhes um Sagrado Coração de Jesus, mas concebido de certo modo, de certo jeito, teria, só por si, irradiado uma graça extraordinária. Iniciativas desse gênero teriam produzido um efeito incomparável que eu não sou capaz de descrever.





Honra, segundo Dr. Plinio

Segundo o teólogo espanhol, Pe. Royo Marin, a honra é a corda, o ornamento e o esplendor de todas as outras virtudes.

O homem “grande” é “superior”, não porque seja orgulhoso, mas justamente por esquecer-se de si mesmo devido aos elevados princípios que o guiam. Dr. Plinio explica isto com palavras que merecem ser lidas com atenção:

“A verdadeira grandeza existe, ela é a superioridade. É a superioridade na ordem da graça, é a superioridade na ordem da natureza, é a superioridade na ordem da missão. Mas esta verdadeira grandeza o homem não a tem principalmente para sua vantagem, não a tem principalmente para seu serviço, ele a tem para a glória de Deus. Ele é grande para servir, ele é grande para lutar por algo que não é ele; e na medida em que procure se apropriar do fruto de sua luta para se engrandecer, ele se desvia de sua missão.”





Quer dizer, ele deve ser desinteressado, ser abnegado, não deve olhar para sua própria grandeza e contemplá-la vaidosamente, porque a perde no momento em que ele o fizer, e no momento em que a contemplar, deve simplesmente dizer: o que Deus me concedeu, a Deus pertence como também eu mesmo. Por Deus empregarei até o último hausto de minha vida, eis o que eu farei.

Então, tudo quanto nele possa haver de maior do que em outros, toma uma grandeza que não é mais uma grandeza humana, mas ela é participante da própria grandeza de Deus; já é o próprio Deus que entra dentro dessa relação como termo ao qual tal grandeza se destina. E aquele que então é grande, porque Deus o criou para servi-Lo, esse grande imita Nosso Senhor Jesus Cristo, Homem-Deus que veio à Terra para realizar uma missão.

Tal missão era nobilitante? Era. Mas era uma missão que consistia em ser negado, em ser injuriado, em ser maltratado, em ser crucificado. Ele aceitou a missão. Maior do que todas as missões, Ele aceitou não reinar; aceitou morrer na Cruz como um criminoso, porque essa era a finalidade. A grandeza d'Ele não Lhe foi dada para dominar a Terra, a grandeza d'Ele foi concedida para que, na realidade, se estabelecesse o Reino do Padre Eterno na Terra" [...]

A honra é nossa luz primordial e está para a TFP como a pobreza para os franciscanos. Somos da escola da honra. Portanto, à luz da honra, todas as virtudes para nós têm luz, e sem a honra, as virtudes não têm luz".

Este livro acabou de imprimir-se
no dia 3 de junho de 2016,
Festa do Sagrado Coração de Jesus.

